

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA**

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE ORIENTAÇÃO DO TÓPICO

*Deslocamento para a Esquerda e Topicalização em textos produzidos por estudantes
florianopolitanos*

**Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-Graduação em Lingüística da
Universidade Federal de Santa Catarina,
como parte dos requisitos para obtenção
do grau de Mestre em Lingüística.**

**HELOISA ROTOLO DE
VASCONCELOS**

Florianópolis

1993

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de

MESTRE EM LETRAS

Area de Lingüística Aplicada - Lingüística Funcional e Sociolingüística - e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras.

Faruk Nome

Prof. Dr. Faruk José Aguilera Nome
Coordenador do Curso de Pós-Graduação
em Letras - Lingüística

Sebastião Josué Votre

Prof. Dr. Sebastião Josué Votre
Orientador

Paulino Vandresen

Prof. Dr. Paulino Vandresen
Co-orientador

Sebastião Josué Votre

Prof. Sebastião Josué Votre

Paulino Vandresen

Prof. Paulino Vandresen

M. Marta Furlanetto

Prof.ª Maria Marta Furlanetto

Felício W. Margotti

Prof. Felício W. Margotti

A Ciro.

A Evelyn e Gustavo.

Aos meus pais.

com amor.

ABSTRACT

In this paper, two important mechanisms used in the structuring of discourse are examined: *Topicalization and Left Dislocation*, in a comparative study between speech and writing. These two phenomena, generally found in oral language, are rarely present in writing, except in more advanced school levels, where greater knowledge of linguistic rules seem to allow certain freedom concerning the use of stylistic resources. In a functional perspective, it is shown that Informativity and Contrastiveness are the most evident functions in the development of both phenomena; they may even be determinants of the reason for their use.

The study make a contrast between oral and written texts given by eighteen informants from publics schools of Florianópolis, dealing with the same topic and produced in similar situations of production. The main purpose of such study is to offer contribution to a reevaluation of the strategies used in teaching language, which, at times, may limit students' spontaneity and creativity.

RESUMO

Nesta pesquisa, são analisados dois importantes mecanismos usados na estruturação do discurso: *Topicalização e Deslocamento para a Esquerda*, em estudo comparativo entre fala e escrita. Estes dois fenômenos, encontrados com frequência na linguagem oral, têm uso mais restrito na escrita, exceto em níveis mais adiantados de escolaridade, em que o maior domínio das estruturas formais parece facilitar o seu emprego, inclusive como recurso estilístico.

O estudo contrasta textos orais e escritos de dezoito informantes provenientes de escolas públicas de Florianópolis, versando sobre os mesmos tópicos e produzidos em similares situações de produção. Sob uma perspectiva funcional, mostra que Informatividade e Contrastividade são as funções mais importantes no comportamento de ambos os fenômenos, podendo até ser determinantes da razão de seu uso. O principal objetivo de tal estudo consiste em oferecer uma contribuição à reavaliação das estratégias usadas no ensino da língua, que, às vezes, parecem limitar a criatividade e a espontaneidade dos alunos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. O problema	1
1.2. Hipóteses	3
1.3. Apresentação da pesquisa	5
2. METODOLOGIA	6
2.1. Princípios	6
2.2. Corpus	8
2.2.1. Os informantes	9
2.2.2. Os textos	10
2.2.3. A coleta	11
3. A TEORIA FUNCIONALISTA	13
3.1. Histórico	14
3.2. Fundamentos	17
3.2.1. O princípio da iconicidade	20
3.2.2. O princípio da marcação	22
3.3. As funções e sua relevância	25
3.3.1. A informatividade	28
3.3.2. A contrastividade	31

4. OS FENÔMENOS	34
4.1. Deslocamento para a Esquerda	36
4.1.1. Pressupostos	36
4.1.2. Análise e comentários	42
4.1.2.1. DES e contrastividade	47
4.1.2.2. DES e informatividade	54
4.1.2.3. DES e definitização	59
4.1.2.4. DES e manejo de turno	63
4.1.2.5. DES e situação monologal vs. situação dialogal..	64
4.1.2.6. DES e continuidade do tópico	66
4.1.2.7. Tipologia de DES	69
4.1.2.8. DES na escrita	76
4.2. Topicalização	81
4.2.1. Pressupostos	81
4.2.2. Análise e comentários	85
4.2.2.1. TOP e contrastividade	87
4.2.2.2. TOP e informatividade	91
4.2.2.3. TOP e definitização	96
4.2.2.4. TOP e continuidade vs. descontinuidade	100
4.2.2.5. TOP e situação monologal vs. situação dialogal..	103
4.2.2.6. TOP e manejo de turno	106
4.2.2.7. Tipologia de TOP	109
4.2.2.8. TOP na escrita	116
5. CONCLUSÃO	122
6. BIBLIOGRAFIA	127
7. ANEXOS	133

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1. O problema:

Dentre as estratégias empregadas pelos usuários da língua, na organização de seu discurso, assume grande importância a da ordenação dos constituintes na sentença que, por sua vez, insere-se no contexto maior do parágrafo, de cujo conjunto se constitui o texto. Desse modo, o texto apresenta-se como uma rede de relações sintáticas e semânticas, influenciadas por um fator maior - o pragmático.

Nessa rede de relações sintáticas, semânticas e pragmáticas, encaixam-se as estratégias de orientação do tópico, entendidas como mecanismos de 'destaque' e 'demonção' de determinados constituintes oracionais. Quando empregadas, imprimem nova feição ao enunciado, que adquire o status de marcado em relação aos demais.

Construções de tópico são bastante comuns no português brasileiro falado. Fazem-se presentes em diálogos informais, em discussões políticas, em comunicações científicas, em entrevistas,

depoimentos, enfim, na quase totalidade das situações de uso real da língua na sua modalidade oral.

A partir dessa observação e da constatação das dificuldades encontradas por grande número de pessoas, nos diferentes níveis de escolaridade, frente à expressão escrita, estruturou-se esta pesquisa, com o intuito de realizar um estudo comparativo entre os modos oral e escrito de nosso idioma.

Para tal, proponho-me a examinar, em ambos os modos de expressão, as estratégias discursivas de orientação do tópico que rotulo de *DESLOCAMENTO PARA A ESQUERDA* e de *TOPICALIZAÇÃO*, e que exemplifico a seguir:

"Bem, *a minha narrativa*, ela é diferente né, acho que não é com toda pessoa que acontece isso." (Juna)

"... eu fui lá, falei com meu tio, tudo, e *a dúvida* eu tô na minha cabeça até hoje."

O locutor topicaliza certos elementos, atribuindo-lhes posição e/ou feição de destaque, porque deseja, de algum modo, chamar a atenção sobre eles. Pergunto-me: se age assim na fala, por que não o faz na escrita? Ou, por outra: como se dá tal processo na escrita?

Pontes (1981) alerta para o fato de que professores costumam adotar atitudes preconceituosas no tocante a aceitar construções de topicalização nos trabalhos de seus alunos, alegando que se

escritores famosos as utilizam é porque sabem utilizá-las. Com isso, os referidos professores acabam por castrar a criatividade dos alunos, que não podem expressar-se com naturalidade na escrita, uma vez que se vêem obrigados a modificar as estruturas a que estão habituados no modo coloquial, a fim de adaptarem-se às regras do modo escrito.

À luz da teoria funcionalista, que estuda a língua em seu uso real e efetivo, empreendo um estudo de natureza qualitativo-quantitativa, com vistas a identificar o papel funcional dos fenômenos, suas variáveis, suas características, suas correlações estruturais, as tendências de sua utilização, sua extensão ou grau de abrangência, bem como as principais diferenças entre os dois modos de expressão. Dentre as variáveis sociais passíveis de causar interferências, por exemplo, no percentual de ocorrências, pré-seleciono nível de escolaridade e sexo, o que, de antemão, direciona a constituição e organização do corpus.

1.2. Hipóteses:

- Tanto o Deslocamento para a Esquerda quanto a Topicalização deverão aparecer nos textos orais dos estudantes dos três níveis de escolaridade, bem como de ambos os sexos. Na escrita, seu uso tenderá a ser mais restrito, particularmente nos casos de Deslocamento para a Esquerda, que se tem mostrado típico das situações de fala.

- Contrastividade e informatividade deverão ser as funções mais atuantes em ambos os fenômenos. Logo, a entonação e a ordenação-vocabular também tenderão a exercer um papel importante.

- Os referentes de ambos os fenômenos deverão mostrar-se dados ou inferíveis, presentes em situações de diálogo ou monólogo. Por características previamente observadas, prevejo um pecentual de 100% de definitização para esses referentes.

- Os casos de Deslocamento para a Esquerda deverão ocorrer em contextos de início de cláusulas, imprimindo à construção o status de marcada em relação às construções de sujeito não-marcadas. Tenderão a aparecer no interior da cadeia discursiva, sob a responsabilidade do locutor, embora também possam ser encontrados casos que se afigurem como provocados pelo alocutário.

- As ocorrências de Topicalização deverão acontecer em posições variadas do enunciado, com predominância para os inícios de períodos. Com base em estudos anteriormente realizados, espero um número expressivo de topicalizações provocadas pelo interlocutor.

1.3. Apresentação da pesquisa:

Em linhas básicas, o conteúdo da pesquisa é o seguinte:

No capítulo 2, descrevo a metodologia utilizada, mais especificamente os princípios gerais que a norteiam, os métodos empregados na organização e constituição do corpus, os tipos de textos coletados, além das características sociais dos informantes.

No capítulo 3, apresento os pressupostos teóricos básicos da teoria funcionalista, dentro de cujos princípios se desenvolve toda a pesquisa, bem como das funções e características mais típicas dos fenômenos estudados.

No capítulo 4, procedo à análise e discussão das ocorrências dos fenômenos, assim como das características manifestadas tanto nos textos orais como nos escritos.

No capítulo 5, apresento a conclusão, com a síntese dos principais achados, e algumas sugestões para futuras pesquisas em torno do assunto.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1. Princípios básicos:

Nesta pesquisa, adoto os parâmetros da Teoria do Funcionalismo Lingüístico de linha norte-americana, preconizada por Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Russell Tomlin, entre outros. No Brasil, trabalham nessa mesma linha Anthony Naro, Sebastião Votre, Angélica Furtado, Elisabeth Silveira, Átila Lousada, Edair Gorski, Mário Martelotta e Mônica Rio Nobre, associados ao projeto Discurso & Gramática, em desenvolvimento na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O objetivo maior dessa linha de lingüística funcional consiste em explicar a sintaxe com base na situação comunicativa. Sob tal perspectiva, os estudos desenvolvidos dentro da teoria observam a linguagem a partir do contexto de seu uso, com todas as características e fenômenos que possa apresentar e que, na verdade, constituem a gramática da língua. A estrutura aparece como derivada das relações estabelecidas no momento da comunicação, sujeita às necessidades e imprevistos da situação interativa. Conseqüentemente, a língua é vista como maleável e

determinada pelas funções a que se destina, sensível às mudanças ou variações impostas pelo contexto.

Um estudo assim determinado toma a função como ponto de partida e como critério de análise, pois entende como de fundamental importância as tarefas que a estrutura e a forma da língua venham a desempenhar na comunicação humana. Partindo de uma visão global do fenômeno da comunicação, valoriza a intuição como critério básico na testagem contínua de suas hipóteses, sem desprezar, no entanto, a dedução, sabendo ser esta quase que inevitável, no decorrer do ciclo da pesquisa. Givón (1991), ao pregar um funcionalismo mais maduro, consciente de seus pontos fracos e de suas carências, condena a atitude radical de cientistas que adotam pontos de vista extremos nas questões referentes a indução e dedução. Postula que toda ciência empírica envolve um misto de três inferências estratégicas: raciocínio dedutivo, raciocínio indutivo e raciocínio analógico-abdutivo¹, estratégias estas que são usadas nos diferentes estágios da investigação científica.

A metodologia que utilizo configura a pesquisa como de ordem qualitativa, com suporte quantitativo. Em grande parte, apresenta características típicas de trabalhos sociolinguísticos, particularmente daqueles iniciados por William Labov, nas suas

¹'Analógico-abdutivo' foi a tradução encontrada para o termo 'abductive-analogical' empregado por Givón. Conforme o Dicionário Aurélio: "abdutivo: adjetivo relativo a abdução". "Abdução [do latim abductione]: ato ou efeito de abduzir". "Abduzir [do latim abducere]: desviar de um ponto; afastar, arredar."

pesquisas sobre o inglês dos estudantes negros de Nova Iorque. São da tradição laboviana aspectos como a preocupação de trabalhar com dados coletados em situações de uso efetivo da língua, os métodos de coleta, transcrição e organização dos dados, a consideração de fatores sociais a exemplo de idade, sexo, escolaridade, nível sócio-econômico, procedência geográfica, entre outros, que possam ter influência sobre os processos em observação. É de Labov, ainda, o aspecto quantitativo da pesquisa, que permite testar as hipóteses e estabelecer tendências, segundo Votre (1992) "numa atitude indutiva forte que afasta os riscos de uma falsa empiria".

Por outro lado, impõe-se como uma pesquisa qualitativa, e é esta sua principal feição, por não se contentar com a pura e simples observação do fenômeno. Procura ir além, com o intuito de desvendar todas as características que cercam esse fenômeno, ou seja, os contextos de sua ocorrência, suas possíveis causas e efeitos, como também a função que a estrutura contemplada possa vir a desempenhar na comunicação.

2.2. Corpus:

Dada a qualidade da pesquisa, bem como o fator oposição entre fala e escrita, proposto como uma de suas principais finalidades, o corpus básico foi organizado seguindo os moldes do Corpus Discurso & Gramática, utilizado pelo grupo do mesmo nome, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2.2.1. Os informantes:

Para a composição do corpus, estabeleci, a priori, as variáveis sociais sexo e grau de escolaridade, que me possibilitariam verificar se, de fato, ocorreriam os fenômenos em todos os níveis de instrução e independentemente do sexo, o que confirmaria minha hipótese. Sendo assim, selecionei 6 informantes de primeiro grau, 6 de segundo e 6 de terceiro, respectivamente 3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino para cada nível, o que me possibilitou a obtenção de dados de 18 informantes no total. Para maior homogeneidade, trabalhei exclusivamente com séries terminais e com escolas públicas de Florianópolis.

No caso específico do primeiro grau, todos os informantes são alunos de uma mesma escola - Escola Básica Jurema Cavallazzi - situada no bairro da Prainha, próximo ao centro. Já nos outros níveis, a seleção foi um pouco mais diversificada, uma vez que, do segundo grau, 3 alunos estudam no Colégio Estadual Aderbal Ramos da Silva, localizado no bairro do Estreito, 1 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, bairro da Trindade, 1 aluno no Instituto Estadual de Educação e 1 na Escola Técnica Federal, estas situadas no Centro. Os estudantes do terceiro grau são todos alunos da Universidade Federal, sendo 3 do Curso de Letras, 1 do Curso de Engenharia Mecânica, 1 da Engenharia de Produção Civil e 1 da Matemática.

Com o intuito de preservar a identidade dos informantes, atribuí-lhes nomes fictícios, através dos quais identifiquei os textos transcritos.

2.2.2. Os textos:

A cada informante, foi solicitada a criação de 10 textos, 5 orais e 5 escritos, com a observação da seguinte tipologia:

- Narrativa de experiência pessoal: o informante deveria narrar algum fato marcante de sua vida, algo especial, podendo ser alegre, triste ou engraçado, que, de certa maneira, houvesse ficado gravado em sua mente como relevante, a ponto de ser recordado.

- Narrativa recontada: o mesmo procedimento, com a ressalva de que a história houvesse ocorrido com outra pessoa e que essa pessoa, por algum motivo, houvesse lhe contado.

- Descrição de um local: a descrição do local predileto do informante, aquele local em que ele mais gostasse de ficar, em todos os detalhes.

- Relato de procedimentos: neste item, o informante deveria falar sobre algo que gostasse de fazer e/ou que fizesse constantemente, relatando os passos desse procedimento.

- Relato de opiniões: por último, a opinião crítica sobre algo que, de certa maneira, incomodasse ou tocasse o informante, relacionado à política, à educação, à família, à situação da sociedade ou do país.

Este procedimento garantiu um conjunto de 180 textos, bastante diversificados, apropriados a garantir as condições necessárias à observação, não só dos fenômenos em questão, mas também de vários outros que se queira examinar. Por este motivo, ficará o corpus à disposição dos interessados, para futuras pesquisas.

2.2.3. A coleta:

Os procedimentos de coleta foram planejados visando ao estabelecimento de situações descontraídas, tão concretas e reais quanto possível. Para tal, estabeleceram-se contatos prévios com os informantes, nos quais estes foram convidados a participar do trabalho, sendo, na ocasião, esclarecidos sobre a qualidade e importância de sua participação. Além da garantia do anonimato das entrevistas, tiveram total liberdade na organização seqüencial dos diversos tipos de texto solicitados.

Para as entrevistas, foi utilizado o gravador, que não chegou a intimidar os informantes. Todos se mostraram descontraídos e consideraram gratificante a experiência. Após as gravações,

passaram à segunda etapa, na qual, por escrito, produziram textos sobre os mesmos tópicos já abordados na etapa anterior.

A metodologia de coleta, assim determinada, permitiu a organização de um corpus adequado para o tipo de trabalho proposto, já que os textos coletados foram produzidos no modo oral e no modo escrito, versando sobre os mesmos assuntos, em semelhantes condições de produção.

CAPÍTULO 3

A TEORIA FUNCIONALISTA

Conhecida também como Teoria do Funcionalismo Lingüístico, a Lingüística Funcional é uma modalidade da ciência que, pela representatividade e importância de suas pesquisas, vem se impondo cada dia mais no seio dos estudos lingüísticos. Nascida de um ponto de vista básico, que considera a linguagem a partir do seu uso, concebe as relações estruturais como decorrentes do papel que seus termos desempenham no processo da comunicação.

Neste capítulo, apresento uma descrição do funcionalismo, iniciando pelo histórico de suas atividades, no qual figuram os principais pesquisadores e os trabalhos por eles desenvolvidos. A seguir, discorro a respeito dos princípios mais relevantes na formulação da teoria - *iconicidade e marcação* - e, para completar, procedo a uma descrição das funções, com destaque para *informatividade e contrastividade*, pelo papel que desempenham nos fenômenos em observação.

3.1. Histórico:

Como precursores do funcionalismo, podem ser apontados os estudos da Escola de Praga, em que se destacam as contribuições de R. Jakobson, responsável pela redução da complexa classificação das oposições fonológicas ao conjugado binário, bem como pela introdução do conceito de "marca". Com Jakobson, a relação lingüística passa a ser expressa através do jogo de (+) e (-) e o fonema é visto como "um feixe de traços fônicos".

Na Escola de Praga surgem as primeiras análises de orientação funcionalista, bem como os primeiros usos dos termos *função*/*funcional*. Estabelecem-se, também, alguns dos fundamentos teóricos básicos da teoria, com análises pautadas em parâmetros pragmáticos e discursivos, sob a perspectiva de encadeamento de fatos, contrariando a política dos estudos lingüísticos de se considerar somente as mudanças isoladas. (cf. Dubois 1973).

Influenciado pelas idéias da Escola de Praga, A. Martinet, cujos estudos abrangem os campos da fonologia geral e descritiva, da fonologia diacrônica e da lingüística geral, funda, na França, na década de 50, uma escola funcionalista.

Ao lado da Escola de Praga, destaca-se, como precursor e grande impulsionador do funcionalismo, Dwight Bolinger, cujo centro de atuação é a Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Merecem referência suas análises de fenômenos particulares, em

especial seu estudo pioneiro sobre a pragmática da ordenação dos constituintes na oração.

Na Inglaterra, John R. Firth, influenciado pelas idéias do antropólogo B. Malinowski, com sua concepção etnográfica da linguagem que se baseia na importância decisiva do contexto social para a análise de qualquer manifestação lingüística, também se declara eminentemente funcionalista, priorizando, em seus estudos, a "significação contextual". Para ele, tal significação está ligada ao momento e à situação em que cada elemento lingüístico é usado. (cf. Mattoso Câmara: 1966).

Discípulo de Firth, M.A.K. Halliday é outro nome que desponta e segue a visão funcionalista, dando relevância às situações em que as frases se manifestam. Em 1985, Halliday lança o livro *An introduction to functional grammar*, no qual descreve as partes do componente funcional de uma gramática, assim como suas interrelações, com o intuito de fornecer subsídios a uma análise estrutural do texto. Considera, Halliday, uma língua ou parte de uma língua como um recurso para fabricar significados "por escolha". Neste sentido, a estrutura é vista como um recurso de produção ou mecanismo para expressar as escolhas que são feitas.

Mas é por volta de 1975 que começam a proliferar os estudos classificados como propriamente funcionalistas, particularmente na literatura americana. Tais estudos procuram reagir às "impropriedades" encontradas nas pesquisas de abordagem formal.

considerada extremamente abstrata, pautada em dados inventados, muitas vezes jamais produzidos pelos usuários da língua. Destacam-se Gillian Sankoff, cujos trabalhos até então adotavam a metodologia laboviana. Em "The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives", publicado em 1976, em *Language* 52:631-66, em co-autoria com Penelope Brown, Gillian Sankoff formula a primeira hipótese forte da nova tendência analítica, ao afirmar que a sintaxe provém do discurso.

Talmy Givón, com seu texto "From discourse to syntax: grammar as processing strategy", (1979 b), integrante de *Syntax and Semantics*, vol. XII, do qual é organizador, firma-se como figura de indiscutível importância nos estudos funcionalistas. Propõe um esquema de ondas cíclicas para a regularização do uso da língua, afirmando que os fenômenos da língua nascem no discurso e, pelas pressões do uso, acabam gramaticalizando-se.

Os estudos de Sandra Thompson e de Paul Hopper também representam marcos na perspectiva funcionalista. Em "Transitivity in grammar and discourse" (1980), analisam a transitividade, apresentando-a como um complexo de dez parâmetros individuais associados a uma função discursivo/comunicativa capaz de assinalar as porções centrais e periféricas de um texto narrativo. Segundo suas propostas, as orações mais altamente transitivas envolvem um agente intencional, animado, que se comporta ativamente, volitivamente e integralmente em relação a um objeto definido e referencial. É o que podemos observar em muitas das construções de

deslocamento para a esquerda, em que predominam verbos de ação e referentes definidos, em geral humanos e agentes, caracterizando eventos de alta transitividade.

Naro e Votre (1985 e 1989) estudam a ordem verbo-sujeito em dados do português do Rio de Janeiro e concluem que a alternância de orações SV/VS é motivada pelos propósitos comunicativos a que se destinam, resultando, portanto, da situação estabelecida no momento da interação. A ordem VS está estreitamente relacionada a eventos de baixa transitividade, em que o sujeito não é o centro das atenções, mas aparece como um elemento periférico, geralmente portador dos traços [-agente] e [-individuado].

Independentemente da vertente que sigam, os funcionalistas são unânimes na defesa do ponto de vista de que a língua é um fenômeno social, vinculado ao contexto em que é utilizada e às finalidades a que se propõe. Seu objetivo, portanto, não está em modelar a língua, mas em explicá-la com base na situação comunicativa.

3.2. Fundamentos:

Os trabalhos desenvolvidos na linha funcionalista são regidos por dois princípios: *marcação e iconicidade*.

Segundo o princípio de iconicidade, em sua concepção original, seria admitida única e exclusivamente a relação um-para-um entre forma e função. Logo, essa relação deveria ser sempre motivada, e não arbitrária, sendo, ainda, assimétrica, no sentido de que a função determinaria a forma, em toda e qualquer situação. Neste sentido, não seria possível a ocorrência de variações lingüísticas, pois não haveria duas formas alternativas de se dizer a mesma coisa. Ocorre que nem sempre é possível a existência de uma função para uma forma. Por um lado, as estruturas se modificam com o tempo, sofrendo processos de desgaste em suas desinências e terminações, o que leva a um inevitável reducionismo. Por outro, tem se constatado um fenômeno conhecido como 'excess structure' (cf. Givón 1991), segundo o qual alguns elementos estruturais não podem ser relacionados a nenhuma função específica, em hipótese alguma.

Atualmente, tem sido observada uma crescente preocupação por parte de certos funcionalistas, com relação aos posicionamentos radicais. Givón (1991), por exemplo, aponta a existência do funcionalismo ingênuo ("naive functionalism"), cujos seguidores apresentam um idealismo exagerado relativamente às idéias que defendem. Ou são radicais ao extremo, pregando a correlação 1:1 entre forma e função, ou postulam a não-arbitrariedade nessa correlação. Ambos os posicionamentos acabam por provocar críticas por parte dos não-funcionalistas e, até mesmo, dos simpatizantes do funcionalismo, o que poderia ser evitado. Por outro lado, defende um funcionalismo maduro, mais realista e consciente,

voltado a questões de importância comprovada, a exemplo daquelas relacionadas ao aspecto cognitivo. Aponta como pontos relevantes, a serem estudados, os seguintes:

- Como as palavras, cláusulas e discurso são representados na mente/cérebro?
- Onde a "estrutura" gramatical é codificada no cérebro?
- O discurso é armazenado com ou sem estrutura gramatical?
- Qual a função da codificação isomórfica/icônica na mente/cérebro?
- Como a gramática traduz instruções mental/neurológicas em processamento de textos?
- Como se dá o trabalho de tradução em duas direções opostas (codificação e decodificação)?

Do exposto, pode-se depreender que o funcionalismo está atento a questões de cunho profundo, procurando dar conta das constatações dos fenômenos e, sobretudo, dos mecanismos responsáveis pela geração desses fenômenos e da linguagem em geral, procurando desvendar o grande mistério representado pela mente humana, particularmente no que diz respeito à sua organização e às suas manifestações, entre as quais a linguagem é, sem dúvida, o principal expoente.

A seguir, apresento um esboço dos princípios básicos - iconicidade e marcação - que norteiam os estudos funcionalistas contemporâneos.

3.2.1. O princípio de iconicidade:

O princípio de iconicidade manifesta-se através de três subprincípios:

- subprincípio da quantidade;
- subprincípio da proximidade;
- subprincípio da ordenação linear.

O subprincípio da quantidade estabelece que a quantidade de forma está relacionada à quantidade de informação a ser transmitida, como também à predizibilidade e à importância dessa informação. Desse modo, maior quantidade e maior importância de informação supõem maior forma, ou seja, uma estrutura mais extensa, enquanto a maior predizibilidade possibilita o uso de uma estrutura mais restrita.

De acordo com o subprincípio da proximidade, existe uma relação de dependência entre o grau de integração de um elemento no plano cognitivo e o seu grau de integração morfosintática. Assim, a maior ou menor liberdade de movimentação entre os constituintes de uma cláusula depende da integração entre os aspectos cognitivos desses constituintes e, conseqüentemente, o grau de integração e de liberdade manifestados por esses constituintes são indicativos do maior ou menor relacionamento cognitivo entre eles.

A manifestação do subprincípio da proximidade pode ser observada, por exemplo, nas construções VO ou OV que, em geral, apresentam-se com o objeto próximo a seu verbo, seja nas situações de anteposição do objeto, seja nas de posposição. Raramente aparece um terceiro elemento separando o verbo do objeto.

Pelo subprincípio da ordenação linear, a ordenação linear dos constituintes no discurso é determinada por pressões cognitivas. A informação mais importante, por exemplo, tende a ser anteposta, tanto na fala quanto na escrita, o mesmo acontecendo com a informação mais previsível e com a mais tópica. Também há uma tendência de se colocar em primeiro lugar a informação que desempenha função de contraste, mesmo que tal informação seja pouco importante, pouco previsível ou pouco acessível. É o caso específico da topicalização e do deslocamento para a esquerda, em que o contraste parece ser a função predominante. O procedimento poderá ser observado no exemplo a seguir, de autoria da informante Rose:

"Eles *lá* tinham um bom nível de vida, o pai dela era comerciante, aquelas coisas né, e *aquí*, vieram pro Brasil pensando que iam ter uma fazenda..."

Embora os itens em destaque, representados pelos adverbiais espaciais 'lá' e 'aqui', não constituam a informação mais importante, foram destacados através da anteposição, o que sugere a atuação das pressões cognitivas a determinar a estruturação do enunciado.

O princípio de iconicidade está relacionado com o princípio de marcação, o que é evidenciado pela relação de dependência existente entre as estruturas e o contexto em que são realizadas, a frequência distribucional dessas estruturas e a quantidade de informação que contêm.

3.2.2. O princípio de marcação:

Princípio cujas origens remontam à Escola de Praga, encontra-se hoje bastante difundido entre os lingüistas como um conceito binário importante na identificação das estratégias de codificação e decodificação da linguagem. (cf. Givón: 1990b, Votre: 1992).

Um elemento marcado caracteriza-se como mais complexo, codificado através de recursos específicos de subordinação, regência, concordância e colocação, aparecendo em pontos mais qualificados ou especializados da mensagem. Por conseguinte, a construção marcada tende a ser distribucionalmente menos freqüente além de estruturalmente e cognitivamente mais complexa, no sentido de que exige maior atenção, maior esforço mental e mais tempo de processamento.

Um item que aparece como marcado em um contexto pode apresentar-se como não-marcado em outro. Para exemplificar, cito o caso da construção passiva, que é normal e esperada na escrita,

contexto em que é, portanto, não-marcada. Já na fala, sua ocorrência afigura-se como marcada, uma vez que os falantes têm por hábito empregar estruturas ativas e discurso direto.

É evidente, pois, a dependência da estrutura ao contexto discursivo. Importam os tipos de discurso, os tipos de cláusula, tipos de nomes e de verbos. Em geral, observa-se uma escala que vai do extremo menos-marcado até o mais marcado, evidenciando um continuum. Entre os vários tipos de discurso, por exemplo, o oral-informal aparece num extremo da escala, cabendo o outro extremo ao escrito-formal, que seria o mais marcado. O discurso oral-informal é caracterizado, a nível de estruturação sintática, pelo predomínio da coordenação. Sua morfologia gramatical é, em geral, esparsa, com ordem-vocabular flexível, de motivação pragmática. Caracteriza-se pela alta dependência do contexto imediato. Já no discurso formal-escrito, predomina o encaixamento na estruturação sintática, assim como uma abundante morfologia gramatical, organizada dentro de rígida ordem-vocabular. A velocidade de processamento, por outro lado, é mais rápida e mais firme, com baixa dependência do contexto. Pela diferença de atributos, o discurso do tipo formal-escrito é claramente mais complexo, então mais marcado em sua estrutura morfossintática.

Com relação aos tipos de cláusulas, são apontadas como não-marcadas as do tipo: principal, afirmativa, ativa, indicativa, declarativa, em oposição às subordinadas, negativas, passivas,

subjuntivas, manipulativas (interrogativas e imperativas), que são marcadas.

O sujeito é o item menos marcado, podendo ser apagado ou substituído por pronomes, em geral sem prejuízo de interpretação. Além do mais, é adquirido com mais facilidade pelas crianças, o que caracteriza maior simplicidade cognitiva. Isso justifica a expressiva incidência de sujeitos deslocados para a esquerda, que caracteriza a recorrência à estratégia para torná-los marcados em relação aos demais itens da categoria. Aliás, ambos os fenômenos de anteposição que observo, *topicalização e deslocamento para a esquerda*, são exemplos de sintagmas nominais marcados que, ao serem introduzidos no discurso, quebram a expectativa normal do fluxo interativo. É o que exemplifico a seguir, com um trecho da entrevista de uma informante que, em meio à narrativa de um passeio realizado com um grupo de amigos, introduz um elemento novo, embora de certo modo esperado, já que integrante do grupo, e, ao fazê-lo, utiliza a construção de deslocamento à esquerda, caracterizando a marcação:

"... aí a Aline foi na frente e então, *o rapaz, o Alex, ele* subiu numa árvore e deu pra vê todo o Santa Mônica.
(Juna)

Ao invés de utilizar uma construção tradicional de sujeito, não-marcada, a informante optou pelo uso da estruturação com deslocamento para a esquerda, introduzindo um referente novo, não

esperado, que provoca a quebra da expectativa na interação e torna a construção marcada relativamente às demais.

Givón (1990b) alerta para o fato de que, em linguagem e cognição, uma categoria não é identificável pela presença ou ausência de um aspecto somente. As categorias se definem pelo agrupamento de um número suficiente de aspectos centrais, o que é importante particularmente nos casos em que a complexidade estrutural não permite emparelhar os dados distribucionais e substantivos.

3.3. As funções e sua relevância

Tomando por base o interesse dos lingüistas funcionalistas em explicar a sintaxe, ou mais especificamente, os fenômenos e relações que a determinam, a partir da situação em que é produzida, emerge, como de fundamental importância, a função do discurso. E este é o aspecto mais característico dos estudos funcionais: partir da função para chegar à forma. Se a função determina a forma ou estrutura, esta está em situação de dependência, atada aos fatores de natureza pragmático-discursiva subjacentes ao processo comunicativo.

Os termos *função* e *estrutura*, como podemos observar, merecem consideração especial, dada a importância que lhes é atribuída.

A função corresponde às tarefas ou papéis desempenhados pela estrutura da língua no contexto da comunicação. Entre esses papéis ou tarefas, destacam-se, como de importância já comprovada, as seguintes: *informatividade, contrastividade, transitividade e plano (figura/fundo)*, assim como certas tarefas consideradas menores ou mais localizadas, como o grau de topicidade de um referente.

Estrutura, por outro lado, diz respeito à realização das relações entre os componentes do enunciado, ou seja, aos mecanismos da codificação morfosintática propriamente dita. É uma variável dependente, na medida em que está sujeita às imposições dos usos da língua, tendo em vista os fins a que esses usos se destinam.

Neste sentido, a estrutura é explicada, motivada e determinada pela situação comunicativa, associada, portanto, aos papéis ou tarefas relacionados acima.

Mais uma vez, evidencia-se o caráter significativo da cognição na organização do discurso, porque toda situação comunicativa supõe a participação de um locutor/escritor, que estrutura um determinado texto, e de, pelo menos, um alocutário/leitor que, por sua vez, desempenha um papel fundamental nessa interação, na medida em que se constitui em seu alvo principal, por ser o destinatário desse texto. Importam, por isso mesmo, fatores como seu pensamento ou julgamento a respeito do que lhe está sendo

transmitido, seu conhecimento prévio em torno do assunto, assim como as possíveis interpretações que possa construir.

Chafe (1976) declara-se preocupado com as questões cognitivas e acredita que um pré-requisito para a eventual solução dessas questões seja uma proposta que aproxime evidências lingüísticas e psicológicas numa total representação de como a linguagem funciona. Em seu texto, que inicia falando a respeito das múltiplas funções que um nome pode desempenhar na sentença que integra, aborda o tema dos fenômenos de embalagem (packaging phenomena) do enunciado, afirmando que a linguagem só funciona efetivamente se o locutor leva em conta o estado da mente da pessoa com quem está falando. Isso ocorre quando ele ajusta o que diz ao que imagina que o seu interlocutor está pensando no momento da comunicação:

*"Isso ocorre, por exemplo, quando o locutor ajusta o que diz ao que imagina que o alocutário esteja pensando no momento em que receber a mensagem."*²

Aí entram as funções (informatividade, contrastividade, transitividade e plano), como determinantes do modo de embalar os referentes constituintes do enunciado e, conseqüentemente, da estrutura como um todo. Dada a sua importância, passo a descrever as duas primeiras, *informatividade* e *contrastividade* que, por suas

² A tradução das citações é minha.

características mais marcantes, relacionam-se diretamente aos fenômenos que observo.

3.3.1. A Informatividade

De base essencialmente cognitiva, a informatividade manifesta-se como função significativa da linguagem humana, uma vez que um dos objetivos do processo comunicativo reside em informar o interlocutor sobre alguma coisa. Mas a tarefa de informar não é tão simples como pode parecer à primeira vista. Engloba todo um jogo de relações e de hierarquias que interfere na organização do discurso e que determina o sucesso do ato interativo.

Segundo Halliday (1985:274), a informação consiste em um processo de interação entre o que já é conhecido ou predizível e o que é novo ou imprevisível. Assim, é a interação entre o novo e o não novo que gera informação no sentido lingüístico.

Na determinação do que é *novo* e do que é *velho* ou *dado*, atua como fundamental a participação do destinatário, que acaba por determinar a forma do enunciado em produção. Prince (1980), em um artigo que se tornou clássico na literatura em torno do assunto - "Toward a taxonomy of given-new information" - afirma que "o modo de embalar a informação, numa língua natural, reflete as hipóteses do remetente sobre as suposições, crenças e estratégias do destinatário."

A noção *dado-novo, velho-novo, conhecido-novo*, ou seja como for chamada, tem sido evocada na explicação de muitos fenômenos a nível da sentença, como: Pronominalização, Dativo, Deslocamento à esquerda e à direita, Sujeitos Sentenciais, Topicalização, etc., assim como na explicação de como os discursos são estruturados e compreendidos.

Conforme Chafe (1976), a base lingüística mais comum para o falante imaginar que alguma coisa está na mente do ouvinte é, por certo, a menção anterior a um referente. Logicamente, essa menção pode ser feita de várias maneiras. Assim, um referente pronominalizado ou anafórico pode ser dado se houver alguma menção a ele no discurso precedente, mesmo que tal menção tenha se efetuado de outra forma.

Para Halliday (1967), a dicotomia *dado/novo* pode ser resolvida em termos de entonação: quando o foco se apresenta como não-marcado, "nada é *dado*", ou seja, é novo e não pode ser recuperado no discurso precedente. Já o foco marcado entonacionalmente corresponde à informação *dada*, a que é recuperável no contexto anterior.

Prince (1980) alerta para a necessidade de muitas pesquisas, inclusive experimentos psicolingüísticos, para descobrir como usuários da língua marcam e reconhecem formas lingüísticas como representações de itens dados e novos. Diferentemente de Chafe e

Halliday, Prince admite a *inferência* na categorização em questão. Assim, um referente, ao aparecer pela primeira vez em um texto, pode ser considerado *inferível* por pertencer à mesma classe ou ainda ser integrante do mesmo ambiente físico de um outro já mencionado.

Uma tendência já comprovada é a de que elementos dados sejam introduzidos em primeiro lugar no enunciado, cabendo aos novos a posição final. Bolinger (1979: 301) postula:

"Dado é um aspecto da organização temática da sentença. O que é dado é o tema, ou parte dele. A posição normal do tema é ao começo."

Em vista disto, constata-se um estreito relacionamento entre informatividade e topicidade, já que itens topicalizados são, em geral, antepostos, com a tendência generalizada de o referente tópico expressar informação velha. Outro aspecto decorrente da observação acima consiste na ligação especial verificada entre a informatividade e a ordem complemento-verbo na oração, particularmente quando o item sujeito está sendo introduzido no discurso ou reintroduzido após longo período de ausência.

3.3.2. A contrastividade:

Destaca-se a contrastividade como uma categoria cognitiva, utilizada pelo locutor para atrair a atenção de seu interlocutor. O procedimento consiste em selecionar um item determinado, em um conjunto limitado de possíveis candidatos, que são avaliados na mente do ouvinte. No momento em que é selecionado, o item passa a figurar como marcado em relação à parte restante do conjunto, cujos membros são menos importantes que o item selecionado e, por isso mesmo, sem necessidade de marcação. A estratégia facilita a visualização do que está sendo veiculado pois, como no caso da Informatividade, aqui também o locutor leva em consideração o que está na mente da pessoa com quem fala e ajusta o que diz ao que imagina que essa pessoa está pensando. (Princípio da cooperação - Grice 1968). Ao destacar o referente, o falante coloca-o em evidência, delimita-o, distingue-o dos demais componentes do conjunto, que podem estar implícitos ou explícitos. Se o contraste é efetuado entre dois itens que formam um par contrastivo e esse par contrastivo está explícito, dá-se o caso do contraste empregado no seu sentido mais estreito: aquele em que se permite saber com certeza quais são os itens envolvidos no contraste. Essa modalidade é comum entre os casos de Topicalização, em que os referentes em contraste são antepostos aos demais constituintes do enunciado. Exemplo:

"Na Alemanha, uma filha de comerciantes de classe média, no Brasil, uma lavradora." (Rose)

A informante, ao relatar a diferença da vida de seus avós tinham na Alemanha em comparação com a que tiveram no Brasil, evidencia ambos os itens e, ao proceder assim, antepõe esses itens ao restante do enunciado, o que torna visível a presença do contraste.

Givón (1990b: 26) refere-se à proximidade existente entre a contrastividade e a anteposição, reafirmando o caráter funcional e altamente cognitivo da categoria. E aponta o princípio da iconicidade como grande responsável pelas relações entre informação, contraste e ordenação linear: "categorias estruturalmente marcadas são também substantivamente marcadas." Daí o especial relacionamento entre o contraste e os mecanismos de destaque do tópico.

A particularidade correspondente à seleção de candidatos na mente do ouvinte supõe uma certa dose de conhecimento compartilhado entre os participantes da interação. Por fim, proporciona a certeza de que o candidato é um, o que evidencia a função real da sentença contrastiva. O item selecionado passa a figurar como marcado, em oposição aos demais, facilitando, por certo, a visualização correta do que está sendo veiculado. Como no caso da informatividade, aqui também o locutor leva em consideração o que supõe estar na mente da pessoa com quem fala e

ajusta o que diz ao que imagina que essa pessoa está pensando no momento.

Givón (1990 b), reafirma o caráter funcional e cognitivo da categoria contraste ao evidenciar a sua relação com a anteposição. De fato, o foco de contraste é, em geral, anteposto ao restante do enunciado, passando a figurar como o primeiro item da cadeia sonora. Daí o relacionamento mantido entre contrastividade e topicalização ou deslocamento à esquerda. Se um locutor/escritor deseja evidenciar um elemento, opta comumente por antepô-lo, quebrando a expectativa natural do fluxo do texto. Ao agir assim, atribui entonação de pico de sentença ao item selecionado, o que contribui para chamar a atenção do interlocutor para esse item. É esta uma das características da contrastividade, apontada como tal por vários lingüistas, entre os quais Bolinger e Chafe. Este último afirma ser a principal manifestação do contraste a localização do tom mais alto, além do aumento da pressão (amplitude), no foco de contraste. Desse modo, acentuação enfática e ordem-vocabular são as manifestações mais típicas da contrastividade.

CAPÍTULO 4

OS FENÔMENOS

O português brasileiro vem sendo considerado pelos gramáticos como língua tipicamente sujeito-predicado. Na verdade, grande parte de suas estruturas comporta-se assim, apresentando, em geral, o padrão SVO. Constata-se, no entanto, uma forte tendência à transgressão desse padrão, seja pela colocação de outros constituintes que não o sujeito em posição primeira na cláusula, seja pelo deslocamento do referente sujeito topicalizado para fora dos limites normais dessa cláusula.

Realizações do tipo:

"Sinônimo de bons negócios, boas vendas, boas compras e boas atrações, a FEINCO já se consolidou como a maior feira industrial e comercial, além da segunda maior festa de Santa Catarina." (Jornal Diário Catarinense, em maio de 1992).

"Toda crise maior, ela leva a instabilidades..." (Ministro Jorge Bornhausen, em entrevista no programa Jô Onze e Meia, em 15/04/92).

"Sei não, *essa menina Batista, ela* pode surpreender." (personagem Cândido Alegria, na novela Pedra sobre Pedra, em 18/04/92).

"... porque *a CAPES ela* faz um certo crivo, quando ela faz uma avaliação..."

"... *a pós-graduação strictu sensu, ela* é uma coisa contínua..." (Prof. Fernando Luis Bastian, representante da CAPES, no VII Congresso Nacional de Pós-Graduandos, em 01/08/92).

"... de modo que *essa renovação, ela* é salutar." (Prof. Jorge Guimarães, Diretor de Desenvolvimento Tecnológico - CNPQ, no VII Congresso Nacional de Pós-Graduandos.

representam apenas uma pequena amostra das cada vez mais freqüentes ocorrências dos fenômenos conhecidos como Deslocamento para a esquerda e Topicalização que, por suas características, fogem ao padrão de estruturação da língua estabelecido pela Gramática Normativa.

Ambos os processos dizem respeito à ordenação dos constituintes no enunciado, ordenação esta, em geral, pautada por certos critérios, que diferem de idioma para idioma. O constante afastamento desses critérios está a merecer uma observação um pouco mais criteriosa, além do que, pelo expressivo percentual de ocorrências, vem sugerindo uma forte motivação funcional.

Tais constatações servem de motivação a esta pesquisa, que se pretende um estudo de natureza qualitativo-quantitativa, com vistas a identificar o papel funcional dos fenômenos, suas

variáveis, sua extensão ou grau de abrangência, bem como as principais diferenças de emprego na fala e na escrita.

Neste capítulo, faço uma revisão, na literatura lingüística, a respeito das principais características já relacionadas aos fenômenos. A seguir, passo à análise e interpretação dos dados constantes dos corpora, em ambos os modos expressivos. Início com Deslocamento para a Esquerda.

4.1. Deslocamento para a esquerda:

4.1.1. Pressupostos:

Com base em Ross 1967, considero como ocorrências de Deslocamento para a Esquerda (DES) os casos em que se evidencia a promoção do referente sujeito pelo seu deslocamento para a posição mais à esquerda e mesmo para fora dos limites estruturais da cláusula, com a posterior retomada desse referente através de pronome correferencial, resumptivo, que assume a função de sujeito da proposição que segue. Exemplo:

- (1) "*E meus pais, eles* não são liberais." (Juna)
- (2) "... *os rapazes que tavam lá, eles* tinham medo de ir na frente." (Juna)

O procedimento possibilita a abertura de um espaço na cadeia temporal da conversa ou narrativa (cf. Prince 1980 e Votre 1991). A estratégia de 'criar um espaço' vem preencher as limitações de

memória, facilitando as tarefas de processamento, tanto do falante como do ouvinte que, num discurso multiproposicional, demonstram dificuldades na identificação dos referentes.

Givón (1983) demonstra certa preocupação, justificável, quanto à complexidade do mecanismo, já que o mesmo argumento é tópico e sujeito. Pergunta-se Givón: "Ele conduz uma dupla função? Que função? Como defini-la?" Parece que sim, uma vez que se trata de um mesmo referente nas duas vestimentas: uma para apresentá-lo, numa função discursiva de caráter pragmático forte, e uma sintática, de caráter regular, em que esse referente é sujeito da oração em que está inserido.

Na verdade, o procedimento utilizado é o mesmo observado nas construções 'quanto a' (Quanto a João, ele deve chegar hoje à noite.) que, segundo Ochs Keenan e Schieffelin 1976, quando empregadas com SNs sem acentuação enfática, marcam reintrodução de tópicos e quando seguidas de SNs acentuados, são usadas para contrastar ou enfatizar referentes ou proposições. Alertam, no entanto, para o fato de que construções desse tipo estão sujeitas a certas restrições, limitando-se, no caso da reintrodução de referentes, àqueles provenientes de um contexto não muito próximo, uma vez que em seqüências como "Where is John?" "As for John, he's at home", seu uso pareceria inapropriado. Já com SNs deslocados à esquerda não precedidos de 'quanto a', as restrições seriam bem menores, podendo essas construções introduzir referentes novos ou reintroduzir referentes previamente

mencionados. Em ambos os casos, os referentes seriam o centro de atenção da sentença em que estão incluídos.

Pontes (1983) chama a atenção para a semelhança entre as construções com deslocamento à esquerda e figuras de linguagem, como pleonasma e anacoluto, cujo uso alguns gramáticos condenam, ou restringem, por acharem redundante a co-ocorrência do pronome.

Guimarães e Lessa (1988), por exemplo, dizem que "Pleonasma é também um caso de repetição, mas que envolve uma redundância. Quer dizer, no pleonasma há uma repetição desnecessária, tanto do ponto de vista sintático quanto do ponto de vista semântico."

Em Cegalla (1984), pode-se encontrar: "*O pleonasma, como figura de linguagem, visa a um efeito expressivo e deve obedecer ao bom gosto.*"

Para Rocha Lima (1976), "Pleonasma é o emprego de palavras desnecessárias ao sentido. Há o pleonasma grosseiro, decorrente da ignorância da significação das palavras, e o literário, que serve à ênfase, ao vigor da expressão."

Já Said Ali (1964), afirma: "Pleonasma consiste em repetir um termo de uma frase empregando outro de sentido equivalente. Colocando-se no princípio da oração um complemento expreso por substantivo ou palavra substantivada e pronunciando-se este complemento com ênfase seguida de pequena pausa, é costume repeti-lo sob a forma de pronome junto ao verbo da oração. Também

o sujeito posto no começo da oração, depois do qual se faça pausa, pode vir repetido sob a forma do pronome esse." E exemplifica: "A podenga negra, essa corria pelo aposento." (Herculano)

Guimarães e Lessa, portanto, consideram o pleonasma uma repetição desnecessária; já Cegalla admite a pretensão a um efeito expressivo, recomendando, no entanto, a obediência ao bom gosto. Rocha Lima, por sua vez, adverte sobre a existência do tipo literário, visando a efeitos de ênfase. Finalmente, Said Ali, sem nenhuma condenação ou advertência quanto ao uso, parece considerá-lo perfeitamente normal e, até, bastante utilizado, pela variedade de tipos a que se refere. O exemplo que cita para o caso do sujeito pleonástico, na verdade, é semelhante às construções de deslocamento aqui estudadas, diferindo apenas no tipo de pronome (demonstrativo/pessoal), conforme pode ser constatado a seguir, na comparação entre o exemplo citado por Said Ali e a realização de uma informante do primeiro grau, ao iniciar a narrativa que lhe fora solicitada:

"A podenga negra, essa corria pelo aposento."

"... a minha professora, ela foi fazê um passeio com a gente." (Mila)

Pontes (1987) é de opinião que a redundância não existe, contribuindo o pronome para a caracterização do tópico que, nesses casos, corre o risco de ser confundido com o sujeito. E adverte sobre a alta incidência de pronomes-cópia nos casos de

sujeito-tópico, que "pode ser constatada a cada momento por quem observar a língua falada em casa, na TV ou mesmo em sala de aula, nos concursos de professores, assembléias, enfim, tanto em ocasiões informais como formais."

O certo é que, com redundância ou sem redundância, rotulado como pleonasma ou como deslocamento, o fenômeno existe em diversas línguas, e representa uma forma encontrada pelo falante para 'marcar' o SN sujeito e poder chamar a atenção do interlocutor sobre esse sujeito que, em construções normais de padrão SVO, aparece como 'não-marcado'.

Chamo a atenção para o fato de que, em estudos da década de 70, lingüistas utilizavam a denominação Deslocamento para a Esquerda (Left Dislocation) de modo mais genérico, referindo-se, através dela, a outros mecanismos de destaque do tópico. Duranti e Ochs (1979), por exemplo, ao pesquisarem o fenômeno na conversação italiana, apresentam-no como uma construção na qual um constituinte (nome ou pronome pleno) que aparece antes/à esquerda de seu predicado, tem, na mesma sentença, um pronome co-referencial (não-reflexivo). Nos dados que obtiveram, detectaram somente pronomes clíticos como co-referenciais de itens deslocados à esquerda. Como pronomes clíticos não assumem a posição de sujeito (pelo menos no dialeto em questão), sujeitos não apareceram como itens deslocados para a esquerda. Afirmam não terem encontrado construções do tipo "Mario, lui e uscito presto stamatina" (Mário, ele veio cedo esta manhã). Apontam esse achado

como um contraste do Italiano relativamente ao Inglês falado, em que um grande número de itens deslocados para a esquerda são sujeitos.

Embora o português integre o grupo das línguas neolatinas, como o Italiano, nesse ponto nossos falantes comportam-se como os falantes do Inglês, uma vez que construções com sujeitos deslocados para a esquerda são típicas, não só do português coloquial, mas também de seus registros mais formais.

Por sua vez, Eunice Pontes analisa a possibilidade de distinguir os dois tipos de construção como faz Ross com o Inglês. Conclui que "em português a situação não parece muito clara, embora haja indícios de diferenças funcionais entre as construções estudadas". Ross (1967) estabelece essa distinção, tomando por base o fato de que em DES aparece um pronome-cópia que em TOP não aparece. Dá como exemplos: (1) "Beans I don't like." (TOP) (2) "The man my father works with in Boston, he's going to tell the police that..." (DES). Na mesma linha, Emonds (1976) afirma que tanto DES como TOP movem SNs para a frente da sentença, ligando-os à sentença mais alta, mas que em DES a transformação "que remove SNs de sua posição usual na sentença separa-os por vírgula e substitui-os por pronomes".

Embora de pleno acordo com a denominação adotada por Duranti e Ochs, já que o que chamo de "Topicalização" não deixa de ser, na essência, um deslocamento para a esquerda, e respeitando a

posição de Pontes quanto às dificuldades em estabelecer as fronteiras, adoto, neste trabalho, denominações distintas para referência aos fenômenos que, por suas especificidades, podem ser considerados dois recursos distintos. Com tal procedimento, separo os mecanismos de destaque do tópico estudados, restringindo o rótulo *Deslocamento para a Esquerda* às construções de sujeitos deslocados para a esquerda seguidos de pronomes correferenciais. Por outro lado, utilizo *Topicalização* para denominar as construções que enfatizam os demais constituintes sintáticos, como objetos direto e indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e adjunto adverbial. Considero a classificação perfeitamente de acordo com os parâmetros estabelecidos tanto por Ross como por Emonds, motivo pelo qual sinto-me bastante à vontade ao adotar tal posicionamento.

4.1.2. Análise e comentários:

Deslocamento para a Esquerda (doravante DES) tem se comportado como construção típica da oralidade, em que o falante prime o status de tópico a determinado referente, ratificando-o, introduzindo-o no discurso, ou reintroduzindo-o após certo período de ausência. É o que se pode observar no exemplo (3), a seguir, em que a entrevistadora solicita à informante que relate algum fato, triste ou alegre, que lhe tenha ocorrido e do qual se lembre sempre:

- (3) "Ah é, eu tava na segunda série, lá do outro colégio, a minha professora, ela foi fazê um passeio com a gente."

Note-se que a informante muda o tópico, pára de falar de si, apresenta a professora e, após uma pequena pausa, retoma o referente introduzido, agora na forma do pronome pessoal 'ela', que passa a desempenhar a função de sujeito. Com este procedimento, provoca uma quebra da expectativa relativamente ao que irá relatar, quebra essa que acontece em virtude da mudança do tópico para o outro referente que, apesar de recém-introduzido, é perfeitamente aceitável, já que disponível no arquivo referencial. Por isso, ja se caracteriza como definido e dado, sem necessidade de qualquer explicação que o determine.

Para evidenciar a freqüência das construções com DES nas situações de fala de nossos informantes, comparativamente às mesmas situações na escrita, dos mesmos informantes, apresento a Tabela 1, na qual chamo a atenção para o total de registros verificados, em ambos os modos, nos três níveis de escolaridade:

Tabela 1:

DES na fala e na escrita

	1 ^o grau	2 ^o grau	3 ^o grau	Total
Fala	24	11	11	46
Escrita	1	1	0	2

A Tabela 1 comprova que DES vem sendo utilizado como um recurso típico da fala, já que na escrita foram encontradas apenas 2 manifestações. Aliás, a estratégia de 'criar espaço' ou de 'dar um tempo', proporcionada pelo uso de DES, justifica essa larga utilização na fala, inclusive em situações de maior formalidade ou tensão, já que o falante, ao destacar o referente e fazer uma pausa, para depois retomá-lo através do pronome, ganha tempo para organizar seu pensamento, para refletir sobre o que vai dizer. Por outro lado, cria condições para que o ouvinte processe com maior êxito o que lhe está sendo comunicado, oportunizando, assim, o sucesso da interação. Sim, porque a interpretação adequada do que está sendo dito é o objetivo maior de toda e qualquer situação interativa, determinante, por isso mesmo, da organização estrutural do texto e da maior ou menor presença de recursos expressivos.

Cabe aqui um comentário sobre a posição de Ochs (1979) frente a essa distância entre os mecanismos utilizados na fala e na escrita. Relativamente à constituição dos vários tipos de discurso e considerando as diversas situações em que eles se manifestam, Ochs estabelece um continuum, em cujas extremidades localiza, de um lado, o discurso não-planejado, ao qual associa as situações de fala informal, e, de outro, o discurso planejado, que teria na escrita formal o seu representante mais típico. Caracteriza o primeiro como não-premeditado, espontâneo, sem

organização prévia e o segundo, como premeditado e organizado previamente à sua expressão, exigindo raciocínio.

Postula ainda Ochs que a criança, e não só ela, mas também o adulto, ao adquirir novos conhecimentos, não substitui os velhos, mas acumula uns e outros. Dependendo da situação, um ou outro se manifesta. Em casos de discurso não-planejado, por exemplo, tende a manifestar-se o discurso infantil, com estratégias adquiridas entre 3 a 4 anos de idade. Já em situações de discurso planejado, que exige fala ou escrita mais elaboradas, é normal que se recorra ao conhecimento adquirido posteriormente (ensino formal). Chama a atenção, também, para as ocasiões em que falantes/escritores utilizam, deliberadamente, estratégias de discurso não-elaborado, com planejamento prévio, considerando, por esse motivo, ser difícil a distinção.

Com referência às construções com DES, que considera construções de "referente + proposição", próprias do discurso não-planejado, afirma que o falante recorre a certas estratégias como LD (deslocamento para a esquerda), em que inicialmente faz referência a algum elemento (nomeia certo referente) e só depois formula a predicação sobre esse referente, como estratégias para garantir a manutenção da palavra. O SN inicial atua, neste caso, como um "place-holder", permitindo que o falante mantenha-se no comando do turno.

A posição de Ochs justifica, assim, a ausência de ocorrências do mecanismo nos textos escritos, uma vez que estes estariam localizados, no continuum mencionado, em posição mais próxima à extremidade ocupada pela escrita formal, representante do discurso planejado. Por outro lado, as freqüentes recorrências a DES em situações de fala mais formal, como conferências, debates, pronunciamentos políticos, entrevistas, etc., não encontram resposta nas observações da pesquisadora, em cuja concepção o mecanismo está restrito às ocasiões de fala informal.

A seguir, procedo a uma observação das condições sob as quais se desenvolvem as ocorrências do mecanismo, visando a selecionar e caracterizar as categorias encontradas, bem como a identificar e comprovar a sua funcionalidade. Pelas características em geral presentes nesse tipo de fenômeno, espero encontrar SNs à esquerda mais 'definidos', mais 'contrastivos', mais 'velhos' e mais 'humanos'.

Tendo em vista o caráter peculiar das categorias contraste e informação e seu estreito relacionamento com o mecanismo em estudo, inicio por elas a análise dos dados selecionados. O objetivo é evidenciar a relação mencionada, comprovando, através dela, a atuação das referidas funções como determinantes das ocorrências e das condições sob as quais estas se realizam.

4.1.2.1. DES e Contrastividade:

Contraste envolve, entre outros fatores, certa dose de conhecimento compartilhado a respeito do que está sendo tratado, uma série de possíveis candidatos à avaliação na mente do destinatário e, por fim, a asserção de que o candidato é um, e esta é a função real da sentença contrastiva. (cf. Chafe 1976). Sob tal enfoque, é de grande importância o limite do número de candidatos à seleção, uma vez que, sendo esse número ilimitado, a sentença deixa de ser contrastiva.

Na grande maioria das ocorrências de DES encontradas evidencia-se o contraste, uma vez que, ao marcar, através do deslocamento para fora dos limites da cláusula, o SN sujeito, para depois retomá-lo na forma do pronome, o falante destaca esse SN, seleciona-o, distingue-o dos demais membros da classe a que pertence. Exemplo:

(4) "*A minha narrativa, ela é diferente, né, acho que não é com todo mundo que acontece isso.*" (Juna)

(5) "*E meus pais, eles não são liberais, por mais que a gente queira, eles não são.*" (Juna)

Nos exemplos citados, assim como em vários outros:

"... *dai as gurias, elas começaram a berrá e começaram a dizê que tinha um cara atrás da gente.*" (Lica)

"... e então, *o rapaz, o Alex, ele* subiu numa árvore e deu pra vê todo o Santa Mônica." (Juna)

"Eu tava na segunda série, lá do outro colégio, a minha professora, ela foi fazê um passeio com a gente." (Mila)

a estratégia do Deslocamento foi utilizada para introduzir elementos, o que caracteriza quebra da expectativa. Em casos de estruturas não-marcadas, tais elementos, por certo, estariam em posição pós-verbal, que é a mais costumeira na introdução ou na reintrodução de elementos após um certo período de ausência. Nesta posição, os itens são, em geral, indefinidos, novos e não-contrastivos. Ao antepô-los, o falante permite-se apresentá-los já como definidos, contrastivos e com evidentes possibilidades de identificação por parte do interlocutor. Daí o número expressivo de itens inferíveis nos casos de DES. O falante lança elementos inferíveis porque sabe que o interlocutor poderá, de alguma forma, recuperá-los, seja no contexto discursivo anterior seja no conhecimento disponível a respeito. Nestes casos, torna-se evidente a despreocupação do falante quanto à possibilidade ou não de identificação por parte do interlocutor. Em outros casos, em contrapartida, percebe-se que a preocupação existe, pelo fato de constar, logo após o item referido, uma explicação ou esclarecimento a seu respeito. É o que Votre (1992b) aponta como " uma constante tensão entre o princípio de negligência

(nonchalance) de Berrendonner (1990)³ - 1^o caso - e o princípio de cooperação de Grice (1968)⁴ - 2^o caso."

Exemplos relacionados ao princípio de negligência:

(6) *O Collor, com essas Cieps, ele só quer se promover, eu vejo assim.*" (Juca)

(7) *... e o nosso governador, ele tá seguindo bem a linha do Collor, né?"* (Juca)

Exemplos relacionados ao princípio de cooperação:

(8) "Aí o cara, aí o Seu Tonho, era o nome desse cara, ele perguntô o que ele queria, o homem de capa preta. (Jonas)

(9) Um dia, nas férias de julho, em 87, o pessoal lá do prédio, né, oito pessoas comigo, nós fomos fazê um piquenique lá no morro, porque atrás do nosso bloco tem um morro. (Juna)

No primeiro caso, tanto 'Collor' como 'o nosso governador' são elementos disponíveis e, por isso mesmo, passíveis de uma imediata identificação por parte do interlocutor, o que permite introduzi-los já de forma definida e contrastiva, aliada à

³ O princípio de negligência ou "nonchalance", para Berrendonner (1990), fundamenta-se no consenso de que o objeto implicado é um objeto de conhecimento fortemente implantado no intertexto, e representa um micro-setor de análise.

⁴ O princípio de cooperação de Grice (1968) está centrado no entendimento de que maior quantidade e melhor qualidade de informação representam maior predizibilidade.

anteposição, sem a necessidade de uma apresentação convencional. A estratégia, então, é a recorrência a DES para marcá-los.

Já no segundo caso, 'o seu Tonho', apesar de aparecer definido e anteposto, não é disponível, mesmo referindo-se ao 'cara' ou 'vizinho', termos já mencionados, uma vez que vários outros nomes poderiam ser imaginados pelo interlocutor para identificá-lo. O informante apressa-se, por este motivo, a prestar os esclarecimentos necessários a respeito. O mesmo acontece com 'ele' e 'o homem de capa preta'. 'Ele' é um pronome pessoal bastante genérico, de baixa predizibilidade, que poderia suscitar falsas interpretações.

Na continuidade da narrativa, ocorre outro exemplo claro dessa preocupação com a clareza dos enunciados:

"o cara chegô perto, na beira do rio. Lá cruza o rio, no meio da cidade de Tijuca, no meio de umas bananeiras."
(Jonas)

O informante introduz 'o rio' como se fosse um referente velho, já que definido. Ao dar-se conta de que a existência desse rio poderia não constar do arquivo referencial do interlocutor, acrescenta, espontaneamente, a informação.

Da mesma forma, 'o pessoal lá do prédio' e 'oito pessoas comigo': se constasse apenas a primeira referência, poder-se-ia pensar que todos ou quase todos os moradores do prédio tivessem participado do passeio. O uso da expressão 'oito pessoas comigo'

limita o grupo, especifica-o e contrasta-o relativamente ao restante dos moradores, que não se incluíam na experiência.

Outra evidência do princípio de cooperação é o esclarecimento: 'atrás do nosso bloco tem um morro', já que a referência 'lá no morro' deixa dúvidas quanto a que morro poderia ser, dentre tantos outros existentes na localidade.

O contraste, portanto, foi uma constante nos casos de DES, manifestando-se implicitamente, como nos casos citados, e explicitamente.

O contraste implícito supõe um conjunto limitado de possíveis candidatos, entre os quais um é selecionado, opondo-se aos demais. No exemplo (10), a seguir, embora não mencionado previamente, o item 'pai' integra o amplo conjunto dos pais existentes no mundo. Acompanhado pela especificação 'meu', torna-se específico, em oposição aos demais constituintes do conjunto. O contraste existe, ainda que implícito.

(10) "*E meus pais, eles não são liberais.*" (Juna)

Em outros casos, esse contraste se faz de maneira explícita, figurando no enunciado o conjunto em sua íntegra, ou se for o caso, o par contrastivo. Exemplo:

(11) "*Um dos meus professores, acho que foi o Geografia, ele tava falando sobre um, um uma, um lugar bem no interior...*" ((Duda)

A expressão 'um dos meus professores' é mais específica, mais limitadora do que 'o meu professor', porque restringe a classe dos professores, que é bastante genérica, ao grupo limitado dos professores do informante. Ao ser utilizada, permite a perfeita visualização do conjunto referido e torna explícito o contraste.

Outra forma de contraste explícito é a que apresenta um par contrastivo, ou seja, dois itens em oposição. É mais comum nos casos de TOP, caracterizando o que se conhece por Y-movement ou Topicalização contrastiva. Entre as ocorrências de DES catalogadas, considero como mais próxima à proposta a seguinte:

- (12) *"e minha mãe, ela tem, assim, como é que eu vou dizê, ela não consegue mais considerá ele como um homem, e meu pai é... aquele, assim, romântico incontrolável, né, aí ele chega, assim, ..."* (Nana)

No caso citado, está evidente o par contrastivo: 'minha mãe/meu pai', cujos itens aparecem, ambos, em construção de DES, com pronome correferencial seguindo o item sujeito topicalizado.

Com relação aos aspectos prosódicos, entre os quais elevação do tom e maior amplitude sonora são apontados como característicos do contraste, submeti ao teste computadorizado do programa CECIL alguns exemplos encontrados, obtendo um resultado condizente com as teorias já formuladas. (Cf. Anexo 1). O programa CECIL permite, através da adaptação do gravador a uma caixa especial (speech box) e desta ao computador, a visualização

das características das ondas sonoras emitidas pelo falante ao proferir seu enunciado. LOUDNESS - registra em decibéis por segundo a amplitude sonora provocada pela pressão do ar pulmonar no momento da enunciação. FSMOOTH - mede, em Hertz por segundo a tensão das cordas vocais durante a emissão do som. Maior tensão resulta em freqüência fundamental mais alta. É o que pode ser observado na ocorrência de número (13), cuja representação sonora consta nos gráficos do Anexo 1:

(13) "a MINha narraTiva, ela é diferente..." (Juna)

A entonação acentuada de pico de sentença, conferida pelo aumento da tensão das cordas vocais (fsmooth) seguido da maior amplitude em vibrações (loudness), aparece, justamente, associada aos referentes contrastados. Quando introduz o item 'minha narrativa', contrastando-o com as demais narrativas, a informante enfatiza-o, através da entonação acentuada.

Desse modo, através da anteposição (estratégia sintática) e da entonação acentuada (estratégia prosódica), a contrastividade faz-se evidente nas ocorrências de DES, comprovando o seu alto teor cognitivo e deixando claro que os fatores pragmáticos acabam por sobrepor-se aos demais, determinando a sintaxe do texto. Mesmo porque, em sua grande maioria, os exemplos em que o contraste pôde se diagnosticado mostraram-se provenientes da iniciativa do locutor, como artifício para atrair a atenção do interlocutor ao referente em destaque. A estratégia do contraste aliado a DES mostrou-se perfeita, uma vez que em construções

tradicionais de padrão SV os sujeitos figuram como os itens menos marcados, podendo ser apagados ou substituídos por pronomes, sem o risco da ambigüidade. Tal característica confere-lhes o atributo de itens de maior simplicidade cognitiva no interior do enunciado. A recorrência a DES e, conseqüentemente, à contrastividade é, portanto, justificável, na medida em que contribui para torná-los marcados em relação aos demais itens e aos sujeitos de construções não-marcadas.

4.1.2.2. DES e Informatividade:

Conforme Halliday 1985:274, "informação é um processo de interação entre o que já é conhecido ou predizível e o que é novo ou imprevisível. É a interação entre o novo e o não novo que gera informação no sentido lingüístico."

Tal afirmação está diretamente relacionada com a idéia defendida por Chafe (1976 e 1987), de que o locutor tende a levar em consideração o conhecimento do alocutário, organizando seu discurso com base no princípio da cooperação (Grice 1968). Desse modo, procura iniciar seus enunciados pela informação dada, ou seja, aquela que imagina estar na memória do ouvinte no momento da interação, e só posteriormente introduz a informação nova, que crê estar inculcando na memória do ouvinte através do que lhe diz.

A dicotomia *dado/novo* manifesta-se através da presença ou ausência do referente no contexto anterior, através da ordenação-vocabular e, ainda, da entonação. A tendência é a de que o elemento *dado* seja marcado por forte padrão entonacional, apareça na posição mais à esquerda da cláusula e tenha sido mencionado anteriormente. E há o caso de autores, como Prince 1980, que admitem a inferência na categorização em questão. Assim, um referente, mesmo aparecendo pela primeira vez em um texto, pode ser considerado *inferível* por pertencer à mesma classe ou por ser integrante do mesmo ambiente físico de um outro já mencionado.

Em virtude disto, faz-se importante a tarefa de observar o texto precedente. No caso específico de DES, os elementos introduzidos aparecem, com freqüência, no interior do enunciado, conseqüentemente, sob a responsabilidade do falante e, de uma maneira geral, são dados textualmente ou deduzidos do contexto, pela relação que mantêm com outros elementos. Neste caso, são considerados *inferíveis*. (14), a seguir, mostra um exemplo de referente dado textualmente:

(14) "É, foi um relato de um amigo meu, né, que é oficial da Marinha, que esteve lá, né, um período aqui em casa, e lá ele me relatou alguns aspectos da viagem que ele fez de formatura, porque *o oficial da Marinha, quando ele se forma na, na Escola Naval, ele tem uma viagem de instrução durante seis meses.*" (Toni)

Neste caso, o referente 'o oficial da Marinha', que aparece em DES, foi introduzido no enunciado um pouco antes, fato que o

torna dado textualmente. Em (15), em contrapartida, há uma comprovação de inferência:

(15) "... todo mundo morrendo de medo que aparecesse alguém, né, e então, daqui a pouquinho, a gente começa a escutá os assovios, aí o meu irmão, ele fala que, ele fala que tava escutando os assovios e o pessoal "não, é passarinho pardo, deve ser algum bicho..." (Juna)

O item 'meu irmão', apesar de não haver sido mencionado antes, é viável e, por isso mesmo, inferível, devido às relações de parentesco que mantém com a informante. O mesmo se verifica em (16), em que o referente nosso baixista, aparentemente novo no enunciado, é considerado inferível, por integrar a classe maior 'banda', mencionada antes:

(16) "Eu estudo a pessoa, o modo da pessoa agí e coisa e tal, pra conhecê melhor a pessoa, entende? pra continuá. Então, o pai gosta muito do trabalho da gente, né, estamos com três meses e meio de banda e *o nosso baixista, ele*, uma pessoa irresponsável, então ele poderia sê mais..." (Miro)

Quanto ao padrão entonacional, pude observar que os referentes contemplados pelas construções de DES foram acompanhados, em geral, de elevação do tom e de maior amplitude sonora (pressão), o que já era esperado, tendo em vista que foco dado é marcado entonacionalmente. (Conforme Halliday 1967, o elemento dado é definido como o complemento de um foco marcado. Assim, em uma unidade de informação com foco não-marcado, nada é dado (p. 208)).

Conforme a tabela 2, a seguir, a grande maioria das ocorrências de DES contempla referentes velhos ou dados, manifestando-se igual expressividade na categoria inferíveis, cujos referentes acabam sendo considerados também dados:

Tabela 2:

DES e Informatividade

Refer.	Novos	Dados	Infer.	Total
	1	23	22	46

Conforme as evidências, os referentes dados e inferíveis levam grande vantagem sobre os novos. Foi detectada apenas uma ocorrência de referente novo em construção de DES, contra 22 de inferíveis e 23 de dados. Segundo Votre (1992b), é tendência do princípio da informatividade evitar que o interlocutor tenha que criar um novo referente, o que explica a ausência ou pouca expressividade dos referentes novos em folha.

A única ocorrência de referente sujeito novo em DES é a que demonstro em (17), de autoria de um informante do segundo grau:

(17) "Só que *tinha um velhinho que trabalhava no canteiro de obras da escola, seu Mazinho eu acho, né, ele ajudô o pai a fazê, ajudô o pai a fazê e o pai conseguiu a nota, tudo, conseguiu passá, aí o pai sempre diz, até hoje, que o seu Mazinho era o melhor professor que tinha lá.*" (Léo)

O personagem 'velhinho que trabalhava na escola', está sendo introduzido pela primeira vez no discurso e não pode ser considerado *inferível*, porque não é um professor nem alguém da direção da escola, que possa, de alguma maneira, fazer parte do arquivo de conhecimentos do interlocutor. Note-se que se confirma a tendência já observada para a introdução, na posição de objeto, de elementos novos. Neste caso, portanto, o objeto direto é que está sendo retomado pelo pronome e, só daí para a frente é que desempenhará o papel de sujeito.

Dutra (1986), ao estudar a categoria Sujeito, no português brasileiro, comenta que a ordem-vocabular funciona pragmaticamente em uma língua quando se distingue sistematicamente entre a informação 'identificável' (temática, tópica, velha) e a informação 'não-identificável' (rema, comentário, informação nova) ao estabelecer a ordem e a forma gramatical particular de argumentos numa oração. É mais, que a ordem SV/VS é resultado da fluência da informação num discurso conectado. Influem a definitização e o fato de a informação ser velha ou nova. Assim, as novas informações, por exemplo, são introduzidas em posição pós-verbal, geralmente objetos. Por isso, sujeitos pós-verbais tendem a comportar-se como objetos e, na maioria dos casos, são indefinidos e lexicais (é que nomes plenos em posição de objeto são caracterizados pela indefinitização - nomes introduzidos pela primeira vez). Considerando o fato de que DES ocorre com itens sujeitos em posição SV, o estudo de

Dutra vem a reforçar, ainda mais, a caracterização do fenômeno como relacionado à Definitização e à Informatividade.

4.1.2.3. DES e definitização:

Bentivoglio e Weber (1986), em estudo sobre a ordem do sujeito no espanhol falado, afirmam que a presença de SNs modificados pelo artigo definido constitui marca reveladora de que o falante imagina que o ouvinte possa identificar o referente do SN. Desse modo, evidencia-se estreito relacionamento entre a Definitização e as funções Informatividade e Contrastividade comentadas acima, assim como com os fenômenos de destaque do tópico em estudo. Se existe a tendência, já comprovada, de entidades *velhas* ou *inferíveis* serem antepostas, o esperado é que sejam expressas por referentes definidos. De igual maneira, o relacionamento ocorre com os referentes de entidades contrastivas. Contraste implica em seleção e, uma vez selecionado, o item passa a ser definido, porque individualizado.

O percentual de 100% de definitização esperado confirmou-se, uma vez que todos os itens deslocados para a esquerda mostraram-se definidos. Relativamente a essa expressividade da categoria *definido*, poderíamos considerar o fato de que, normalmente, informação nova vem acompanhada de indefinição e, muitas vezes, itens sujeitos deslocados para a esquerda parecem novos no discurso. Entretanto, conforme comentado anteriormente, quando o locutor se permite introduzir ou reintroduzir, após certo período

de ausência, determinados referentes que, por isso mesmo parecem, à primeira vista novos, é porque aposta na capacidade do alocutário quanto à identificação de tais referentes. Além do que, na grande maioria dos casos, há, no discurso precedente, entidades que permitem o estabelecimento de uma ponte, ou seja, de um relacionamento entre elas e os referentes em destaque. Isso, sem falar nos casos em que a relação estabelecida ocorre a nível situacional. De uma maneira ou de outra, o referente deixa de ser novo e assume o status de *dado* ou *inferível*. Exemplo:

(18) "Então, o uso da máscara, pelo qual a gente cria, é, um meio entre os nossos olhos e a própria superfície da água, a fim de que a gente possa ver esses objetos de uma forma nítida, já que *o nosso globo ocular ele é, ele é côncavo e não possibilitaria, em contato diretamente com a água, de ter uma visão clara do que a gente tá querendo ver.*" (Toni)

Este exemplo mostra uma ocorrência em que o falante apresenta uma entidade, pela primeira vez, de forma definida. A expressão 'nosso globo ocular' não aparece uma única vez no discurso precedente, fato que poderia fazê-la parecer *nova*. Entretanto, a relação de sinonímia ou inclusão que mantém com 'nossos olhos', referida acima, permite que ela seja considerada *inferível*, justificando a utilização do artigo definido.

Por outro lado, em (20), mostro um caso em que o caráter definido acompanha um referente *dado*, mas por longo espaço ausente, o que poderia requerer a forma indefinida:

(19) "Depois, todo mundo cortado. *A Aline, que foi, que foi na frente, ela* tava toda cortada." (Juna)

Note-se que, ao dar-se conta de que o referente poderia não ser identificado, em virtude da longa distância referencial, a informante acrescenta a expressão relativa, de caráter esclarecedor (Princípio da cooperação). Às vezes, no entanto, o esclarecimento não aparece:

(20) "Eu tava na, na segunda série, lá do outro colégio, *a minha professora, ela* foi fazê um passeio com a gente."
(Mila)

O enunciado acima abre a narrativa. Portanto, os referentes que nele aparecem são todos novos, o que não impede, apesar disso, a opção pela forma definida. É que, neste caso, em se tratando de uma situação de colégio, é natural que se fale em professora. Daí a despreocupação com a forma e a certeza da receptividade por parte do interlocutor (Princípio da negligência).

Segundo Li & Thompson (1976), a categoria definitização é característica do elemento tópico e contribui para diferenciá-lo do sujeito. Isto porque o tópico é sempre definido, enquanto o sujeito, não. Afirmam que uma cláusula nominal genérica é definida porque seu referente é a classe de itens por ela nomeada e que se espera que o ouvinte conheça. Desse modo, SNs próprios e genéricos são também entendidos como definidos, porque podem ser

usados da mesma forma que uma cláusula nominal comum definida é usada. Tais afirmações contribuem para reforçar a idéia de que a definitização é uma característica fortemente relacionada a DES, cuja utilização faz do sujeito um tópico por excelência.

(21), a seguir, mostra um caso em que poderia se caracterizar a indefinição, efeito logo após modificado pela especificação que o segue:

(21) " É, então eu vô contá, ah, eu tinha *uma colega, Márcia, ela* tinha, a vô dela tinha morrido recentemente, então..." (Lica)

Neste exemplo, o uso do 'uma' poderia sugerir a opção pela indefinição, mas a expressão apositiva que nomeia o referente, especificando-o, define esse referente e justifica o uso do pronome. Chamo a atenção para o fato de que, neste caso, o elemento em destaque, no momento em que é introduzido, ainda não é sujeito, mas objeto, e que só quando é retomado pelo pronome pessoal passa a atuar como sujeito. Confirma-se, aqui, a tendência, já comprovada, de que informação nova e indefinição se relacionam a posposição: "nomes que precedem o verbo tendem a ser definidos, enquanto os que seguem tendem a ser indefinidos." (Li & Thompson 1975:170)

IV.1.2.4. DES e manejo de turno:

Nas questões relativas a manejo de turno, afiguram-se como vitais: solicitar, ocupar e manter a palavra. Ao procurar manter-se no domínio da palavra, o falante pode estar pretendendo controlar a situação ou, pelo menos, ver assegurada sua influência sobre os interlocutores. Segundo Duranti e Ochs (1979), construções com deslocamentos para a esquerda, entre outras, são freqüentemente utilizadas para manter o turno. Desse modo, itens contemplados pelo fenômeno, além de estar, de várias maneiras, ligados ao discurso anterior, tendem a manter-se no discurso subsequente. É o que poderá constatar a Tabela 3, a seguir, que apresenta o percentual de itens deslocados para a esquerda mantidos na cadeia tópica, relativamente ao percentual dos não-mantidos:

Tabela 3:

Menção no discurso subsequente

	Mencionados	Não mencionados	Total
itens DES	36	10	46
%	78.2	21.8	100.0

Conforme os indicativos, de um total de 46 itens em construções de DES, 36 mostraram-se persistentes na cadeia tópica, merecendo atenção no discurso subsequente, contra 10 que não foram mencionados. Confirma-se, desse modo, a tendência de

DES de garantir a persistência do item topicalizado no decorrer da enunciação. Mesmo porque não teria sentido a estratégia de abrir espaço, promover o referente, para, a seguir, abandoná-lo. Vale considerar que, na maioria das ocorrências, o fenômeno apresentou-se como de decisão exclusiva do falante, diferindo da Topicalização que, em geral, resulta mais comumente da interação falante/ouvinte. Sendo proveniente da iniciativa do falante, é introduzido por ele na conversa, o que ratifica e justifica a inclinação a aparecer como dado. Isto porque, estando o falante com a posse da palavra, ou seja, com o turno, é natural que não tenha interesse em mudar o assunto, enquanto não o esgotar, uma vez que ele já é o centro das atenções. Neste caso, portanto, a estratégia da topicalização por DES funciona mais como um artifício para manter o turno, na situação de diálogo. O referente, mesmo aparecendo como dado ou inferível, surge com uma nova feição, que lhe abre espaço e, na maioria dos casos, facilita-lhe a manutenção no discurso subsequente.

4.1.2.5. DES e situação monologal vs. situação dialogal:

Segundo referências no item anterior, construções com DES podem surgir de duas maneiras distintas:

- 1) no discurso monologal do falante (não provocado);
- 2) no diálogo (provocado).

No primeiro caso, referentes deslocados para a esquerda são introduzidos pelo falante, por sua própria iniciativa. Em geral, essas ocorrências se dão no interior da cadeia tópica, não sendo, portanto, provocadas. Como exemplo, cito o contexto em que a informante, ao narrar uma experiência pessoal, realiza vários DES, todos no interior da cadeia, portanto, sem a interferência do ouvinte.

"... e nós fomos andando, andando, pegamos muito mato fechado e continuamos a andá, e o mais engraçado é que *os rapazes que tavam lá, eles* tinham medo de ir na frente, normalmente ia uma menina na frente, porque eles tinham medo de aranha, e isso e aquilo... aí a Aline foi na frente e o, e então, *o rapaz, o Alex, ele* subiu numa árvore e deu pra vê todo o Santa Mônica... todo mundo morrendo de medo que aparecesse alguém, né, e então, daqui a pouquinho, a gente começa a escutá uns assovios, *aí o meu irmão, ele* fala que tava escutando assovios.." (Juna)

Os casos de DES resultantes do diálogo, em contrapartida, caracterizam-se como sendo provocados pelo ouvinte, ou interlocutor, que introduz o referente, incitando, de certa maneira, o falante, a ressaltar esse referente:

E - "Gostaria que me fizesses um relato de experiência pessoal, algo que..."

I - "Bem, *a minha narrativa, ela* é diferente, né, acho que não é com todo mundo que acontece isso." (Juna)

Nos dados obtidos, talvez devido à natureza das entrevistas realizadas que direcionavam mais a uma situação monologal,

constatou-se uma grande vantagem do percentual de casos considerados como da iniciativa do falante sobre o de resultantes da situação dialogal, tendo em vista que apenas 1, o relacionado acima, pôde ser interpretado como integrante da segunda classificação. Isto comprova a tendência de DES de não ser provocado e reforça a sua caracterização como um recurso estratégico do falante na estruturação de seu discurso.

4.1.2.6. DES e continuidade do tópico:

Estudos anteriores (cf. Givón 1983 e Votre 1991) vêm confirmando como já característica de DES a função de ratificar ou de trocar o tópico da conversa, introduzindo/reintroduzindo, de maneira destacada, elementos que, de algum modo, tendem a manter-se no discurso subsequente. Sendo assim, representa um recurso ideal para iniciar parágrafo ou unidade temática, com grandes chances de manutenção do referente em pauta, mesmo porque, em muitos casos, introduz narrativas, descrições ou comentários.

Se DES coloca em evidência elementos novos inferíveis ou retoma aqueles já por longo tempo ausentes, deduz-se que esteja associado a grande distância referencial (cf. Givón 1983). No que diz respeito a distância referencial, considera-se esta o espaço

entre a ocorrência em questão e as anteriores, ou seja, à esquerda do tópico focalizado. Se o espaço é breve - poucas orações intermediárias - caracteriza-se a continuidade do tópico. Se, por outro lado, o espaço excede um certo limite, configura-se a descontinuidade. Neste caso, acresce também a possibilidade de interferência de outros tópicos (secundários) na identificação do tópico principal, já que é perfeitamente esperado que, num espaço de ausência considerável, atribua-se enfoque a novos elementos, ainda que em escala secundária de importância. Tal interferência causa, portanto, uma certa dificuldade na identificação do tópico, gerando ambigüidades.

Com relação ao discurso subsequente ou posterior, conforme comentado anteriormente, no item DES e manejo de turno, observa-se uma forte tendência de que elementos deslocados para a esquerda se mantenham, uma vez que construções com DES, em geral, focalizam tópicos importantes na conversa, com grandes probabilidades de persistência.

Do exposto, pode-se concluir que relativamente ao contexto anterior DES se afigura como recurso para introduzir determinados elementos ou reintroduzir aqueles por longo tempo ausentes, o que pressupõe distância referencial e interferências, logo, descontinuidade. Por outro lado, com referência ao contexto subsequente provoca continuidade, pois focaliza elementos com tendência à persistência na cadeia.

A Tabela 4 ilustra a questão da continuidade do tópicos nas construções com deslocamentos para a esquerda, mostrando o número de realizações do fenômeno nos discursos precedente e subsequente:

Tabela 4:

DES e contextos precedente vs. subsequente

	Itens em DES	mencionados disc. ant.	mencionados disc. subs.
Total	46	23	36
%	100.0	50.0	78.2

Como se pode perceber, os dados evidenciam alto percentual de itens com persistência no discurso subsequente. Esta constatação reafirma a função de DES de abrir espaço para a promoção de referentes e, o que é melhor, de mantê-los em destaque na conversa, garantindo, desta forma, a manutenção do comando de turno. Por outro lado, não invalida a tese de que DES costuma ocorrer com referentes dados ou inferíveis.

O percentual menor de menções no discurso anterior refere-se apenas ao discurso contíguo precedente, ou seja, 5 cláusulas à esquerda da ocorrência⁵. Isto quer dizer que o referente pode haver sido mencionado em contexto mais remoto.

⁵ Para efeitos de ordem, estabeleço um número máximo de orações (5) à esquerda e à direita para a caracterização dos discursos antecedente e subsequente.

Pelas evidências, portanto, DES mostrou identificação com continuidade do tópico, em particular no que concerne ao contexto seguinte. Relativamente ao contexto anterior, apesar do percentual menor (50%), persiste a relação com a continuidade, devido ao grande número de referentes inferíveis, que não são considerados de todo novos, já que de algum modo ligados a referentes citados anteriormente.

4.1.2.7. Tipologia de DES:

Objetivando a caracterização mais completa do fenômeno, bem como a delimitação mais exata de sua abrangência, procedo à classificação dos tipos de ocorrências encontradas, mais especificamente quanto à maneira pela qual se apresentaram. Para tal, estabeleci os seguintes critérios: (1) existência ou não de material interveniente entre o referente deslocado e o pronome pessoal correferente; (2) em caso positivo, a natureza do material interveniente (aposto, advérbio, oração relativa e/ou adverbial, etc.) Orientada por esse procedimento, a classificação final resultou na seguinte tipologia:

1) **SN + PRO**: pronome correferencial logo após o SN referente, sem material interveniente intercalado. Esta foi a categoria com maior número de realizações, perfazendo um total de 28, ou seja,

60.8%. Em geral, ocorre uma pausa logo após o SN e, a seguir, o pronome pessoal. Exemplos:

"*A minha narrativa, ela é diferente...*" (Juna)

"*A minha colega, ela teve uma experiência...*" (Isa)

"*A mulher dele e a filha dele, elas saíram pra ir na casa da irmã dele.*" (Jonas)

2) **SN + aposto + PRO**: expressão apositiva, com função explicativa ou esclarecedora, entre o SN e o pronome. Os exemplos enquadrados nesta categoria são típicas demonstrações do princípio da cooperação, muitas vezes identificado no comportamento do falante. Ao dar-se conta de que o referente citado pode não ser reconhecido, apressa-se a inserir uma expressão que o esclareça. Foram encontradas 7 ocorrências deste tipo. Exemplos:

"*Um dos meus professores, eu acho que foi o de Geografia, ele tava falando sobre um lugar...*" (Duda)

"*O pessoal lá do prédio, oito pessoas comigo, nós fomos fazê um piquenique lá no morro...*" (Juna)

Chamo a atenção para este último exemplo, que foge à regra, uma vez que, em geral, o pronome correferente é de terceira pessoa - singular ou plural - com maior expressividade para singular. No caso acima, única ocorrência do tipo, o pronome apresenta-se na forma da primeira pessoa do singular, pois a informante se inclui no SN deslocado.

Cito, aqui, um exemplo em que a expressão apositiva aparece após o pronome correferencial, e que foi enquadrado na primeira categoria:

"O nosso baixista, *ele*, uma pessoa assim gente fina, mas muito irresponsável, então *ele* poderia ser mais..."
(Miro)

O aposto foi inserido após o pronome, para caracterização do referente, e depois, devido à grande distância do verbo, o mesmo pronome foi reintroduzido.

3) **SN + SN aposto + PRO**: Devido à natureza do aposto, outro SN, nome do elemento em foco, portanto mais específico, os exemplos a seguir, em número de 2, foram agrupados em outra categoria:

"Eu tinha uma colega, *a Márcia*, *ela* tinha, a vó dela tinha morrido recentemente..." (Lica)

"E então, o rapaz, *o Alex*, *ele* subiu numa árvore e..."
(Juna)

Note-se que o primeiro caso difere, em parte, do segundo, por ter sido, o referente daquele introduzido como objeto direto, em posição característica de objeto. Esta particularidade bastaria para classificá-lo em outra categoria.

4) **SN + SN aposto + aposto + PRO** : Apenas uma das ocorrências demonstrou esta particularidade, que consiste em

referir o SN, logo após referi-lo novamente, de outra forma e inserir, após, uma expressão apositiva, para só então acrescentar o pronome:

"Aí o cara, aí o seu Tonho, era o nome desse cara, ele perguntó o que ele queria, o homem de capa preta." (Jonas)

Neste exemplo, torna-se ainda mais evidente o princípio de cooperação manifestado pelo falante. Depois de destacar o referente, nomeia-o e, não contente, acrescenta a expressão 'era o nome desse cara', que elimina qualquer possibilidade de dúvidas na interpretação. Observe-se que aparece outro aposto, no final do enunciado, para o esclarecimento do segundo 'ele', cujo referente poderia correr o risco de ser mal localizado.

5) **SN + SV + PRO**: 2 ocorrências foram registradas:

"As meninas tavam tudo, elas tavam tudo limpando o peixe."
(Lica)

"Esse mesmo meu tio tem, ele tem duas filhas e um filho."
(Mila)

Este é um tipo singular de DES, no qual se observa o início de uma construção não-marcada de sujeito (SV) que, em determinado momento, é interrompida pela inserção do pronome correferencial, sujeito da cláusula que segue. Percebe-se, neste caso também, a função enfática da estratégia, principalmente pelo fato de o falante voltar atrás e reconstruir o enunciado, mesmo após o uso do verbo.

6) **SN + Advérbio + PRO** 2 ocorrências:

"O Collor, com esses Cieps, ele só quer se promover."
(Juca)

"E meus pais, praticamente eles são separados." (Nana)

As ocorrências acima apresentam adjuntos adverbiais logo após o referente que, depois, é retomado pelo pronome. A natureza distinta dos advérbios - instrumento e modo - já serve para comprovar a diversificação do fenômeno, mostrando que ele se adapta a enunciados variados.

7) **SN + Oração Adverbial + PRO** : Foi encontrado 1 exemplo de oração adverbial, aqui com função temporal, como material interveniente entre o SN e seu pronome correferencial:

"O oficial da Marinha, quando se forma na Escola Naval, ela tem uma viagem de instrução durante seis meses."
(Toni)

Há outro caso de oração adverbial, porém com a diferença que o pronome aparece logo após o SN, portanto, precedendo o advérbio. Por este motivo, foi computada entre os exemplos do tipo 1 (SN + PRO):

"Ela me disse que *a vó dela, ela*, quando morreu..."(Mila)

8) **SN + Oração Adverbial + Aposto + PRO** 1 ocorrência

"Os homens, só porque a gente é mulher, o sexo frágil eles dizem, eles têm que mandá na gente." (Juna)

Neste exemplo, a oração adverbial, causal e restritiva, é seguida por oração apositiva conformativa que antecede o pronome. A distância entre o referente e seu verbo, por si só, já explica e justifica a recorrência ao pronome.

9) **SN + Oração Adjetiva Apositiva + PRO** : Este é um tipo de construção com DES que, embora muito freqüente, só se manifestou por 2 vezes. Exemplos:

"*A Aline, que foi, que foi na frente, ela* tava toda cortada." (Juna)

"*Os rapazes que tavam lá, eles* tinham medo de ir na frente." (Juna)

A oração relativa intercalada exerce função apositiva de caráter eminentemente contrastivo, uma vez que contribui em grande escala para a seleção do referente em foco.

10) **SN objeto do verbo ter + Oração Adjetiva Apositiva + SN aposto + PRO**: 1 ocorrência:

"Só que tinha um *velhinho que trabalhava no, no canteiro de obras da escola, seu Mazinho eu acho, ele* ajudô o pai a fazê..." (Léo)

O contraste, neste caso, é ainda mais evidente, já que, a exemplo da oração relativa, atua o SN aposto como recurso seletivo por excelência. Aqui também o referente tópico é

introduzido como objeto e, só a partir do pronome, passa a atuar como sujeito.

A classificação efetuada, que resultou em 10 categorias ou tipos, comprova, não só a difusão do fenômeno, pela versatilidade com que se apresenta, mas também sua maleabilidade, devido à facilidade com que é adaptado às diferentes situações. Seu emprego ocorre tanto logo após o SN foco (1ª categoria), como muito depois dele, com grande quantidade de material interveniente entre ambos (2ª categoria). O interessante é que as ocorrências agrupadas no primeiro caso alcançaram um percentual de 60.8%, que representa uma expressiva maioria sobre as demais categorias, quando justamente nestas últimas o mecanismo costuma encontrar maior respaldo justificativo, tendo em vista a grande distância entre o SN e seu verbo, que poderia suscitar ambigüidades. O emprego da estratégia serviria, então, para melhor identificação do referente (cf. Lira 1987).

Do exposto, pode-se concluir que, no estágio em que atualmente se apresenta, o fenômeno encontra-se enraizado em nossa língua, em sua modalidade oral, com alcance comprovado, não só entre os diversos tipos de pessoas e classes sociais, mas também nos diferentes contextos em que essas pessoas atuam, independente do grau de formalidade da situação.

4.1.2.8. DES na escrita:

Conforme indicação dos dados constantes da Tabela 1, somente 2 ocorrências do fenômeno DES puderam ser constatadas na modalidade escrita. Embora de autoria dos mesmos informantes e girando em torno dos mesmos assuntos, os textos escritos acabaram por comprovar que algumas das estratégias aplicadas à fala não costumam manter-se na escrita. Certos enunciados escritos, por vezes estruturados numa forma bastante próxima à de seu par na fala, não apresentam o mecanismo, revelando que o modo escrito encontra-se, ainda, num plano bem distante do oral.

A seguir, apresento alguns trechos extraídos dos textos orais e escritos, através dos quais mostro esse distanciamento:

1. Informante Juna - 1o grau.

Fala:

"Bem, *a minha narrativa, ela é diferente, né, acho que não é com todo mundo que acontece isso. Um dia, nas férias de julho, em 87, o pessoal lá do prédio, né, oito pessoas comigo, nós fomos fazê um piquenique lá no, no morro, que atrás do nosso bloco tem um morro e nós fomos fazê um piquenique lá pra passá a tarde, né, tomando banho de cachoeira.*"

Escrita:

"Bem, a experiência que eu tive foi em 87 que eu e mais 7 pessoas fomos fazer um piquenique que teve lá no morro que é atrás do prédio onde eu moro."

Os trechos transcritos reproduzem o início da narrativa de experiência pessoal de Juna, correspondendo o primeiro à situação de fala e o segundo à de escrita. De início, pode-se perceber que modo escrito e modo oral organizam-se de maneiras distintas, pois a extensão dos enunciados difere bastante de uma para outra modalidade.

No modo oral, Juna já inicia alertando que sua narrativa será diferente das outras. Apresenta, então, uma construção com DES, com que anuncia o tópico - a narrativa - e destaca-a do conjunto de narrativas que integra, contrastando-a às demais. A seguir, introduz um novo referente - os protagonistas da história - através de nova construção com DES, com expressão apositiva intercalada, que permite a visualização do grupo de pessoas a que se refere. O texto escrito já não apresenta as mesmas estratégias utilizadas na fala, pois enquanto nesta DES ocorreu por duas vezes, na escrita não se manifestou. Em seu lugar, construções tradicionais de sujeito, não-marcadas.

A comparação efetuada evidencia que a fala, na verdade, representa um processo com suas marcas. Constitui-se por ensaio e

erro, resultando num produto transparente. A escrita, por sua vez, é só resultado, opaca, portanto, em termos processuais.

A seguir, apresento textos orais e escritos em que a semelhança de procedimentos acabou por determinar a constatação da presença do mecanismo na escrita:

2. Informante Jonas - 1o grau.

Fala:

"A história, tem um vizinho meu que conta né, lá, lá de Tijucas também. Ele conta que, que certo, certa noite, *a mulher dele e a filha dele, elas* saíram pra ir na casa da, da irmã dele."

Escrita:

"Certa vez meu vizinho, seu Tonho ouviu alguns barulhos no seu quintal numa noite em que sua mulher e suas filhas, haviam saído."

Informante Duda - 2o grau.

Fala:

"*Um dos meus professores, eu acho que foi o de Geografia, ele* tava falando sobre um, um lugar bem no interior, eles fazem papelão..."

Escrita:

"Um dos meus professores, estava me falando que conheceu o dono de uma fábrica de papelão do interior do estado."

As transcrições acima apresentam uma característica em comum: em ambas, o espaço ocupado pelo pronome correferencial, na fala,

é assinalado, na escrita, por uma vírgula, indicadora da existência de uma pausa entonacional. O fato constitui exemplo da vírgula entre sujeito e predicado, tão combatida na expressão escrita.

Para Mollica (1984), as pausas entre sujeito e predicado são determinadas por princípios específicos, atendendo a funções de natureza discursiva, gramatical e psicolinguística. Sua hipótese é a de que a emergência de tais pausas é favorecida se o primeiro elemento constitui um foco de contraste.

A hipótese de Mollica parece ajustar-se aos casos aqui apresentados, assim como à maioria das construções com DES. Se em DES o contraste é função primordial, explicativa e determinante de sua utilização, e se a pausa, presença constante em DES, está associada ao contraste, está confirmada a relação. A teoria explica também, neste caso, as ocorrências das vírgulas entre o sujeito e o predicado na escrita, já que os itens sujeitos em questão representam focos contrastivos.

Em vista disso, os exemplos citados acima podem ser interpretados como um tipo especial de DES, mais especificamente uma espécie de deslocamento sem rastro, uma vez que, na verdade, apresentam tópico, mas não sujeito. O procedimento, conforme constatado, é semelhante ao empregado na oralidade: ao nomear o tópico, contrastando-o, o escritor desloca-o para a esquerda, ou seja, para fora dos limites estruturais da cláusula. Separa-o

pela vírgula, indicadora da pausa, e, a seguir, dá início à proposição. A única diferença, portanto, está na presença/ausência do pronome, que caracteriza o fenômeno como com rastro/sem rastro.

Tal constatação conduz a uma reavaliação do anteriormente afirmado a respeito de DES ser exclusivo das situações de oralidade. Nestas, com o objetivo de atrair a atenção de seu interlocutor sobre determinados constituintes clausais, o falante marca-os relativamente aos demais. Para tanto, transforma-os em tópicos, utilizando-se das construções com DES, nas quais, através da anteposição e da entonação enfática, evidenciam-se o contraste e a informatividade. Além disso, o imediatismo da fala determina a necessidade de organização do pensamento. DES aparece, então, como um recurso que possibilita o espaço para tal organização.

Na escrita, por sua vez, não havendo a simultaneidade comunicativa, faz-se desnecessária a abertura desse espaço. Sem contar que o modo escrito é, por natureza, mais cuidadosamente planejado e estruturado. Apesar disso, o mecanismo fez-se presente nos textos escritos, embora em proporção reduzida (4.3%) e sem a presença do pronome. O achado, de certa maneira, invalida a tese da exclusividade do modo oral relativamente a DES, ao mesmo tempo em que sugere a importância de reflexões em torno do assunto, tendo em vista a estigmatização de certos tipos de construções apresentadas na escrita, a exemplo daquelas em que

figura a vírgula entre o 'sujeito', no caso tópico, e o predicado.

4.2. TOPICALIZAÇÃO

4.2.1. Pressupostos:

Classifico sob o rótulo de Topicalização (TOP) as construções em que se evidencia a alteração da ordem V/O na cláusula, pela anteposição ao verbo de outros constituintes que não o sujeito, a saber: objetos direto e indireto, complementos nominais, predicativos do sujeito e do objeto, adjuntos adverbiais, assim como orações inteiras portadoras dessas funções. Exemplos:

- (1) "Eu fui lá, falei com meu tio, tudo, mas *a dúvida* eu tô na minha cabeça até hoje." (Lica)

Em (1), constata-se a inversão da ordem-vocabular, por antecipação ao verbo do item Objeto Direto (a dúvida), resultando em construção do tipo complemento/sujeito/verbo. Os casos em que se configura a anteposição do complemento ao verbo são apontados como exemplos de ordem inversa e, apesar de aceitos e mesmo recomendados em determinadas situações, são consideradas como "anomalias". (cf. Cegalla: 1984, André: 1985, Said Ali: 1957)

O fato é que a dita inversão da ordem vocabular ocorre com freqüência relativamente alta e, em português, assim como em

outros idiomas, não se atém ao modo oral, aparecendo também na escrita, embora em mais reduzida proporção.

Para Givón (1990b: 6), a anteposição constitui-se em recurso estrutural para assinalar baixa predizibilidade informacional e alta importância temática. Segundo Givón:

"O uso do mesmo recurso estrutural - anteposição - para assinalar ao mesmo tempo predizibilidade e importância não é um acidente. Antes, o que unifica os dois contextos é a dimensão psicológica: Antepor um constituinte é um recurso cognitivamente transparente para atrair a atenção a ele."

No modo escrito, a estratégia é vista, também, como recurso estilístico, já que representa uma maneira eficaz de se fugir aos padrões convencionais de estruturação do texto. Conforme Cegalla (1984):

"Escrevendo, cumpre fugir à monotonia da ordem direta e assegurar à frase harmonia e variedade de ritmo, usando, com equilíbrio e discrição, ora uma, ora outra ordem."

Vistas como recurso enfático ou estilístico, utilizadas na fala ou na escrita, as construções de Topicalização caracterizam-se pela estrutura Tópico + Comentário e podem ocorrer, em português, com quaisquer constituintes clausais. O procedimento consiste em anunciar o tópico, através da nomeação do item que se

deseja enfatizar e, posteriormente, formular o comentário a respeito desse tópico.

Construções como estas têm causado certa dificuldade na identificação do sujeito da cláusula, pelos próprios falantes da língua. Pesquisa efetuada por Pontes (cf. Pontes 1986) demonstra que os falantes tendem a apontar como sujeito o item que é primeiramente anunciado, ou seja, topicalizado. Segundo Pontes, os falantes interpretam sentenças como "O carro furou o pneu" (idêntica estruturação à de (3) acima), da mesma maneira que qualquer sentença transitiva típica: sujeito/verbo/complemento. No caso, o item 'o carro' é interpretado como sujeito e como agente.

Li & Thompson (1976) estabelecem alguns critérios a serem considerados na distinção entre sujeito e tópico. Segundo os autores, o tópico está relacionado a estratégias discursivas, enquanto o sujeito se liga a relações nome-verbo e a processos gramaticais. Nesta perspectiva, o tópico aparece como dependente do discurso, atua como centro de atenção da sentença, ocupa a primeira posição no enunciado e deve ser definido. O sujeito, por sua vez, estando ligado a relações nome-verbo e a processos gramaticais, estabelece restrições seletivas com o seu verbo, sendo, em geral, determinado por este. Além disso, controla a concordância verbal. Concluem os autores que tópico é uma noção discursiva, sintaticamente independente da sentença, enquanto o sujeito constitui-se em noção interna à estrutura da sentença.

A noção Tópico discursivo-funcional e a noção Sujeito sintático-gramatical têm sido tema de vários estudos, entre os quais Keenan (1976), Li & Thompson (1976) - referido acima - e Givón (1979). Este último afirma, por exemplo, que uma das mais aclamadas propriedades dos sujeitos, a da concordância gramatical com o verbo, é uma propriedade tópica que aparece diacronicamente via reanálise do tópico em sujeito e, simultaneamente, de um pronome anafórico em um morfema gramatical. E ilustra com a estruturação produzida por um inglês americano "não estudado": "My ol' man, he rides with the Angels." (tópico + pron. sujeito + verbo). Diacronicamente, o tópico, sofrendo o processo de gramaticalização, passa a ser visto como sujeito, do que resulta a construção sujeito + agente + verbo. Segundo Givón, o processo mostra que toda língua tem uma grande parcela de registros discursivos que vão da pragmática solta e informal à sintaxe firme e formal.

No mesmo trabalho, Givón refere-se a estudo de Sankoff (1976) que mostra três ciclos do mesmo processo ocorrendo em Tok Pisin, originário de uma língua Pidgin de Nova Guiné Highlands:

1. Tempo de deliberação: construções de sujeito são proferidas firmemente e sem quebra entonacional enquanto construções tópicas, em geral, levam mais tempo.

2. Codificação: construções de sujeito são melhor codificadas morfológicamente que as construções tópicas, com concordância verbal sendo uma instância típica de tal codificação.

3. Resolução: em termos de identificação do tópico do discurso, construções tópicas mostram 100% de correlação entre forma e função.

A conclusão de Givón é que construções de sujeito são típicas de situações em que se manifesta a manutenção do tópico ou tema, isto é, aquelas em que o tópico é razoavelmente fácil de ser identificado, e construções tópicas, por outro lado, são usadas quando há mudança de tópico, ou seja, quando se configura a baixa predizibilidade temática. Assim, a estratégia de sujeito estaria ligada a situações de maior simplicidade, quando o tema se mantém em uma cadeia de sentenças, e quando a economia de tempo é possível e facilitada pelo acréscimo de propriedades de codificação do sujeito.

4.2.2. Análise e comentários:

A seguir, procedo à consideração das características observadas no comportamento do fenômeno, tendo em vista a identificação, bem como a explicação preliminar de seu caráter funcional.

As construções de TOP mostraram-se uma constante nos dados coletados, sugerindo que o português, na classificação tipológica

de Li & Thompson (1976)⁶, possa figurar como língua tópicoproeminente ou, pelo menos, como língua portadora de ambas as proeminências (sujeito e tópico). A tabela 1b, a seguir, comprova a expressividade com que o fenômeno se manifestou, em termos de fala e escrita:

Tabela 1b:

TOP na fala e na escrita

	1º grau	2º grau	3º grau	Total
Fala	101	128	127	356
Escrita	85	73	146	304

Conforme os resultados da Tabela 1b, TOP vem se revelando como um recurso de ampla utilização em ambos os modos expressivos. Observe-se que, a nível de terceiro grau, o total de manifestações na escrita chegou a superar o da fala. Tal constatação confirma a hipótese de que, em níveis mais adiantados de escolaridade, seria a TOP utilizada também como recurso estilístico. A par disso, devo considerar, entretanto, que, entre as ocorrências computadas, constam as de advérbio, as quais, em muitos casos, são empregadas com a função de contextualizadores temporais ou situacionais, particularmente na escrita, em que a

⁶ Li e Thompson (1976) apresentam uma tipologia baseada nas relações gramaticais sujeito-predicado e tópico-comentário. Classificam as línguas em quatro tipos básicos:

- . línguas com proeminência de sujeito;
- . línguas com proeminência de tópico;
- . línguas com ambas as proeminências;
- . línguas se nenhuma dessas proeminências.

ausência da simultaneidade comunicativa deve ser compensada pelos fatores de contextualização.

4.2.2.1. TOP e Contrastividade:

Contrastar significa comparar, distinguir, limitar, delimitar referentes mencionados em conjuntos implícitos ou implícitos. Sendo assim, o contraste permite imprimir destaque a determinado referente, colocando-o em evidência na progressão temática e transformando-o em tópico.

Os exemplos a seguir representam algumas das ocorrências em que o contraste se faz presente:

- (2) "*Biblioteca* a gente não tem muito o que falar, né?"
(Nana)
- (3) "*Uma coisa que me incomoda muito, que me choca mesmo,* é que meus pais, eles são separados." (Nana)
- (4) "É bem estranho, *com amigos* a gente entende, mas com os pais da gente, é bem estranho mesmo. (Nana)

Em (2) e (3), o contraste, embora implícito, existe, pois os itens em foco integram conjuntos maiores não mencionados, porém presentes na mente de cada um de nós, possíveis interlocutores, através do conhecimento de mundo que possuímos e que nos permite efetuar inferências a respeito do que ouvimos e vemos.

Por outro lado, em (4), o contraste é explícito e incontestável, uma vez que os itens confrontados - 'amigos' e 'pais da gente' - aparecem contemplados por referência expressa, o que vem a caracterizar a típica TOP contrastiva, conhecida como Y-movement. (cf. Givón 1990b)

Outras manifestações de contraste explícito podem ser observadas em (5) e (6):

(5) "...e o meu irmão também é a mesma coisa, meus irmãos, poderia dizer. Só que a minha irmã é mais que o meu irmão, porque *a minha irmã* a gente nunca se dá, agora *o meu irmão* a gente não se dá, mas tem dias que as coisas se encaixam." (Cacau)

Neste exemplo, os itens 'minha irmã/meu irmão' são colocados em evidência através da anteposição e, além disso, são confrontados entre si, constituindo, em consequência, um par contrastivo.

Idêntico procedimento poderá ser observado em (6), em que a informante destaca dois itens igualmente em oposição:

(6) "E depois, o dinheiro não era suficiente para tanto e os filhos tiveram que fazê esse, esse tipo de trabalho, né, então, *na Alemanha*, uma filha de classe média, *no Brasil*, uma lavradora." (Rose)

No caso, o par contrastivo é constituído por advérbios de lugar, que poderiam atuar somente como fatores de contextualização, normais em qualquer relato de experiência. A informante, no entanto, ao confrontá-los, atribui-lhes posição de destaque, através da anteposição e, para completar, confere-lhes entonação acentuada de pico de sentença.⁷

E é esta uma das características marcantes de TOP. Os itens topicalizados e contrastivos, em geral, aparecem acompanhados de entonação específica, em que se configuram a maior amplitude em vibrações sonoras, provocada pela pressão de ar vinda dos pulmões, assim como a maior tensão das cordas vocais que resulta em frequência fundamental mais alta. Submetidas a testagens em computador, através do programa CECIL, que permite observar, através de gráficos, o desempenho das ondas sonoras emitidas durante a enunciação, tais especificidades foram comprovadas. É o que poderá ser observado nos gráficos constantes do Anexo 1, representativos das ocorrências (6), mencionada acima, e de (7), de autoria da mesma informante.

- (7) "E eu tava lendo no jornal, nesse final de semana, que inclusive *na Alemanha*, o jornal mais popular, na Alemanha, traz na capa fotos de mulheres nuas..."
(Rose)

⁷ Neste exemplo, evidencia-se o Princípio da Ordenação Linear, segundo o qual a informação menos importante e menos predizível, mas com função de contraste, é anteposta.

Como se pode perceber, a informante enfatiza o advérbio 'na Alemanha', imprimindo-lhe, até, certo ar de surpresa. Note-se que o item integra o conjunto maior dos países ou lugares do mundo, que fazem parte do conhecimento compartilhado por falante e ouvinte. Por isso mesmo, esse item aparece definido e em posição de destaque que, em geral, cabe a informação conhecida. Ao ser destacado, o item é colocado em oposição ou contraste relativamente aos demais itens do conjunto.

Em vista do exposto, posso concluir que a contrastividade é uma função preponderante em TOP, o que confirma a teoria apresentada em Givón (1990b), sobre a existência de uma forte relação entre anteposição de SNS e contrastividade. Referindo-se ao Mandarim Chinês, língua a que, em estudos anteriores se atribuíra a correlação um-a-um (alta predizibilidade) da função à forma à relação definido/OV, Givón conclui que essa correlação se deve não à relação definido/OV até então apontada, mas sim à relação contraste/OV. O falante, na codificação de seus enunciados, utiliza-se do contraste, o que lhe garante maior eficácia comunicativa. Por sua vez, o ouvinte, devido ao contraste, pode conseguir, por recorrência ao contexto, livrar-se, em grande parte, da desambigüização.

Relacionada à contrastividade, impõe-se, como função também preponderante em TOP, a informatividade, que será comentada a seguir.

4.2.2.2. TOP e Informatividade:

Prince (1980) sugere que o locutor, ao estruturar seus enunciados, leva em conta o que imagina estar na mente do alocutário e embala a informação de acordo com tais suposições, de modo a torná-la mais acessível e eficiente.

Em meio a esse jogo de relações e suposições, emerge a questão da predizibilidade/recuperabilidade, em cujo âmbito encontra-se a noção *dado/novo*. Tratada sob várias denominações, entre as quais *velho/novo*, *conhecido/novo*, *pressuposição/foco*, a noção tem sido utilizada para explicar fenômenos variados da linguagem, a exemplo de Pronominalização, Sujeitos sentenciais, Sentenças clivadas, além de DES e TOP.

Predizibilidade/recuperabilidade relaciona-se a *dado* no sentido de que o locutor imagina que o alocutário possa predizer, ou seja, supor que um item lingüístico ocorrerá em certa posição na sentença. Neste sentido, ainda que alguns conceitos pareçam novos no discurso, porque não recuperáveis no contexto precedente, podem ser considerados dados, em virtude de serem predizíveis ou inferíveis. O *dado*, portanto, a princípio correspondente a recuperável, passa a ter maior abrangência, na medida em que se associa, também, a inferível/predizível. Note-se, porém, que no caso específico do fenômeno Topicalização, a

predizibilidade é baixa, uma vez que TOP tende a ser utilizada em situações de mudança de tópico, caracterizadas pela baixa expectativa ou surpresa quanto à natureza dos referentes utilizados.

A Tabela 2b, a seguir, mostra a expressividade com que se manifestaram os referentes dados, relativamente aos inferíveis e novos, nos exemplos encontrados nas situações de fala:

Tabela 2b:

TOP e Informatividade na fala

Novos	%	Dados	%	Infer.	%	Total
4	1.2	297	88.9	33	9.8	334

O exemplo a seguir mostra uma ocorrência de TOP contemplando referente inferível:

(8) "Na minha família tem, *as minhas primas* os pais todos são assim, os pais, os pais delas sempre são assim, não tem?" (Mila)

Na ocorrência citada, o item Complemento Nominal 'as minhas primas', que aparece topicalizado, embora não mencionado previamente, é *inferível*, devido à relação de inclusão mantida com 'minha família', referente recuperável no contexto anterior. A relação de inclusão permite, portanto, que lhe seja atribuída a caracterização de *inferível* por integrar classe maior, no caso, 'família'.

Em contrapartida, a ocorrência (9), realizada pela mesma informante, corresponde a um exemplo de TOP com referente dado:

(9) "E eu gosto também de jogá vôlei, *vôlei* eu gosto muito." (Mila)

O item 'vôlei', objeto indireto topicalizado, no momento em que aparece anteposto, é visto como 'dado', já que presente no contexto precedente, aliás, bem próximo. O procedimento corresponde nitidamente ao já observado em outras situações semelhantes. Ao introduzir o referente do SN que posteriormente surge como tópico, a informante apresenta-o em posição pós-verbal, apontada como a preferida para tal função. Feito isso, o referente, agora com posicionamento liberado, aparece anteposto, em situação de destaque que, normalmente, cabe ao sujeito da cláusula.

Elementos anafóricos topicalizados também puderam ser conferidos no corpus, sendo computados como dados quando em relação de remissão a entidades constantes à sua esquerda, ou seja, no contexto anterior. Exemplo:

(10) "...só porque a gente é mulher, o sexo frágil, eles dizem, eles têm que mandá na gente. *Isso* eu acho errado." (Mila)

Processo inverso ocorre em (11), em que o SN oracional subsequente é referido anaforicamente pelo pronome demonstrativo topicalizado:

(11) "porque *isso* é muito difícil, o azulejo que cai, você colocá o mesmo sem ter que lixar." (Nei)

Outro tipo de TOP que foi, na maioria dos casos, caracterizado como *dado* consiste na anteposição de adverbiais, tanto os constituídos pelo advérbio somente, como os oracionais. Exemplo:

(12) "porque *quatro horas, no mato*, começa a escurecê, *por mais que seja verão*, começa a escurecê." (Juna)

No enunciado acima, constam três ocorrências de TOP com adverbiais. As duas primeiras topicalizam, respectivamente, advérbios de tempo e de lugar, e a última, por sua vez, contempla um advérbio oracional, de natureza concessiva. Com ou sem menção prévia, os referentes dos três exemplos são considerados *dados*, porque disponíveis, ou seja, pertencentes a um conhecimento compartilhado por falante e ouvinte, que elimina a necessidade de apresentação ou qualquer procedimento similar.

Referentes *dados* também foram encontrados, e em proporção significativa, nos casos de TOP provocados pelo interlocutor, característicos da situação dialogal. Em geral, contemplam itens Predicativos do Sujeito:

(13) E - "E agora eu gostaria que tu me disseses o que tu gostas de fazer..."

I - "*Uma das coisas que eu mais gosto de fazer é bordar. Bordar ponto de cruz.*" (Rose)

(14) E - "E o que te incomoda nessa sociedade, nesse Brasil, - "*A coisa que mais me incomoda no Brasil é o menor abandonado.*" (Ado)

(15) E - "Eu gostaria, agora, que tu me descrevesse o lugar em que tu mais gostas de ficar."

I - "*O lugar que eu mais gosto de ficar é o meu quarto.*" (Nei)

Silva-Corvalán (1981), postula que a progressão do conhecido ao desconhecido, ou seja, do *dado* ao *novo*, estabelece coesão no discurso. Quando o complemento (direto ou indireto) representa a informação mais conhecida na cláusula, por ser seu referente *evocado* ou *inferível*, é colocado em posição inicial, desempenhando função de enlace textual.

Com efeito, poderia a proposta de Corvalán ser aplicada aos exemplos enumerados acima, tendo em vista que ocorreram, em sua maioria, em seguimento a proposições efetuadas pelo interlocutor. Veja-se, por exemplo, a ocorrência de número (15):

(15) E - "Eu gostaria, agora, que tu me descrevesse o local em que tu mais gostas de ficar."

I - "*O local que eu mais gosto de ficar é o meu quarto.*" (Nei)

Na ocorrência acima, assim como nas outras, a resposta é estruturada numa espécie de eco à proposta apresentada, o que pode ser considerado um recurso de coesão ou enlace textual. O complemento, que é *conhecido* ou *dado*, porque referido textualmente, é anteposto, funcionando como um elo entre pergunta e resposta.

Em função de todos estes achados e considerações, parece claro que a Informatividade, assim como as relações que a sustentam, constitui-se em função atuante no mecanismo, determinando e mesmo explicando o momento e o porquê de sua utilização. Manifesta-se no discurso, portanto, através da ordenação-vocabular e através da entonação: em geral, a informação velha ou o seu referente tendem a ser acompanhados por forte padrão entonacional que caracteriza a estrutura em que figuram como marcada em relação às demais.

4.2.2.3. TOP e Definitização:

A definitização é característica de TOP e, nos exemplos encontrados, atingiu um percentual de 97.7%. Tamanha expressividade é natural, sendo decorrente, mesmo, das funções preponderantes no fenômeno. Ora, se TOP está associada a contraste e a informação dada, o esperado é que seus referentes apareçam definidos, ligando-se os indefinidos à informação nova.

Chafe (1976) alerta sobre a existência de uma forte interação entre o status *dado* e o status *definido*. De fato, quando o locutor imagina que seu ouvinte não esteja apto a identificar o referente, a tendência é a de apresentá-lo na forma indefinida e, em geral, em posição pós-verbal. Isto não quer dizer, entretanto, que haja incompatibilidade entre informação nova e definido. Chafe afirma ser comum encontrar sentenças como "Eu conversei com o carpinteiro ontem", em que 'carpinteiro' é definido e novo. Em casos como este, a definitização é estabelecida por algum outro princípio que a menção no contexto precedente.

Já a combinação *indefinido* e *dado* caracteriza-se como menos comum, sendo estabelecida, às vezes, quando a distância referencial é grande a ponto de dificultar a identificação do item. Nesses casos, pode haver a recorrência à forma indefinida. A tendência geral, no entanto, é assumir que o ouvinte retenha ainda, na memória, o referente em questão, mesmo em face da lacuna constatada, o que justifica o uso do definido. É o Princípio da Negligência a motivar a despreocupação com a forma, na certeza da receptividade do conteúdo.

A seguir, apresento alguns exemplos nos quais poderá ser observado como se processa a relação definido/indefinido:

- (16) "... eu fui lá, falei com meu tio, tudo, e *a dúvida* eu tô na minha cabeça até hoje, até hoje eu não sei se

realmente era uma pessoa que tava correndo atrás da gente ou, sei lá, realmente, um cara assim, digamos, mal-encarado." (Lica)

No exemplo acima, evidencia-se o Princípio da Negligência, uma vez que o referente 'a dúvida' não havia sido mencionado antes e é introduzido de forma definida. Note-se, porém que, logo após entra em cena o Princípio da Cooperação, quando a informante esclarece o teor de sua dúvida.

Em (17) e (18), a situação é distinta:

(17) "Aconteceu lá que nós estávamos no carro do meu amigo e *o carro dele*, as portas eram bem velhas, qué dizê, o carro era todo velho." (Isa)

(18) "... Porque eu via que toda a minha vida tinha mudado, que todas as coisas que eu fazia tinham mudado, tudo tinha um sentido diferente, não era mais, *as coisas* eu não fazia mais com alegria, prazer, eu fazia por fazê." (Luana)

Os dois casos retratam situações em que os referentes topicalizados receberam menção prévia, sendo, por isso, dados e definidos. Note-se, porém, que, quando introduzidos, receberam também a forma definida, sem prejuízo para a coerência do texto. Ocorre que ambos são itens genéricos, presentes no conhecimento ou memória das pessoas em geral, o que dispensa formalidades de apresentação.

Quanto a referentes adverbiais, sejam eles adjuntos ou orações, constituem-se, normalmente, em entidades *disponíveis*, *acessíveis*, porque do conhecimento geral. Logo, são definidos:

- (19) "Ultimamente eu ando fazendo só pra amigos, *pra pessoas estranhas* eu não faço." (Isa)
- (20) "É, sempre é bom. *No inverno*, a gente faz um aquecimento pra não, pra evitá de dá cãibra, alguma contração muscular." (Rob)

A exemplo dos anteriores, estes casos contemplam itens que dispensam apresentação, por isso, quando introduzidos, já o são na forma definida.

A classificação *indefinido*, embora em pequena proporção, pôde ser computada. São casos em que aparece, por exemplo, o 'um/uma', que, na verdade, consistem em itens de difícil categorização, por não ser fácil estabelecer a fronteira entre numeral e artigo. Exemplos:

- (21) "*Uma coisa que eu nunca ouvi* é a bibliotecária desejá, assim, boa leitura." (Nana)

De acordo com Givón (1983), pode-se dizer que tópicos de parágrafo medial e de parágrafo final devem ser definidos. Por outro lado, tópicos de parágrafo inicial podem ser definidos (porque identificáveis pelo ouvinte por um meio qualquer) ou indefinidos.

Os casos citados acima mostram tópicos de parágrafo inicial, em que, conforme Givón, há a possibilidade do emprego da forma indefinida.

Os dados obtidos confirmam, portanto, ser a definitização marca registrada do fenômeno e, conseqüentemente, característica da anteposição. As raras ocorrências de Top com referentes indefinidos representam uma minoria e, em geral, resultam de um processo de gramaticalização do numeral.

4.2.2.4. TOP e continuidade vs. descontinuidade:

Givón (1983) postula que o fenômeno conhecido como Y-movement (movimento iídiche) está relacionado, em termos de distância referencial, ao fator descontinuidade/surpresa, particularmente pelo fato de o referente em foco contrastar com outros itens presentes no contexto discursivo imediatamente precedente, o que ocasiona alto potencial de interferência.

A distância referencial diz respeito ao espaço entre uma e outra ocorrência de determinado referente tópico no discurso. Esse espaço é medido pelo número de orações que aparecem entre as ocorrências. Se o mesmo tópico é referido por diversas vezes seguidas, configura-se a sua manutenção na cadeia e a conseqüente continuidade tópica. Se, pelo contrário, outros tópicos são

introduzidos, ou se o espaço entre as realizações com o mesmo tópico é grande, caracteriza-se a descontinuidade.

No caso de ser detectada a introdução de outros tópicos entre uma e outra referência ao que está em observação, diz-se que há um alto potencial de interferência, o que, na maioria das vezes, dificulta a interpretação, configurando-se baixo teor de predizibilidade.

Assim, a grande distância referencial está ligada a maior possibilidade de interferências e ambas, a baixa predizibilidade. Em contrapartida, a continuidade relaciona-se a pouca distância referencial, baixo grau de interferências e alta predizibilidade.

As entrevistas coletadas, apesar de conduzirem o informante a uma situação mais próxima à monologal, mostram-se ricas em ocorrências do fenômeno, ressaltando-se certos trechos pela introdução de vários referentes topicalizados.⁸ Como exemplo, apresento um trecho da entrevista de uma informante do primeiro grau, correspondente a parte de sua narrativa de experiência pessoal:

"Então nós subimos mais, porque tinha uns rapazes mais velhos, tudo pessoal lá do prédio, todo mundo gente fina, aí nós subimos mais, todos concordaram, e *cada hora* fomos

⁸ Chamo a atenção para o fato de que não estou considerando tópico na acepção de assunto/tema, mas sim no sentido de atribuir-se enfoque a determinados constituintes clausais, através de sua anteposição ao verbo.

subindo, dava pra vê a Lagoa da Conceição, *a outra parte* dava pra vê a Hercílio Luz. Era super-legal. Então, nós fomos subindo altos morros, e mais, e mais, e mais, e *chegava quatro horas* e ninguém sabia pra onde ir, porque *de tanto que nós tínhamos andado*, ninguém mais sabia como voltá, porque *quatro horas, no mato*, começa a escurecê, *por mais que seja verão*, começa a escurecê. E nós fomos andando, andando, pegamos muito mato fechado e continuamos a andá, e *o mais engraçado é* que os rapazes que tavam lá eles tinham medo de ir na frente." (Juna)

O texto transcrito apresenta, em curto espaço, 8 ocorrências do fenômeno: 7 com adverbiais (tempo, lugar, proporção e concessão) e 1 com predicativo do sujeito. Ainda que a temática da narrativa persista (o piquenique no morro), vários são os itens topicalizados, o que caracteriza o fenômeno como estratégia de convencimento. A informante recorre a ela por repetidas vezes, com o intuito de fazer de sua narrativa a mais interessante e convincente possível.

No geral, as entrevistas demonstram o mesmo procedimento. Constituintes frasais de natureza distinta são ressaltados, caracterizando a descontinuidade, uma vez que, embora persista a temática central, dificilmente o mesmo item focalizado se mantém por muito tempo. E, note-se, não se trata de esforço para perseguir ou manter a palavra, pois esta já está garantida. O grande número de realizações sugere, como postulam Li & Thompson (1976), que estruturas tópico-comentário são naturais em

determinadas línguas e devem ser consideradas como sentenças básicas, naturais da língua.

4.2.2.5. TOP e situação monologal vs. situação dialogal:

Em geral, a estratégia da promoção de referentes por TOP mostra-se mais comum em situações de diálogo, nas quais funciona como um eficiente recurso na tarefa de perseguir ou manter o turno da conversa. Neste caso, surgem da iniciativa do falante e de seu empenho em fazer de sua fala a mais convincente.

Igualmente típicas da situação dialogal são as ocorrências vistas como provocadas pelo interlocutor. São casos em que este lança um referente na conversa através de uma proposição, à qual o entrevistado responde, como em eco, colocando em primeiro posição o referente apresentado que, desse modo, ganha destaque. É o que Pontes (1987) exemplifica com:

- " - E a Rosa?
- *A Rosa* eu falei com ela ontem."
- " - Lá vem o atrasado do Maciel.
- *O Maciel*, você acha que ele é atrasado?"

Nos exemplos de Pontes, o locutor transpõe os referentes da proposição para a sua própria fala. Repete-os, topicalizando-os e, só depois, formula o comentário a respeito. São itens

introduzidos por SNS objeto, que depois são retomados, nas respostas, sob a forma de tópicos.

Entre as realizações encontradas em meus dados, as mais comuns são as correspondentes aos casos de predicativos do sujeito topicalizados que perfizeram um total de 67, conforme ilustra a Tabela 3b, a seguir:

Tabela 3b:

TOP e predicativos do sujeito

Predicativos	Provocados	Ñ provocados	Total
	42	25	67

Os exemplos (22) e (23) ilustram o procedimento:

(22) E - "Eu queria que tu me falasses sobre uma coisa que te incomoda."

I - "*A coisa que mais me incomoda, no Brasil, é o menor abandonado.*" (Ado)

(23) E - "Me fala, agora, sobre uma coisa que tu gostas de fazer."

I - "Tem um monte de coisas que eu adoro, né. *uma delas* é escrevê carta, eu adoro recebê e escrevê cartas. E *a outra coisa que eu adoro, além de escrevê carta*, é escrevê na minha agenda." Nana)

(24) E - "Gostaria que tu me falasses, agora, a respeito de algo que te incomoda..."

I - "*Uma coisa, pra mim, que é mais do que uma incomodação, assim, um certo nojo, inclusive, que eu*

tenho, é essa vulgaridade masculina em relação às mulheres..." (Rose)

Nas três ocorrências, o procedimento é o mesmo. O entrevistador propõe, através do SN objeto, que o informante lhe fale a respeito de algo. A resposta é, então, estruturada iniciando pelo item proposto, que agora funciona como predicativo do sujeito. A seguir, entra o verbo e, somente após este, o sujeito.

As demais ocorrências, em geral, podem ser consideradas como típicas da situação monologal, uma vez que acontecem no interior da cadeia, sem a intervenção do entrevistador. O locutor, portanto, é o responsável por elas. Os exemplos a seguir fazem parte da entrevista a uma estudante de terceiro grau, (Lia) que dá a receita de um bolo como relato de procedimentos:

- (25) "*A massa-base* é o pão-de-ló." (predicativo do sujeito)
- (26) "*A essa espuma* a gente acrescenta 2 xícaras de açúcar." (objeto indireto)
- (27) "... e depois, *à mão*, a gente bate 2 xícaras de trigo e 1 colher de sobremesa de fermento." (adjunto adverbial de modo).

Estes exemplos, além de ilustrarem a questão da situação monologal, por serem resultantes da iniciativa do locutor, mostram que o fenômeno, pode ocorrer a qualquer momento, em qualquer posição do enunciado e com itens de várias funções.

Note-se que, no mesmo texto, em curto espaço, a informante realiza três ocorrências seguidas, sendo a primeira de predicativo do sujeito, a segunda de objeto indireto e a última de adjunto adverbial.

4.2.2.6. TOP e manejo de turno:

As particularidades acima referidas advêm do fato de ser a TOP utilizada mais comumente em situações dialogais, caracterizadas pela constante troca de turno. No esforço pela posse da palavra, o mecanismo constitui-se em estratégia eficiente a que o locutor recorre repetidamente. Duranti e Ochs (1976) afirmam ser a busca da palavra uma função particular que distingue TOP de construções de sujeito pleno. E mais, que TOP pode ser usada não só para ganhar a posse da palavra, mas também para bloquear ou reduzir a participação de outras pessoas no diálogo. Segundo os autores, construções topicalizadas, sendo um meio de chamar a atenção para outras entidades de algum tema geral que esteja sendo tratado, e sendo uma forma de recuperar essas entidades, já mencionadas anteriormente ou relacionadas com o assunto, representam recursos ideais para a troca de turno, para a garantia da posse da palavra ou para mudar o foco de atenção.

A tendência, portanto, é a de que quem esteja com a palavra procure mantê-la e quem não esteja, tente conquistá-la. Daí o

constante apelo a estratégias que tornem o discurso mais interessante e convincente. Sendo a TOP um efetivo meio para mudar a direção da conversa, introduzindo elementos novos ou recuperando elementos já tratados previamente, o seu uso passa a ser visto como natural e decorrente. Daí o expressivo percentual de construções de TOP e a significativa versatilidade com que se apresentam tais construções.

Embora as entrevistas efetuadas para a coleta de dados deste trabalho retratem situações mais próximas ao monólogo do que ao diálogo, que não exigem esforço no sentido de tentar apossar-se da palavra ou de mantê-la, a estratégia de TOP foi utilizada expressivamente.

Ainda conforme Duranti & Ochs, propriedades semânticas do tipo +humano, +animado ou +concreto, por exemplo, podem assumir papel secundário na construção do enunciado quando outro tipo de referente é destacado devido à natureza do assunto em pauta. Com efeito, observando as propriedades semânticas dos constituintes antepostos nos exemplos dos corpora em análise, podemos perceber que grande parte das ocorrências se dá com referentes -humano, -animado e -concreto. Exemplo disso são as numerosas topicalizações de adverbiais, como as que apresento a seguir:

- (28) "Foi uma coisa que *hoje* me assusta, *no dia* foi brincadeira, a gente levô pra brincadeira." (Nana)

- (29) "Quando, *no verão*, a água tá quente, a gente toma banho de cachoeira." (Mila)
- (30) "Ela contou que quando ela era pequena, *na Alemanha*, uma vez ela teve que ir à sapataria e veio um cigano pra perto dela e perguntô se ela estava perdida." (Rose)
- (31) "Aí, *no trem*, ela conseguiu, ela conta que ela se soltou dele, soltou da mão dele e, *num outro vagão*, ela encontrou um vizinho..." (Rose)

Estes dados constituem-se em típicas demonstrações de que, dependendo do assunto tratado, constituintes de qualquer natureza podem receber destaque. No caso, os adverbiais, funcionando como contextualizadores espaciais e temporais, são constantemente ressaltados, até como uma decorrência lógica do princípio de cooperação, uma vez que maior quantidade e maior clareza de informação propiciam melhor receptividade.

Outras ocorrências com referentes do tipo -animado e -humano podem ser citadas para comprovar a versatilidade e a abrangência do fenômeno:

- (32) "... porque *o morey* dá pra ir deitado e de joelho." (Juna)
- (33) "... e *o mais engraçado* é que os rapazes que tavam lá, eles tinham medo de ir na frente..." (Juna)
- (34) "*Isso aí*, eu acho assim que é um jogo ideológico super-grande, né..." (Lia)
- (35) "E *esse tecido*, também, eu nunca usei." (Rose)
- (36) "*O carro* faltô gasolina de novo." (Isa)

Os exemplos acima, desse modo, além de comprovarem a larga utilização do fenômeno, demonstram sua eficácia relativamente ao fim proposto, já que, embora nas situações criadas tenha imperado o monólogo, em que questões relativas ao manejo de turno tendem a não se manifestar, a TOP foi expressivamente empregada.

4.2.2.7. Tipologia de TOP:

É difícil estabelecer uma tipologia que consiga abranger o fenômeno em todas as suas formas. Opto, então, por fazer uma apresentação preliminar dos casos que, a meu ver, merecem maior destaque, por fornecerem uma visão clara de como o fenômeno se apresenta:

1. Esquema OV:

"*A dúvida*, eu tô na minha cabeça até hoje." (Lica)

"*As coisas*, eu não fazia mais com alegria, prazer, eu fazia por fazer." (Luana)

"*E o desenho*, a gente faz com papel..." (Isa)

"*Meu quarto*, eu divido com meu irmão." (Rob)

"*Jogá vôlei*, eu adoro." (Lica)

"Ele é uma pessoa que, *potencial* ele tem, *conhecimento* ele tem, mas..." (Nei)

"*Biblioteca* a gente não tem muito que falá, né?" (Nana)

"*Tudo o que eu faço* tem que, tem uma coisa prá contá."
(Nana)

"*Vôlei* eu gosto muito." (Mila)

"Gosto, gosto de mar, *de banho de cachoeira* também gosto."

(Mila)

"*Com a minha mãe* eu falo." (Lica)

(1) acima compreende ocorrências em que aparece a típica estruturação por topicalização, caracterizada pelo esquema OV, recaindo o fenômeno ora sobre objetos diretos ora sobre objetos indiretos. O procedimento consiste em nomear o tópico para, a seguir, formular o comentário a respeito. Em construções não-marcadas, de estrutura SVO, os itens em questão figurariam após o verbo. Antepostos, ganharam destaque.

2. Duplo sujeito:

"*As minhas primas*, os pais todos são assim." (Mila)

"*O carro dele*, as portas eram bem velhas, qué dizê, o carro todo era velho." (Isa)

"*Já os peixes*, a função já é diferente." (Toni)

Estas são construções que Li & Thompson (1976) chamam de "Duplo Sujeito". Segundo os autores, as línguas proeminentes em tópico apresentam este tipo de construção que, em contrapartida, não aparece nas línguas proeminentes em sujeito. Apresentam exemplos como: "Fish, red snapper is delicious" - do Japonês; "Airplanes, the 247 is big" - do Coreano; "That tree, the leaves are big" - do Mandarim. São sentenças em que aparecem claramente o tópico e o sujeito, sendo que o tópico figura em posição completamente independente, tanto que não estabelece nenhum tipo de relação gramatical (concordância) com o verbo.

A partir da observação dos exemplos encontrados em meu corpus, acrescento às colocações de Li & Thompson a de que, em geral, estabelece-se uma relação de posse ou inclusão entre o tópico e o sujeito, aparecendo em primeiro lugar o possuidor ou a classe e, a seguir, a coisa possuída ou o membro da classe. Justifica-se, então, o procedimento, já que é natural a referência ao todo antes que às partes.

3. TOP Contrastiva:

"É muito estranho, *os amigos* a gente entende, mas os pais da gente..., é muito estranho mesmo." (Nana)

"Então, *na Alemanha*, uma filha de classe média, *no Brasil*, uma lavradora." (Rose)

"E o meu pai, *na época*, também foi contra, e *hoje*, também, tudo o que acontece com eles, a mentalidade dos dois mudou tanto..." (Nana)

"Que no fundo, *quando ela estava lá*, que ela via, era triste pra ela né, era ruim, mas depois, *ela contando*, todo mundo se abria." (Juna)

Os exemplos acima retratam a típica TOP contrastiva, uma vez que o contraste se dá de forma explícita, expressa. Isto não significa que nas outras formas de TOP não haja contraste. Pelo contrário, esta, como tentei mostrar, é uma das funções mais atuantes no fenômeno e, por isso mesmo, faz-se presente em quase todas as suas manifestações, ainda que implicitamente. É que neste caso específico, o par contrastivo é citado, fato que justifica a denominação.

4. TOP Copiadora:

"O *livro que sai*, a gente tem que anotá o número de registro *dele*, da carteirinha do associado..." (Nana)

"Porque isso é muito difícil, *o azulejo que cai* você botá o *mesmo* sem tê que lixá." (Nei)

Estes casos retratam o paradigma da TOP copiadora, assim chamada devido à presença do pronome que copia o item topicalizado, exatamente na posição em que este deveria figurar, de acordo com as regras de colocação da gramática tradicional.

5. TOP Atributiva:

"É *uma coisa assim muito separada* esse negócio de classe."
(Luana)

"O *outro problema* é esse machismo que tem nos homens."
(Mila)

"É *uma emoção muito forte* o que se faz no mar." (Juna)

"Acho que *o maior problema do homem* é sê ganancioso."
(Mila)

Em (5) acima, temos exemplos de TOP enfatizando itens Predicativo do Sujeito. Em geral, o sujeito é novo ou, pelo menos, não esperado, motivo pelo qual tende a ser colocado em posição pós-verbal.

6. TOP Atributiva/Relativa

"*Uma coisa que me incomoda, que me choca muito*, é que meus pais pais, eles são separados." (Nana)

"O *lugar que eu mais gosto de ficá* é o meu quarto." (Nei)

"O que mais me incomoda no Brasil, atualmente, é a questão do menor abandonado." (Ado)

Os exemplos citados em (6) retratam situações em que também os itens Predicativo do Sujeito são antepostos, com a diferença de que estes são constituídos por uma oração adjetiva. Em geral, são TOPs provocadas pelo interlocutor através de uma pergunta ou proposição. O entrevistado, como em eco, repete o item apresentado (predicativo) e, só após, refere-se ao sujeito. Conforme explicado em (5), o sujeito é, geralmente, um item que está sendo introduzido, portanto novo e, por isso, passa à posição pós-verbal, cedendo seu lugar ao predicativo que, no caso, é velho, dado, porque conhecido, além de tópico, uma vez que representa o item sobre o qual se predica.

7. TOP marcadora:

"Porque o mar, *pra mim*, é um, é um fenô: é assim muito lindo pra mim, sabe?" (Luana)

"E *pra ela* foi uma coisa assim de ela tentar destruir essa barreira." (Luana)

"*Pro meu pai*, eu ainda sou aquele nenenzinho de colo." (Lica)

"*Pra mim*, namorá é isso." (Juna)

As ocorrências citadas são exemplos em que o item topicalizado atua como marcador discursivo, enfatizando, de certa maneira, a pessoa a quem o sentimento afeta.

8. Top Demonstrativa - anafórica:

"Porque eu acho que *isso aí* não é a gente que comanda, o sentimento." (Lica)

"...a filha chegá lá, é: com outro cara e ficá com ele, toda lá, e ficá com outro, até que *isso aí* não deve." (Lica)

"E acontece que os homens, só porque a gente é mulher, o sexo frágil, eles dizem, eles têm que mandá na gente. *Isso* eu acho errado." (Mila)

"Gosto de dançá, mas não dançá rock, assim, não tem? *Isso* eu também gosto, mas..." (Mila)

Estes são exemplos de TOP contemplando itens objeto (direto ou indireto) representados por pronomes demonstrativos que remetem ao texto precedente ou ao subsequente, estabelecendo relações de anáfora. É interessante notar que, quando a remissão é feita ao texto subsequente, evidencia-se o princípio da cooperação, já que, logo após o referente pronome demonstrativo, aparece o SN apositivo, esclarecendo o sentido do enunciado, na possibilidade de que este tenha parecido ambíguo.

9. Localização espaço-temporal:

"E *o morro que nós subimos* dava pra vê a Lagoa da Conceição, *a outra parte* dava pra vê a Hercílio Luz." (Juna)

"*Tudo quanto é lugar* a gente ia pra dançá." (Mila)

"*Aí, no trem*, ela conseguiu, ela conta que ela se soltou da mão dele e, *num outro vagão*, ela encontrou um vizinho." (Rose)

"Empresário, *hoje*, não se preocupa mais com isso né, empresário qué mais é sabê da empresa dele." (Ado)

"É *lá* que estão as minhas coisas." (Lia)

"Então, *no inverno*, é ir pra praia com as colegas."

(Juna)

Estes exemplos representam os muitos casos de adjuntos adverbiais topicalizados. Espaciais ou temporais, tais advérbios atuam como contextualizadores, contribuindo para a melhor interpretação do texto pelo interlocutor ou destinatário. Antepostos, destacam-se, o que intensifica sua função.

10. Adverbial Oracional:

"Porque eu acho que *se o pai prende muito a filha em casa*, um dia ela vai querê se soltá daquilo tudo." (Mila)

"Aí ele falou assim que *se eu fosse* ele não ia me mandá dinheiro." (Ado)

"Aí, *conforme o tecido que a gente tá trabalhando*, tá bordando, como o cânhamo, por exemplo, a gente não risca, a gente vai contando." (Rose)

"Porque, *apesar de a Previdência ter o dinheiro*, parece que há um superavit, e poderia pagá, mas insiste em não, em simplesmente virá as costas, pra, pra essa situação que a gente tem tem visto né, ultimamente." (Lia)

Em (10) acima, os exemplos retratam situações em que a TOP contempla advérbios oracionais. A exemplo dos casos citados em (9), o objeto da informação muda conforme a estruturação do enunciado. Assim, na segunda ocorrência, o comentário principal recai sobre a ida ('se eu fosse'), à qual aparece condicionado o envio do dinheiro.

A classificação acima objetiva evidenciar a diversificação do fenômeno e, conseqüentemente, a sua importância, uma vez que pôde ser observado sob variadas manifestações.

4.2.2.8. TOP na escrita:

Ao contrário do observado em DES, construções com TOP foram encontradas na escrita, e em proporções significativas. Conforme a Tabela 1b, os constituintes topicalizados, neste canal, totalizaram 304, contra as 356 ocorrências registradas na fala, o que representa um percentual de 85.3%. Esta constatação revela que, também na escrita, é comum a utilização de estratégias que confirmam destaque a certos constituintes clausais.

Além disso, a tabela mostra que o número de ocorrências cresce com a escolaridade: no terceiro grau, as realizações na escrita chegaram a suplantar as da fala, fato que considero muito sugestivo, pois comprova que o maior domínio das regras lingüísticas possibilita mais segurança para 'jogar' com as estruturas.

Observe-se, por exemplo, o texto escrito da informante Lia, do terceiro grau, referente à descrição do local em que mais gosta de estar:

"Contente, deprimida, pensativa, não importa o estado de espírito, eu gosto de estar no meu quarto. É lá que estão as minhas coisas: minhas roupas, meus livros, minhas recordações. Ele é, por isso, parecido comigo; é um pouco o meu espelho, inclusive na bagunça que eu entendo."

Apesar de reduzido, o texto escrito apresenta 3 ocorrências de TOP. É um texto bem estruturado, bonito, revelador de que a autora possui um estilo próprio de escrever, para o que lança mão dos recursos que lhe estão ao alcance, entre os quais a topicalização, que lhe permite ressaltar entidades de naturezas distintas. Neste pequeno trecho, são enfatizados os constituintes dotados das funções: predicativo do sujeito, adverbial de lugar e conector conclusivo, que imprimem ao texto, além de melhor estética, um maior poder de convencimento, por torná-lo mais interessante. Note-se que a anteposição, neste caso, atua também como recurso coesivo, estabelecendo a ligação necessária entre as cláusulas. 'Lá', por exemplo, remete a 'meu quarto', enquanto 'por isso' remete a todo o enunciado precedente, ambos através de relações anafóricas.

A seguir, transcrevo o texto referente ao relato de opinião, produzido pela informante Rose, também do terceiro grau:

"Não apenas me incomoda, mas também me causa nojo é a promiscuidade masculina em relação à mulher, a necessidade incontida de manifestar o desejo sexual pela mulher, ou melhor, por todas as mulheres."

Sempre associo essa promiscuidade a classes sociais, já que as pessoas mais esclarecidas tendem a disfarçar melhor esse sentimento. Não que não o sintam.

Li no jornal de domingo que *na Alemanha* o jornal mais popular apresenta fotos de mulheres nuas na capa. Fiquei estarecida: até na Europa! *No berço da civilização, no paraíso do desenvolvimento e da cultura* está presente o irrefreável apelo sexual! Cheguei à conclusão de que isso deve estar presente na essência do ser humano e não apenas ser uma característica de algumas classes sociais.

Procuro agora outros argumentos para poder esclarecer melhor, *pelo menos para mim*, este fenômeno do comportamento humano."

O texto transcrito apresenta 4 ocorrências de TOP que, coincidentemente, contemplam um predicativo do sujeito e dois adjuntos adverbiais, além de um complemento nominal. A expressão 'a promiscuidade masculina em relação à mulher ...todas as mulheres', que aparece atuando como sujeito, está sendo introduzida no texto e, na qualidade de elemento novo, é colocada em posição pós-verbal, conforme os rituais típicos para a introdução de elementos novos. Daí a anteposição do item predicativo do sujeito, considerado dado por haver sido apresentado pela entrevistadora. O procedimento da informante foi, assim, idêntico ao adotado na maioria das respostas dadas à mesma questão no modo oral. Aliás, chamo a atenção para o estilo de escrita de Rose, que se aproxima bastante da oralidade, fato que facilita as manifestações do fenômeno, por ser este mais comumente associado à fala. No parágrafo seguinte, o fenômeno ocorre com os adverbiais espaciais 'Na Europa', 'no berço da

civilização, no paraíso do desenvolvimento e da cultura', resultando em especial efeito contrastivo. Ao ressaltar, enfaticamente, sua descoberta em relação ao continente que considerava livre da 'promiscuidade' ela transmite surpresa e indignação diante do fato. O resultado é, pois, um texto vivo, real, capaz de motivar o receptor a prosseguir na leitura.

Outro texto que considero digno de registro, pela aproximação com o modo oral, foi o produzido por Isa, informante do segundo grau, em sua narrativa de experiência pessoal:

"Um dia à noite eu saí com dois amigos meus, e com a minha prima e o meu primo.

Quando nós saímos, pensávamos que íamos ter uma noite ótima, não que não tenhamos tido.

Saimos então com o carro do meu amigo, um fusca todo arrombado, que *quando se abria a porta* ela não fechava e *quando nós a fechava* ela não abria. Nós paramos no Kobrasol e *lá* tivemos que sair pela janela do carro, o meu primo tentava abrir a porta com ponta-pés; foi o máximo todo mundo riu o carro faltou gasolina três vezes, uma no Kobrasol, uma na Beira-mar e quando nós íamos para casa. *Quando nós chegamos em casa, isso era um sábado,* nós fizemos pizza e começamos a rir da situação. E o pessoal foi se embora a 6:30 da manhã."

7 registros de Top puderam ser computados neste texto. Em sua maioria, consistem em contextualizadores adverbiais de tempo e espaço, com a função principal de oferecer uma melhor visualização da cena. Guardadas as limitações observadas na

redação, chamo a atenção para a ocorrência em que Isa ressalta a falta de combustível ('o carro faltou gasolina três vezes'), similar à forma que empregou na fala: "no que a gente foi pra Beira-mar, o carro faltou gasolina de novo." Este exemplo representa uma interessante forma de topicalização, na qual se nomeia primeiramente o locativo que, em construção não-marcada seria posposto, para, só após, efetuar-se o comentário a respeito.

A seguir, transcrevo dois textos de autoria de Cacau, um dos informantes do primeiro grau, correspondentes, respectivamente, aos relatos de procedimento e de opinião:

"Gosto, *apesar de não jogar bem*, de jogar vôlei, pois lá, junto com o quarto da mãe, é onde descarrego a minha raiva."

"Meus irmãos são uns porre, uns pés-no-saco, todos me provocam, mas há diferença *com meu irmão* as vezes me dou bem, mas *com minha irmã* a batalha é intermitente e constante."

Os textos são breves, com várias estratégias enfáticas, a começar pela restrição expressa logo ao início do primeiro, que permite ao leitor saber, já de saída, a qualidade da atuação do menino frente à atividade apresentada. O procedimento se repete em seguida, quando, no mesmo enunciado, Cacau enfatiza os locais onde prefere estar.

No texto seguinte, ocorre um exemplo de TOP contrastiva explícita, com a referência ao par contrastivo 'meu irmão/minha irmã'. Na forma oral, o informante procedeu de maneira semelhante, contrastivamente, embora construindo o enunciado com palavras distintas:

"... e o meu irmão também é a mesma coisa, meus irmãos, poderia dizer, só que a minha irmã é mais que o meu irmão, porque *a minha irmã* a gente nunca se dá, agora *o meu irmão*, a gente não se dá, mas tem dia que as coisas se encaixam."

Em vista do exposto, se, na fala, TOP representa um mecanismo a que o falante pode recorrer repetidamente, na certeza de que obterá bons resultados, na escrita atua como eficiente estratégia de organização e estruturação do texto, propiciando-lhe coesão e coerência, além de um efeito mais próximo à realidade pela atribuição da ênfase a determinados elementos e expressões.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO

Após investigar o comportamento dos fenômenos - *Deslocamento para a Esquerda (DES)* e *Topicalização (TOP)* - nos textos analisados, chego às seguintes conclusões:

Ambos os fenômenos, apontados como típicos da fala informal, acham-se enraizados em nosso uso do idioma, manifestando-se nas mais diversas situações. Foram encontrados nos dados produzidos pelos informantes dos três níveis de escolaridade, independentemente de sexo e através de manifestações distintas.

Contrastividade e Informatividade, conforme previsto, revelaram-se as funções mais típicas dos fenômenos. Através de manifestações como anteposição e entonação acentuada, bem como de relações do tipo dado/novo, definido/indefinido, mostraram-se fundamentais na explicação da utilização dos mecanismos.

As funções acima referidas mostraram-se correlacionadas, na medida em que ambas atuam como responsáveis na ordenação das palavras. São estratégias cognitivas por excelência, já que pautadas no Princípio da Cooperação (Grice 1968): o falante organiza seu discurso com base no que imagina que o interlocutor

já conheça ou que possa estar pensando no momento da interação. Neste sentido, procura apresentar a informação, assim como os referentes que a constituem, da maneira mais adequada à perfeita identificação por parte do receptor. Inicia, então, o enunciado, por entidades dadas, ou seja, recuperáveis no contexto precedente, ou na situação. Por outro lado, permite-se lançar mão de referentes inferíveis, os quais sabe que o interlocutor poderá, de alguma forma, recuperar, seja no discurso precedente, seja no conhecimento de que dispõe a respeito. Neste procedimento, evidencia-se o Princípio da Negligência (Berrendonner 1990).

Junto à anteposição, a elevação do tom e a maior amplitude em vibrações sonoras, provocada pela pressão do ar proveniente dos pulmões revelaram-se características fortes dos fenômenos em sua manifestação oral. Em geral, ao antepor os constituintes que deseja enfatizar, movendo-os à posição primeira do enunciado, o falante imprime-lhes a condição de pico de sentença pela elevação da voz (tensão das cordas vocais), o que, normalmente, vem acompanhado de maior pressão (amplitude). Disso resulta a entonação acentuada, enfática, observada na maioria das ocorrências.

A definitização, conforme esperado, manifestou-se como típica dos fenômenos, alcançando percentuais altíssimos (100% em DES e 97.7% em TOP), o que é natural, tendo em vista as características que os acompanham. Quando estabelece o contraste, por exemplo, o

organizador do texto destaca determinadas entidades, confrontando-as aos demais componentes do todo, o que implica a forma definida. Além do mais, o expressivo percentual de referentes dados (88.9% em TOP e 50% em DES) condiciona o uso do determinante definido, uma vez que, sendo conhecidos, tais referentes dispensam apresentação, podendo figurar, mesmo quando da introdução, já na forma definida.

As manifestações, tanto de DES como de TOP, ocorreram em posições variadas dos enunciados, revelando que, no estágio em que se encontram, independem da interferência do interlocutor. Os casos de DES, sendo assim, puderam ser observados tanto em contextos de início de cláusulas, como no interior da cadeia tópica, resultando quase que exclusivamente da atuação do falante. Similarmente, as ocorrências de TOP, apontadas, em geral, como típicas da situação dialogal, mostraram-se presentes, também, e em proporções significativas, na situação monologal, configurada pela natureza das entrevistas realizadas. Desse modo, além das TOPs provocadas pelo interlocutor, foram observadas, em número significativo, aquelas atribuídas à responsabilidade do falante.

Quanto à manifestação dos fenômenos no canal escrito, de certo modo restringiu-se esta às ocorrências de TOP, já que, apesar do grande número de realizações na fala, DES só pôde ser encontrada duas vezes na escrita e, ainda assim, com uma feição um pouco diversa, uma vez que sem o pronome. Este procedimento

pode ser atribuído à função do mecanismo de proporcionar um espaço hábil para a organização do pensamento, tanto do falante como do ouvinte, tão importante na fala devido à imediaticidade da situação interativa. Na escrita, não havendo essa imediaticidade, e sendo o texto um produto final e, em geral, planejado, a abertura do espaço tende a ser dispensada. Nas poucas ocorrências de DES por este canal, configurou-se, sim, o destaque do tópico através do contraste.

Contrariando a hipótese de que tanto DES como TOP teriam pouca expressividade na forma escrita, a TOP revelou-se uma constante no modo escrito, principalmente nos estágios mais avançados de escolaridade, o que lhe atribui a função alternativa de atuar como recurso estilístico. Embora na escrita não se configure a imediaticidade da fala, o que dispensa certas estratégias, a exemplo da ênfase por entonação, a recorrência a TOP faz-se justificável, afigurando-se mesmo como indispensável, pela função contextualizadora, em particular no que se refere às TOPs de advérbios. O jogo de tais constituintes, proporcionado pela maleabilidade da língua, permite, na escrita, um efeito mais real, o que assegura ao texto um maior poder de convencimento e, portanto, a possibilidade de uma comunicação mais eficaz.

Tomando por base as constatações acima, considero de grande importância a continuidade de estudos desta natureza, particularmente os destinados a investigar a língua a partir de suas manifestações. Somente tomando conhecimento dos fenômenos

que a caracterizam e das funções que justificam e sustentam tais fenômenos, poderemos, como lingüistas, chegar a compreender o porquê de certas atitudes observadas no comportamento do falante/escritor.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ, Hildebrando A. 1985. *Gramática ilustrada*, 3ª ed. São Paulo: Moderna.
- BECHARA, Evanildo 1976. *Lições de Português pela análise sintática*, 10ª ed. Rio de Janeiro: Grifo.
- BENTIVOGLIO, P. & WEBER, E. (1986). A Functional Approach to Subject Word Order in Spoken Spanish. In: Jaeggli, O. & Silva-Corvalán, C. (ed.). *Studies in Romance Linguistics*. Foris Publications.
- BOLINGER, Dwight 1952. *Linear Modification*. Publications of the Modern Language Association of America.
- BOLINGER, Dwight 1979. Pronouns in Discourse. In: Givón, T. (ed.). *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press.
- BRAGA, M. Luiza 1987. Deslocamentos para a esquerda e topicalizações no Crioulo Caboverdiano. In: *Ensaíos de Lingüística 13*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- CEGALLA, Domingos P. 1984. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CHAFE, Wallace 1976. Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics, and Point of View. In: Li, Charles (ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press.

- CHAFE, Wallace 1987. Cognitive Constraints on the Information Flow. In: Tomlin, R. (ed.). *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam: Benjamins.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley 1985. Nova gramática do português contemporâneo, 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DUBOIS, J. 1973. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- DURANTI, A. & OCHS, E. 1979. Left-dislocation in Italian Conversation. In: Givón, T. (ed.). *Syntax and Semantics*, vol. 12. New York: Academic Press.
- DUTRA, Rosália 1986. *The Hybrid S Category in Brazilian Portuguese: Some Implications for Word Order*. UCLA, mimeo.
- EMONDS, J. 1976. *A Transformational Approach to English Syntax*. New York: Academic Press.
- GIVÓN, Talmy 1979. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press.
- GIVÓN, Talmy 1979b. From Discourse to Syntax: Grammar as a Processing Strategy. In: Givón, T. (ed.). *Syntax and Semantics*, vol. 12. New York: Academic Press.
- GIVÓN, Talmy 1983. *Topic Continuity in Discourse: Quantitative Cross-language Studies*. Amsterdam: J. Benjamins.
- GIVÓN, Talmy 1990. *Markedness in Grammar: Distributional, Communicative and Cognitive Correlates of Syntactic Structure*. Technical Report 90-8. University of Oregon.
- GIVÓN, Talmy 1990b. *On Interpreting Text-distributional Correlations: Some Methodological Issues*. Technical Report 90-16. University of Oregon.

- GIVÓN, Talmy 1991. *Functionalism and Grammar: a Prospectus*.
University of Oregon, inédito.
- GRICE, H.P. 1975. Logic and Conversation. In: Cole, P. & Morgan, J.L. (eds.). *Syntax and Semantics*, vol.3. New York: Academic Press.
- GUIMARÃES, H. de S. e LESSA, A. C. 1988. *Figuras de linguagem*. Série Tópicos de Linguagem. São Paulo: Atual.
- HALLIDAY, M.A.K. 1967. Notes on Transitivity and Theme in English, part 2. In: *Journal of Linguistics* 30.
- HALLIDAY, M.A.K. 1985. *An Introduction to Functional Grammar*. London: E. Arnold.
- HOPPER, P. J. & THOMPSON, S. A. 1980. Transitivity in Grammar and Discourse. In: Bright, W. (ed.). *Language-Journal of the Linguistic Society of America*, vol. 56. Baltimore: Waverly Press Inc.
- KEENAN, E. O. & SCHIEFFELIN, B. 1976. Topic as a Discourse Notion: a Study of Topic in the Conversations of Children and Adults. In: Li, Charles (ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press.
- LI, Charles & THOMPSON, Sandra 1976. Subject and Topic. In: LI, Charles (ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press.
- LIMA, Rocha 1976. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- LIRA, Solange 1982. *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese*. Philadelphia: University of Pennsylvania. tese de doutorado.

- LUFT, Celso Pedro 1985. *Moderna gramática brasileira*, 6ª ed. Rio de Janeiro: Globo.
- MATTOSO CÂMARA, Jr. *O Estruturalismo lingüístico*. Comunicação apresentada no I Seminário de Lingüística, realizado entre 15 e 19 de agosto de 1966, em Marília, São Paulo.
- MOLLICA, Maria Cecília 1984. *Alguns fatores da pausa entre verbo e sujeito*. In: Boletim da ABRALIN, 6: 141-58.
- MOLLICA, Maria Cecília. (org.) 1992. *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- NARO, Anthony & VOTRE, Sebastião 1989. Mecanismos funcionais do uso lingüístico. In: *D.E.L.T.A.*, vol. 5, nº 2. PUC-SP, pp 169-184.
- OCHS, Elinor 1979. Planned and Unplanned Discourse. In: Givón, T. (ed.). *Syntatic and Semantics*, vol. 12. New York: Academic Press.
- PONTES, Eunice 1981. A Problem in Teaching a First Language in Oral portuguese. In: *Ensaio de Lingüística 5*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- PONTES, Eunice 1983. Topicalização e deslocamento para a esquerda. *Ensaio de Lingüística 9*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- PONTES, Eunice 1986. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática.
- PONTES, Eunice 1987. *O Tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.

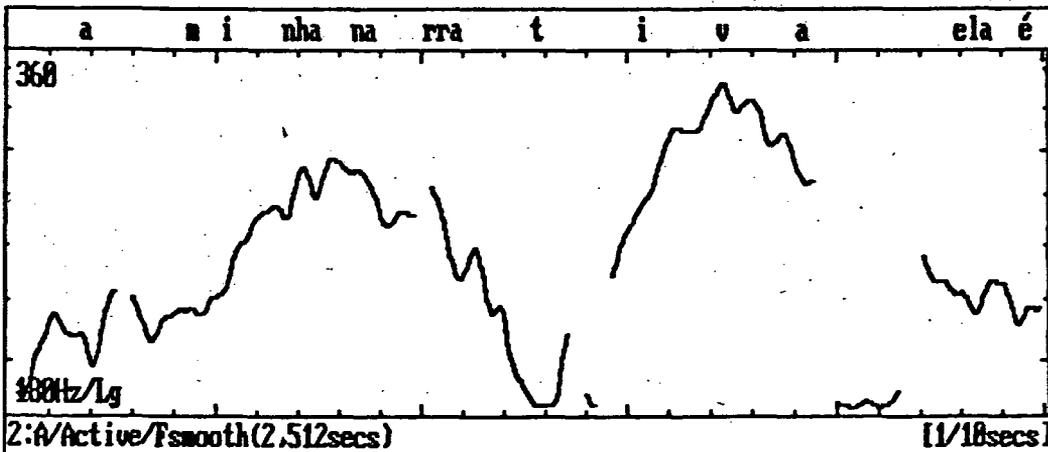
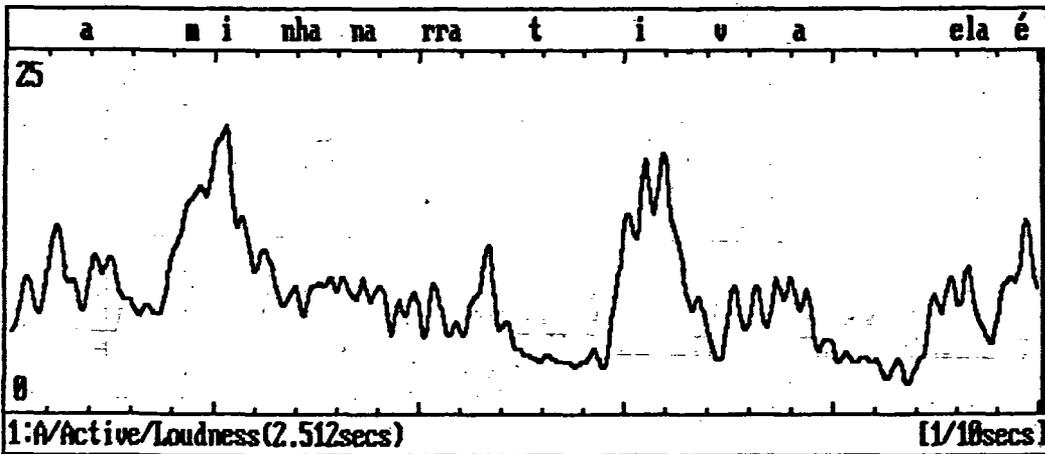
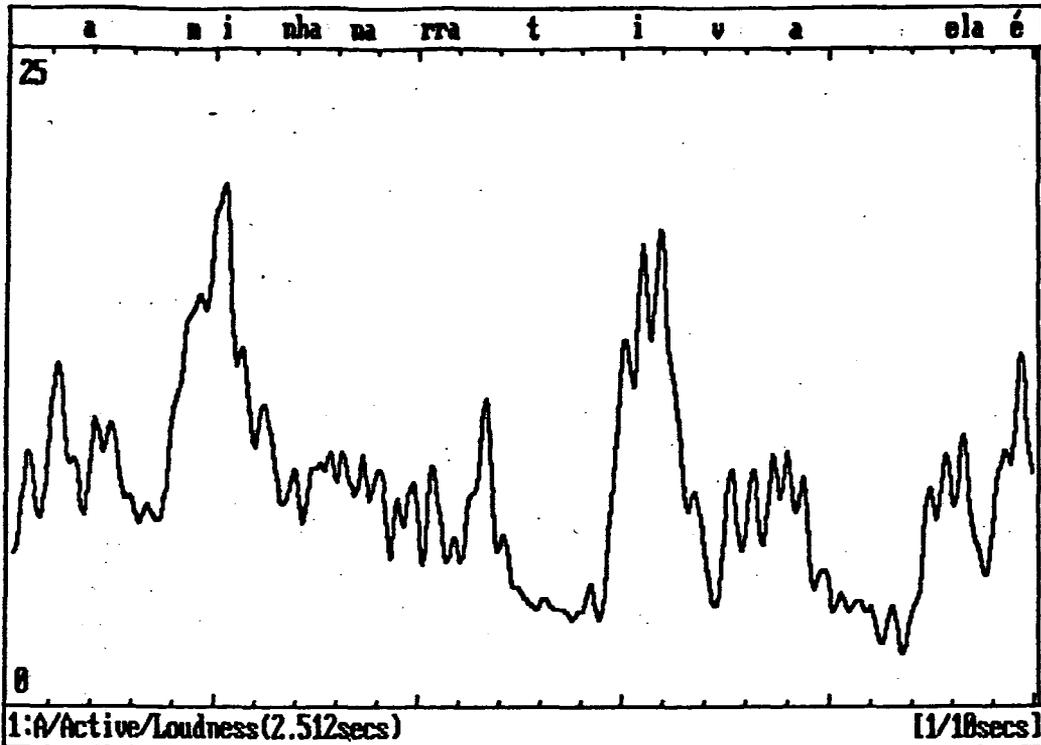
- PRINCE, Ellen 1980. *Toward a Taxonomy of Given-new Information*. In: Cole, P. (ed.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press.
- ROCHA LIMA 1976. *Gramática normativa da língua portuguesa*, 18ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- ROSS, J. 1967. *Constraints on Variables in Syntax*. Cambridge, Massachusetts: M.I.T. Press, tese de doutorado.
- SAID ALI, M. 1957. *Dificuldades da língua portuguesa*, 5ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- SAID ALI, M. 1964. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*, 3ª ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- SANKOFF, Gillian 1980. *The Social Life of Language*. University of Pennsylvania Press.
- SANKOFF, G. & BROWN, P. 1976. The origins of Syntax in Discourse. In: *Language* 52.
- SILVA-CORVALÁN, C. 1981. *Prosodia, sintaxis y pragmática in Español*. Comunicação apresentada no VI Congresso Internacional da ALFAL, em Arizona State University, Tempe.
- VOTRE, Sebastião J. 1982. *Recursos sintáticos da fala e da escrita*. Relatório de pós-doutorado apresentado à CAPES/FULBRIGHT, Brasília.
- VOTRE, Sebastião J. 1991. *Sintaxe da fala e da escrita: uma visão funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, inédito.
- VOTRE, Sebastião J. e NARO, A. 1985. Discurso e ordem vocabular. In: *Estruturas da fala do Rio de Janeiro e aquisição da língua padrão*. Relatório final do projeto FUJB/INEP, Brasília.

VOTRE, Sebastião J. 1992a. *Linguística funcional: teoria e prática*. Québec: Université Laval, inédito.

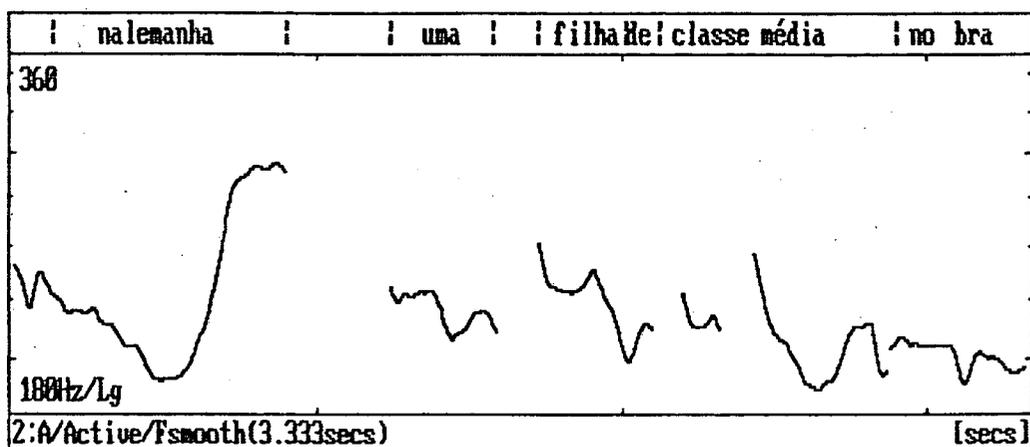
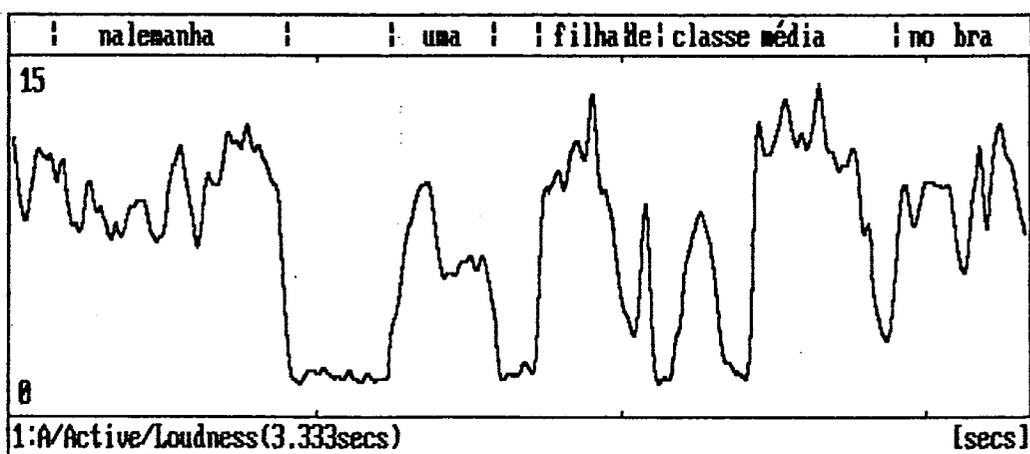
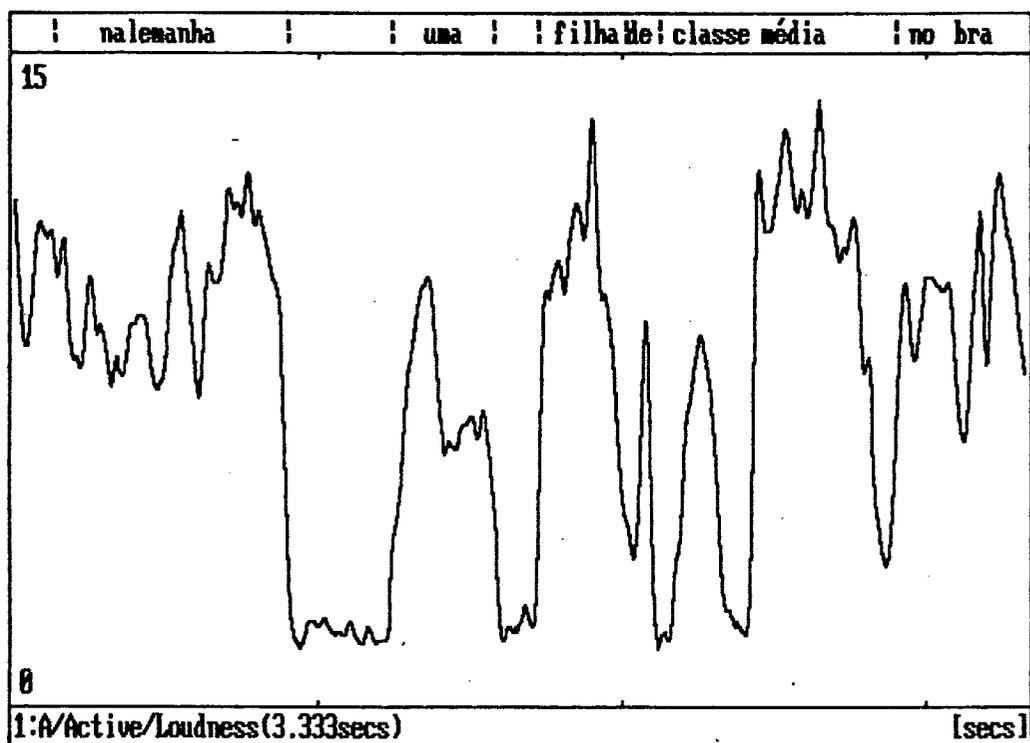
VOTRE, Sebastião J. 1992b. *Information Contrastée dans la Narration*. Comunicação apresentada no XV Congres International des Linguistes.

APÊNDICE 1: GRÁFICOS

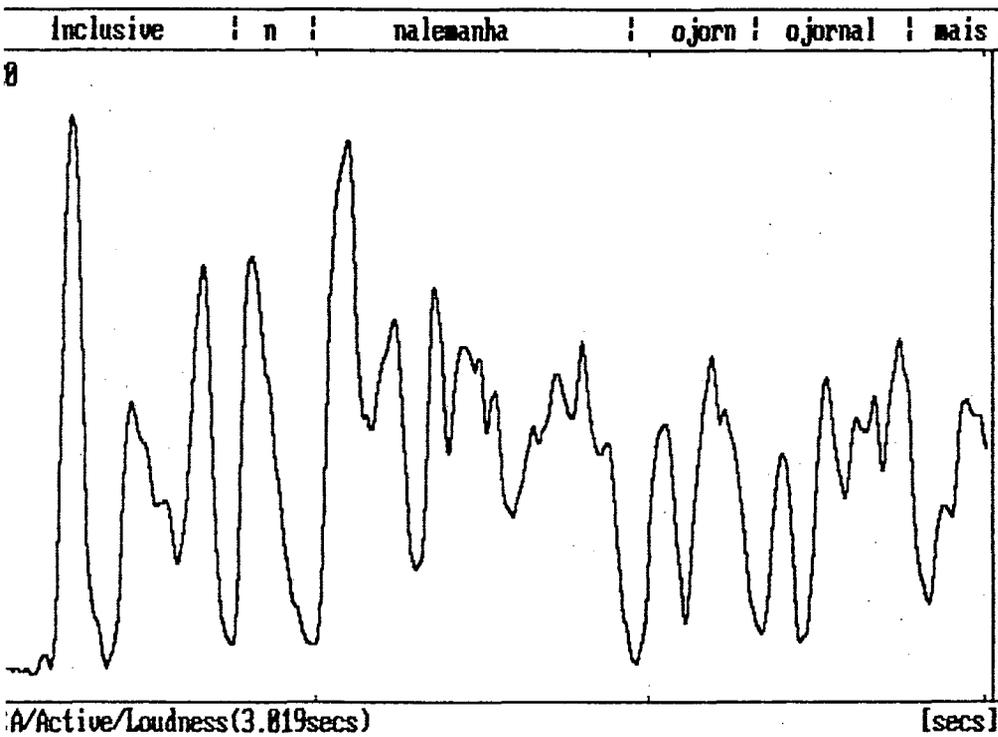
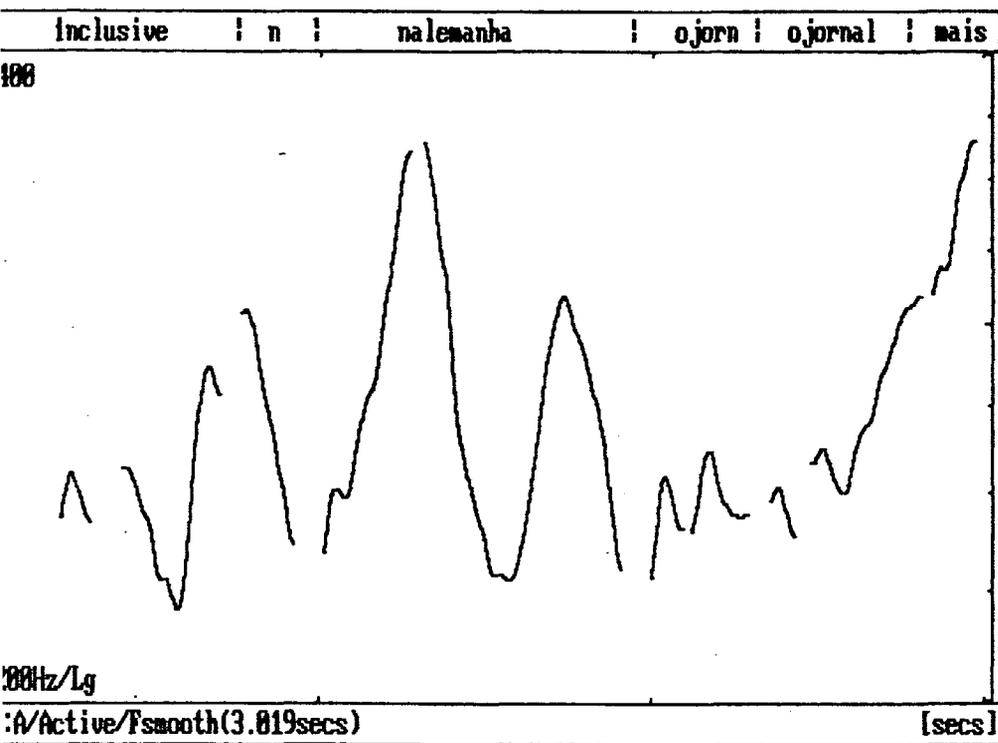
1. "A minha narrativa, ela é diferente." (Juna)



2. "Na Alemanha, uma filha de classe média, no Brasil, uma lavradora."



3. "Inclusive na Alemanha, o jornal mais popular na Alemanha..." (Rose)



APÊNDICE 2

Textos extraídos das entrevistas

Informante 1 - Juna - Primeiro grau

Narrativa de experiência pessoal

Modo oral:

E - Para começar, eu queria que tu me fizesses uma narrativa de experiência pessoal, que me contasses algo que te aconteceu, triste, alegre, engraçado...

I - Bem, a minha narrativa, ela é diferente, né, acho que não é com todo mundo que acontece isso. Um dia, nas férias de julho, em 87, o pessoal lá do prédio, né, oito pessoas comigo, nós fomos fazê um piquenique lá no: no morro, que atrás do nosso bloco tem um morro e nós fomos fazê um piquenique lá pra passá a tarde, né, tomando banho de cachoeira. E saímos às duas horas, exatamente às quatro horas eu tinha que voltá porque tinha uma reunião da catequese. Tá, então subimos e a cachoeira estava totalmente vazia, não tinha água, porque não tinha chovido. Então nós subimos mais, porque tinha uns rapazes mais velhos, então, tudo pessoal lá do prédio, todo mundo gente fina, aí nós subimos mais, todos concordaram, e cada hora fomos subindo, dava pra vê a Lagoa da Conceição, a outra parte dava pra vê a Hercílio Luz. Era super legal. Então, nós fomos subindo altos morros, e mais, e mais, e mais, e chegava quatro

horas e ninguém sabia pra onde ir, porque de tanto que nós tínhamos andado, ninguém mais sabia como voltá, porque quatro horas, no mato, começa a escurecê, por mais que seja verão, começa a escurecê e nós fomos andando, andando, pegamos muito mato fechado e continuamos a andá, e o mais engraçado é que os rapazes que tavam lá eles tinham medo de ir na frente (risos), normalmente ia uma menina na frente, porque eles tinham medo de aranha, e isso e aquilo...

E - Mais delicados do que as meninas?

I - É, pois é, aí a Aline foi na frente e o: e então, o rapaz, o Alex, ele subiu numa árvore e deu pra vê todo o Santa Mônica. E nós continuamos a andá, andá, andá, até que nós encontramos uma cachoeira, onde paramos numa pedra e o Alex queria pulá, e ninguém deixava ele pulá porque ninguém sabia a profundidade, né, se era raso. Aí paramos lá. O meu primo que tava com a gente dormiu no meu colo e roncava. E todo mundo tava preocupado, porque eram dez horas da noite e nós no mato, naquela escuridão. Todo mundo morrendo de medo que aparecesse alguém, né, e então, daqui a pouquinho a gente começa a escutá os assovios, aí o meu irmão ele fala que não era, ele fala que tava escutando assovios, e o pessoal "não, é passarinho pardo, deve ser algum bicho", né. Aí, depois a gente começa a escutá um cara chamando Adriana, que era a guria que tava com a gente. O tio dela é escoteiro, trabalhô, né, foi escoteiro, o primo dela era polícia militar. Então, eles começaram a gritar "Adriana". Aí então todo mundo levantô na pedra, <to>, na pedra, todo mundo gritando, então o tio dela <encont> nos encontrô e nós seguimos ele, né, todo mundo morrendo de frio, isso eram onze horas da noite. Aí passamos num terreno e tinha um cachorro que saiu correndo atrás da gente (risos). Então, ninguém sabia de quem era o cachorro, ninguém sabia nada, todo mundo saiu correndo pra pulá o arame farpado e tudo mais. Aí,

chegamos até os carros, né, depois de um trabalhão, isso deu onze e meia. Aí chegamos onde tava o carro e fomos de carro até o Córrego Grande, né, depois a mãe do Alex fez o Alex e o Délcio, que eram os mais velhos, voltarem a pé. Porque foi, ela, ela achô que foi por culpa dele que a gente, que, por culpa dele que a gente se perdeu. Aí tinha um cara que também tava junto com a mãe dele, de carro, aí pegô os dois e levô, aí chegamo lá no apartamento, né, tinha um carro de bombeiro, tinha repórter, jornal. Porque a minha mãe tava apavorada, a mãe do meu primo, então, nem se fale, e o meu pai tava viajando, e quando ele chegô, a minha mãe tinha deixado um bilhete, em casa, que tinha, ela e mãe da Adriana, ido, subido, né, o morro, aí o meu pai chegô, os estudantes que moravam lá na frente do apartamento também foram junto, e a minha mãe tava desesperada, né, acho que já tinha tomado uns dois litros de chá (risos), minha mãe e o meu tio, um monte de remédio, aí chegamo lá, o carro buzinhô, aí o meu primo começou a falá "Ah, eu vô recebê uma surra do meu pai" (risos), porque, aí, aí, a gente falô "que nada, o teu pai vai te dá um abraço", não sei o quê. Aí, chegamo lá, descemos todo mundo, aí os bombeiros vieram conversá com os nossos pais, né, todo mundo junto, aí, falô que a nossa sorte foi que nós paramos numa pedra, porque o poço era muito fundo e a correnteza <da> dali, né, descia muito forte, aí falô que a sorte que nós paramos ali e que a próxima vez que nós fôssemos <acamp>, é, passá assim um dia no morro, levasse lanterna, pilha, fósforo, facção (risos), um monte de coisa, né, e chegamos lá e fomos entrevistados, aquelas câmaras, no final, todo Pantanal, todo pedaço de que, que conhecíamos, todo pessoal, e tal, tava tudo ali no meio. Depois, todo mundo cortado. A Aline, que foi, que foi na frente, ela tava toda cortada. No dia seguinte, todo mundo pintado de mercúrio (risos). A gente ia na padaria, ia na venda, e todo mundo perguntando.

E - Ainda bem que no final deu tudo certo, né?

I - É, foi super legal (falas, risos). E, depois, na semana, depois que passou duas semanas, o outro pessoal foi, o pessoal que não tinha ido, o meu irmão mais velho, os outros pessoais aí mais velho. Aí eles foram, levaram facção, pedra, um monte de coisa (falas, risos).

Modo escrito:

Bem, a experiência que eu tive foi em 87 que eu e mais 7 pessoas fomos fazer um piquinique que teve lá no morro que é atrás do prédio aonde eu moro. Eram 2:00 horas da tarde nas férias de julho que nós subimos o morro, chegando na cachoeira ela estava vazia pois não havia chovido nós concordamos em subir mais, até outra cachoeira, então subimos morros e morros, lanchamos, vimos vistas lindas (Lagoa da Conceição) e subimos mais, até que 4:00 horas da tarde ninguém sabia mais o caminho de volta prá casa; então nós fomos andando em linha reta, até que começamos a escutar um barulho de cachoeira, então fomos até lá, quando encontramos uma pedra e todos nós deitamos, exceto o Alex que queria pular mas nós não o deixamos, então o meu irmão começou a ouvir um açuvio, mas nós pensamos que eram bichos (10:00 horas da noite) então o tio da Adriana começou a chama-la foi quando todos nós começamos a pular de alegria. Quando já com o tio dela entramos num terreno aonde um cachorro sai correndo atrás de nós, depois de chegar ao carro fomos surpreendidos por 4 carros de bombeiros, repórteres, etc. Bem depois de conversar com todos, foi o mais gostoso comer uma comida esperta que a mãe preparou..

Relato de opinião

Modo oral:

E - E, por último, <um> uma coisa que te incomoda, uma opinião crítica.

I - Isso aí, falô. É o relacionamento com os pais. Lá em casa, por eu sê filha única menina, né, eu tenho dois irmãos também. É, é um relacionamento duro porque meus pais eles não são liberais. Por mais que a gente queira, eles não são. Eles querem o meu bem, eu sei. Mas, é difícil, porque os meus irmãos, é, podem namorá, podem fazê o que qué. É menino, né, então pode usá a roupa que qué, não sei o quê. Aí pra mim já é difícil. Ah, não pode fazê isso, não pode namorá, não pode ficá andando com menino. E ainda mais aquela vizinhança que fica assim em cima. É apartamento. Então, uma vez eu tava subindo com um colega meu, o Robinson. A gente tinha descido do ônibus e nós estávamos subindo conversando. E já tinha uma moça lá, ela é do apartamento, amiga da minha mãe. Tava lá na frente. Aí eu entrei. Daí depois ela foi contá pra minha mãe que eu tava subindo com o Robinson. Aí já começa a inventá que a gente tá de mão dada. Dá aquele tumulto, mas... E meus pais eles não são liberais, agora que eles estão assim mais ou menos. Eles já começam a falá de namorado, se eu tô namorando, se eu gosto de alguém. Mas é um, é um relacionamento duro ainda.

E - Como é que tu acha que deveria sê, Juna?

I - Sei lá. Acho que se eles são duros assim comigo, não sê duros assim numa forma de não deixá conversá com rapaz. Porque é uma menina, mas eu queria que eles fossem mais liberais. Que não duvidassem de, de mim. Que não, que não... como é que eu poderia dizê? Que eles acreditassem que eu não ia fazê nada de

mal. Que eu ia, se eu ia namorá era por uma forma de carinho, é, pra conversá, pra sê, pra tê mais amizade. Porque pra mim namorá não é ficá beijando, abraçando, é conversá, é tê um diálogo com a pessoa. É sê carinhosa, é sê sincera. Também é isso, né, namorá, beijá.

E - (inint.)

I - Mais é conversá, é dialogá com o rapaz que você tá, assim, que você vai ficá com ele numa festa. A gente conversa com ele. Não é toda hora ficá se beijando, mais é tê um diálogo aberto com ele.

E - Sê amiga acima de tudo.

I - É, conversá, dizê pra ele o que você sente, é, o que você acha que tá fazendo errado, o que ele acha que eu tô fazendo errado. Pra mim, namorá é isso.

Modo escrito:

Alguma coisa que me incomoda - é a pressão dos pais, talvez seja porque eu sou filha única (de menina) quem sabe, mas é aquela repressão de que não pode namorar pois é menina, sabe, é uma coisa super chata os seus pais pegarem no seu pé por mais que a gente saiba que eles gostam de ti mais é uma coisa que eu queria que mudasse pois ter um namorado não é só sexo é também amizade, companheirismos é tudo mais é não só sexo é acima de tudo uma amizade cheia de sinceridade.

Informante 2 - Mila - Primeiro grau.

Narrativa de experiência pessoal

Modo oral:

E - Eu gostaria que tu me fizesses uma narrativa de uma experiência vivida por ti, algo que tenha sido marcante.

I - Ah é: eu tava na segunda série, lá do outro colégio, a minha professora ela foi fazê um passeio com a gente. Perto da minha escola tinha uma cachoeira, aí então: ela levou todo mundo pra lá pra cima né. Aí a gente foi pra lá, tomô um banho, aí: só que: eu não fui com o maiô pronto, não tem? Eu fui pra tirá lá, aí: eu tirei o maiô e deixei minha roupa em cima da: da, de uma pedra que tinha lá em cima né, aí tá, tomamo banho, todo mundo tomô, todo mundo lá, aí (risos) chegamo na hora de i embora, eu não achava a minha roupa, aí: onde é que tava aquela minha roupa, onde é que tava, aí todo mundo procurô né, procuramo, procuramo, procuramo, aí, ninguém, tava ficando noite e nós descemo. E eu de maiô, como é que eu ia i pra casa, como é que eu ia i pra casa (risos). Aí, eu: aí: esperei lá um pouco né, que ainda bem que era de manhã, a gente foi, aí: almocei lá, tudo, de maiô, tudo, praticamente pelada né. Aí, depois: depois da: das duas horas a gente voltô pra procurá a minha roupa e lá tinha muito animal, não tem? assim, tipo gato do mato, rato, essas coisas né, e a minha roupa tava em cima da pedra, aí nós: nós: tava muito calor, a gente foi pra tomá banho de novo, aí, só que não tava mesmo com a minha turma, tava só com as minhas colegas, aí então a gente foi procurá a minha roupa dentro do mato e de repente nós vimo um negócio andando, um rato tinha levado a minha roupa (risos), um rato tinha levado a minha roupa: aí, tento segurá o rato, aí o rato

corria mais que nós né, aí: aí eu me joguei, e aí eu me sujei toda, aí: cheio de lama.

E - A roupa deve ter sujado toda, também né?

I - Aí, meu Deus, como é que ia voltá pra casa agora. Aí tive que lavá a minha roupa ali mesmo e o rato sempre com a minha roupa né, o rato com a minha roupa. Aí nós, nós pulamo em cima do rato (risos) e pegamo a roupa. Aí tive que lavá e tive que í pra casa enxarcada, porque como é que eu ia voltá pra casa né? (risos)

Modo escrito:

Quando eu estava cursando a 2ª série do 1º grau, minha professora levou minha turma p/ fazer um passeio à uma cachoeira próxima ao meu colégio. E lá eu tirei a minha roupa e a coloquei em cima de uma pedra, e fui tomar banho. Quando chegou a hora de ir embora minha roupa tinha sumido, e fiquei apavorada! porque como é que eu iria ir embora pra casa? então desci até o colégio almocei e as 2:00 horas voltei a cachoeira pra procurar minha roupa, quando vi no mato alguma coisa se mexendo, era um rato que tinha roubado minha roupa. Pulei em cima dele e recuperei minha roupa de volta, só aí pude retornar á minha casa.

Relato de opinião

Modo oral:

E - E uma opinião, agora, crítica, a respeito de alguma coisa que te incomode.

I - O que me incomoda são: três coisas que me incomodam. Primeiro de tudo é a política que tem nesse Brasil que eu: que: que: sei lá, isso não entra na minha cabeça como é que; tantos presidentes, nós já tivemos tantos presidentes e parece que cada um vai piorando mais a situação que tem nesse país, toda: toda eleição que tem "Ah, vamos melhorá, vamos votá nesse novo presidente" e chega esse presidente e: parece que piora tudo, parece que fica pior do que o outro já tava.

E - A situação se agrava mais né?

I - Se agrava mais e: eu acho que: se se conscientizarem, se pensá, se acabá com o egoísmo que tem nesse país, a ganância, não: um dia vai acabá com esse problema, porque eu acho que o maior problema do homem é sê ganancioso.

E - Tens esperança que isso mude?

I - Ah, sinceramente, não, não mudô até hoje, deve: vai sê muito difícil mudá algum dia. Pode amenizá um pouco, mas mudá totalmente, tê um governo bom, acho que: não vai acontecê.

E - E os outros dois problemas?

I - Os outros problemas são: o relacionamento entre pai e filho, não tem? Ou pai e filha. Porque: o meu pai, ele é o tipo durão. Tudo pra ele é o certo. A gente não pode: a gente não pode: é: onde: é: dizê que ele tá errado, ele que tá o certo, não tem? Então, se: se: ele mesmo vendo que eu tô falando certo e: ele, e: e: ele viu que falô errado, mas pra ele o errado que ele disse é o certo pra ele, pra nós. Se, por exemplo, lá em casa, eu, eu, não sei se é porque eu sô filha única, mulher né, porque tenho dois irmãos, meninos, eu acho que sempre, acho que pra mim foi: o mais difícil, não tem? Parece que: eu acho que:

pro meu pai eu sé posso tê amiga, amigas, não amigos, se ele olha eu conversando com menino, ele já vai logo perguntando "quem é aquele guri?" é teu namorado? não quero mais vê tu perto dele, não quero mais sabé."

E - É o reflexo da sociedade machista né?

I - É, poque eu acho que também ele tem medo que aconteça comigo que nem aconteceu com a mãe dele, que a mãe dele se casô com: com o pai dele, eu acho que sem gostá, não sei. O meu avô, ele bebia, então maltratava muito a mãe dele, maltratava ele também, ele: ele era muito ruim e: quem ajudava mais a família era a mãe né, e: então: acho que isso ele deve tá com medo que aconteça a mesma coisa comigo, entende? que, se eu: mas o que ele tá fazendo comigo, se eu não fosse uma: uma gurria de cabeça mais ou menos né, sei lá, o primeiro que já via na frente já ia né, porque ele: porque eu acho que se o pai prende muito a filha em casa, um dia ela vai querê se soltá daquilo tudo, então, o primeiro que ela vê na frente vai lá, engravida, faz pra se soltá da família, pra não tê aquela imagem do pai durão que não pode sai, não pode dançá, que só tem amigo: mulher, não tem? Isso aconteceu muito na minha família. Meus tios todos são assim, não: não é só comigo que acontece isso. Na minha família tem: as minhas primas, os pais todos são assim, os pais, os pais delas sempre são assim, não tem? por exemplo, esse mesmo meu tio tem, ele tem duas filhas e um filho. As duas filhas casaram com dezesseis anos, mas porque engravidaram, porque o pai prendia, porque o pai não deixava sair. A filha mais nova dele se casô, mas: o marido dela ele é: ele é um: um rapaz responsável, não tem? Cuida da família e tudo, agora da filha mais velha dele já não, ele é, ele não trabalha, ele não tá nem aí pra vida...

E - Foi o primeiro que apareceu mesmo?

I - O primeiro que apareceu mesmo, o primeiro namorado.

Juma - Ele não quer que aconteça contigo o que aconteceu com ela.

E - Tem razão né, só que: o procedimento poderia ser outro né, Mila, como tu mesma falaste. E o outro problema?

I - O outro problema é esse machismo que tem na: nos homens.

E - Já: seria: remete ao segundo problema que tu mesma falaste.

I - Isso. E: acontece que os homens são, só porque a gente é mulher, "o sexo frágil" eles dizem, eles têm que mandá na gente. Isso eu acho errado. Hoje, também, muito preconceito, aqui: no: colégio tem, também tem, outro dia eu tava ali: eu tava: o Márcio tava sentado e eu tava: conversando com ele, aí eu tava: tava: com dor de cabeça, aí eu peguei e botei a minha cabeça em cima do colo dele né, aí as gurias já vieram "ai, Mila, o que é isso, não pode ficá assim com o guri, tu é menina, tu é menina" (risos); menina não sei porque, a gente não é igual?

E - Ininteligível.

I - Isso, isso é que eu acho. A minha mãe: se bem que ela não é tanto né? que lá onde eu morava tinha: muitos amigos, homens né, homens, garotos, meninos, então eu: eu gostava sim, tem até um menino que é menor do que eu, ele tem doze anos, mas ele tem a cabeça de dezesseis, não tem? Um menino muito adulto.

Então eu andava com ele abraçada, aí a minha mãe viu né, aí ela disse assim "Mila, não pode andá assim com o menino, tu és uma menina, não vê que não fica bem? O que os outros vão pensá?" Agora, ela: ela não acha o que que eu vô pensá, se ela me prendê.

E - É só, Mila, obrigada.

Modo escrito:

As três coisas que mais me chateiam são a política do nosso país, que parece que a cada eleição vai agravando + a situação do nosso Brasil, em vez de andarmos pra frente, estamos caminhando mais pra trás, tudo consequência da ganância dos homens.

Depois o relacionamento entre pai e filho que hoje ainda conserva muito o preconceito da sociedade de antigamente.

E o machismo existente hoje, que sufoca cada vez mais as mulheres de hoje, que lutam contra todas as barreiras do preconceito da sociedade.

Informante 3: - Cacau - Primeiro grau.

Narrativa de experiência pessoal

Modo oral:

E - Eu gostaria que tu me falasses a respeito de algo que tu já viveste, que de certa forma tenha te marcado...

I - É, seria a morte do Adriano, que eu tava junto com ele, tava praticamente junto, tava, com um monte de gente junto, nós todos da turma descemos. Só que ele e o Moisés saíram primeiro, daí ele atravessô, a senhora já sabia...

E - Mas, conta!

I - Que o carro pegô ele assim, quando ele tava começando a atravessá a rua, o carro pegô e foi daí que ocorreu o acidente né? Ficô uma semana no hospital e na UTI, foi coisa bem séria mesmo. E, esta coisa me chocô porque nunca tinha passado por essa experiência antes. Que eu vi ele na hora do acidente e daí eu fiquei muito chocado. E (pausa) e, pra mim inclusive custava a dormi. E, uma coisa que me deixô nervoso também foi que, foi que eu vi ele três vezes, acordado

E - Lá na UTI?

I - Não, depois que, de morto. Daí, eu não consegui mais dormi com porta fechada, luz apagada, fiquei uma semana ou duas assim. E, e daí, eu, eu resolvi falá pra mãe. Daí a mãe começô a aconselhá e coisa. E, daí eu fui me acalmando. Agora já, já tá normal, mas, por, por dentro ainda não, não passô.

E - E já faz bastante tempo, né, Cacau?

I - Faz seis meses, já.

E - Seis meses!

Modo escrito:

A morte de meu AMIGO Adriano, foi que estávamos todos na saída da aula quando nosso apressado colega resolveu atravessar a PERIGOSA estrada em frente ao colégio e aí nosso colega foi atropelado por um fiat 147 cor de creme. E aí sucedeu-se uma semana de ligações ao hospital até que, na aula de inglês da nublada 6a feira, D. Bernadete traz-nos, a terrível notícia: "o colega de vocês faleceu esta madrugada às 2:30". Silêncio geral, uns calaram, uns, choraram e alguns, como eu, choraram por dentro.

Narrativa recontada:

E - Podes me contá, Cacau, uma história que alguém te contou?

I - Quando era pequeno, ahn, morava em Jurerê, perto da praia, daí era muito brincalhão, muito arteiro, fazia aquelas coisas de criança pequena, daí o pessoal, ninguém queria que eu saísse de casa, eu voltava sujo, sujava a casa inteira, fazia aquela bagunça, daí o pessoal começava a contá a história do, do homem do saco que leva o pessoal.

E - Como é que que era essa história?

I - Não, que, que o, que o cara que, quem fazia é, muita bagunça, muita coisa, o cara pegava e levava dentro do saco,

pegava a gente, levava dentro do saco e comia como churrasquinho (risos). Vai vê que é por isso que a, que não era nem a mãe que contava, era a empregada que contava, daí, uma vez a, a empregada levô uma amiga dela que disse que o irmão foi transformado em churrasquinho quando era pequeno, que a mãe da, da, daí, não saía, não sei como é que eu fui, fui pra escola no primeiro ano.

E - Tinhas medo, justamente por causa dessa história?

I - Ahn han. De noite, saía pra comprá alguma coisa olhando pras sombras, olhando pra tudo.

E - Tá bom Cacau, é isso aí.

Modo escrito:

Para manter-me dentro de casa, me contaram a história ridícula mas amedrontadora do "homem do saco" que carregava as crianças "levadas" dentro do saco e fazia churrasco. E, o pior, eu cria em tais bobageiras.

Texto descritivo

E - Eu queria que tu me descrevesse o local onde tu gostas de ficar.

I - O quarto da mãe.

E - (risos) O quarto da mãe?

I - Porque tem um som, tem o telefone, tem: tudo fica no quarto da mãe. E, e a janela fica aberta sempre, bate o vento bem. Dia de calor assim, olha, fico esparramado em cima da cama da mãe. Fico, é, é: que mais?

E - E ele é grande, o quarto?

I - Ele é grande, sim. É, pode-se dizê que ele é grande. E, daí, tem uns quadros assim bonitos, que a minha vó pinta, e, ah, o som, o telefone: o telefone: o telefone: tô, tô sempre usando o telefone, sempre, o som, tô sempre com o som ligado.

E - Você gosta de ir lá com os teus amigos? Ficar lá com os teus amigos, no quarto da tua mãe?

I - Ahn? Não, não costumo levá ninguém não.

Modo escrito:

O lugar que descrevo é o melhor para mim: o quarto da minha mãe, tem um som, um telefone, quadros, uma janela ótima para dias de sol, pois bate um vento ótimo. Fico lá quando tenho "dores de cotovelo", por paixão incompreendida.

Relato de opinião

Modo oral:

E - Outra coisa, Cacau, é, queria que tu desse uma opinião crítica de alguma coisa que te incomoda, pode ser situação financeira do país, por exemplo.

I - Ah! minha irmã é uma coisa que me incomoda.

E - Por que?

I - Porque, tem que, todo mundo parado, eu sempre ligo a televisão, vem ela e muda de canal. Daí, já viu né, é fogo, a casa pega fogo, que daí a mãe qué defendê ela, porque é mulher,

porque é isso, que é aquilo, e o meu irmão também é a mesma coisa, meus irmãos, poderia dizer, só que a minha irmã é mais que o meu irmão, que a minha irmã a gente nunca se dá, agora o meu irmão, a gente não se dá, mas tem dia que as coisas se encaixam, por causa do acidente do meu irmão, que o meu irmão foi atropelado faz, ahn, junho, foi dia quinze de junho, e daí ele começô a ficá chato, por causa daquela prisão, ficô com o gesso três meses, e aquela prisão. Começô a falá, falava, falava, falava, pedia isso, pedia aquilo e a gente falava que não, que tá tudo bem, com toda a paciência do mundo, já tava estorado porque, por causa do meu irmão, agora chegava ainda a minha irmã e martelava em cima da ferida, ainda. Daí é fogo. E a mãe nervosa, o pai nervoso, todo mundo nervoso e eu acabava ficando mais nervoso ainda do que o meu pai, porque a gente nunca podia falá nada.

E - E tu achas que em algum momento desse os teus pais deveriam reagir a teu favor?

I - Eu acho que em certo ponto eles deveriam reagir, mas não em todos os pontos, porque eu também sou muito...

E -Errado?

I - Malvado. (risos)

E - Tá bom.

Modo escrito:

Meus irmãos são uns porre, uns pé no saco, todos me provocam, mas há diferença com meu irmão as vezes me dou bem, mas com minha irmã a batalha é intermitente e constante.

Informante 4 - Lica - Primeiro grau.

Narrativa de experiência pessoal

Modo oral:

E - Me conta, Lica, alguma coisa que aconteceu contigo, que tenha te marcado...

I - É: foi: uma coisa que me deixou super-interessada né, foi uma vez que eu tava lá em Pardo né, lá no Rio Grande do Sul, natal, a gente foi numa festa e: festa assim que tem na rua, no centro, no calçadão, assim, que ocupa as duas ruas, conjunto tocando... Daí, a gente subiu, ah: foi eu e mais duas primas, a gente subiu lá pra: por cima de uma praça, tava tudo escuro, a gente começou a avistá o pessoal que tava lá. A gente começou a olhá, tinha um monte de gente lá se drogando e a gente chegou a um drive, a gente ria daquilo, daí, eu peguei, eu fui trocá de calçado com a minha prima, porque eu tava de sandália, ela tava de tênis e eu não me sinto bem com: sandália, e a gente foi trocá e daí, quando eu tava com: com um pé de tênis e outro de sandália, daí as gurias, elas começaram a berrá e começaram a dizê que tinha um: um cara atrás da gente, eu saí correndo, assim, não deu tempo, a gente passou no drive, assim, derrubamo um monte de coisa, correndo, daí, depois, daí: daí: a gente olhô, eu olhei para trás, realmente tinha uma pessoa correndo atrás da gente, agora, assim, me deixou super preocupada, eu fui lá, falei com meu tio, tudo, e: a dúvida eu tô na minha cabeça até hoje, até hoje eu não sei se realmente era uma: pessoa que tava correndo atrás da gente ou, sei lá, realmente era um cara super, assim, digamos que: mal encarado, ah...

E - Deve ser alguém que estava lá, naquele momento.

I - Não sei, eu: de repente não: tem nada a ver, assim, mas aquilo ali não sai da minha cabeça e até hoje eu: se eu pudesse voltar eu tentaria descobrir se era: ou não era.

E - Descesse com um pé de tênis e outro de sandália?

I - Ah: eu desci com um de tênis e outro de sandália e só fui percebê isso quando já tinha ido embora, eu: fiquei a festa inteira assim, com um de tênis e outro de sandália. (risos)

E - Ótimo, tá bom, muito bom!

Modo escrito:

Uma coisa que me marcou muito, foi uma festa de Natal no calçadão de Rio Pardo (RS) que eu e mais duas primas minhas, subimos para uma praça para vermos o movimento, e vimos que lá haviam muitas pessoas se drogando. Depois de alguns minutos observando, eu e minha prima resolvemos trocar de calçado, pois eu estava de sandália e ela de tênis (eu odeio andar de sandália), foi quando elas começaram a berrar e correr, que eu me assustei e sai correndo também. Nós passamos por um drive derrubando coisas, mas eu não sabia se o homem que estava correndo, estava nos perseguindo mesmo, mas mesmo assim corria. E só quando chegamos em casa que eu percebi que estava com um pé de sandália e outro de tênis.

Texto descritivo

Modo oral:

E - E: o Lica, qual é o local que tu gostas de ficá?

I - Local?

E - Que mais te agrada?

I - Ah! é: um local que eu gosto muito, assim, eu gosto do meu bairro. Apesar de sê quieto, assim, mas eu gosto, não gosto de agitação, sei lá. Mas, o local que eu gosto mesmo é o quarto da Carla, uma amiga minha.

E - Não é o teu.

I - Não é o meu. É o quarto da Carla.

E - Por que? Podias descrevê pra gente?

I - É assim, é: é um quarto bem simples. Tem um ropeiro todo, todo extravagante, sabe? todo: desarrumado, assim. Uma cama, um aparelho de som: é que lá, assim, a gente se: tipo se encontra com os amigos. A gente vai tudo pra lá, a gente fica conversando. Eu me dô super bem com a mãe e o pai dela, eu: são super legais, assim, eu acho que eu posso, acho que eu, eu consigo me abri masi com os pais dela do que com os meus próprios pais, porque eu fico, se eu falo uma coisa assim, pra eles, não vão me repreendê, não vão, não vão assim, sei lá, me aplicá um castigo por alguma coisa. Eles vão dá conselho. Daí eu, eu acho que eu não tenho medo, entende, de me abri pra eles, pra Carla, pra: super amiga, eu gosto do: do quarto dela.

E - Que que esse quarto tem de diferente do teu, por exemplo?

I - Ah! eu acho que: apesar de ela tê o quarto junto com a irmã dela, só que daí ela fez um negócio lá que ela tirô a cama da irmã dela, mas, e ela consegue, ela manda naquele quarto.

Aquele quarto, assim, é como se fosse só dela. A gente chega lá, qualquer amiga que chega lá, a irmã dela já sai e fica lá, a gente liga, liga o som, fica conversando, chora se tivé que chorá, ri se tivé que ri. Sei lá, eu gosto.

E - Na tua casa não tens um ambiente assim?

I - Não.

E - Nem no teu quarto?

I - Não. No meu quarto, só, só de tarde, mas sei lá, eu... Daí eu sei que não é por toda hora, assim. Meu pai é uma pessoa que não gosta de me vê sozinha. Ele: se eu tô sozinha ele vai lá, me faz companhia, começa a conversá...

Modo escrito:

No quarto de Karla. É um quarto simples, mas eu me sinto bem lá, eu me dou super bem com ela e com os seus pais. Com eles eu me abro mais do que com os meus pais. Acho que é porque sei que eles não irão me reprimir em nada.

Relato de procedimentos

E - Queria que tu me contasse sobre uma coisa que tu gosta de fazê.

I - Eu gosto: eu gosto de: jogá vôlei eu adoro. Só que: eu tô na aula de vôlei, mas eu não me sinto bem, assim, lá a gente: eu prefiro jogá vôlei lá no bairro: aqui na escola: porque eu não me dô muito bem com as minhas colegas de vôlei.

E - E aqui, te dás bem, na escola?

I - Dô, dô, me dô super bem com o pessoal aqui na escola. E apesar que: que todo mundo diz que tive um ressentimento com o ... mas a gente se dá super bem.

E - Tu conseguirias descrevê pra mim como é que: como é que se joga vôlei, quais são os procedimentos?

I - Sim, as regras: aí, professora, tem que sacá né, que é uma coisa que a gente sabe, daí tem que: a gente, se fizé ponto, saca outra vez, e: se errá, daí o outro time saca e: daí quando a gente recupera a vantagem, o time roda né, outra pessoa que vai no saque, tem a regra das linhas de seis metros que: a gente não pode forçá, não pode pulá depois da linha de seis metros, tem: levantador, tem: quando a gente saca tem que tá todo mundo dentro da quadra, ah, não pode batê na rede, não pode queimá, não pode invadí.

E - Os toques, como é que são?

I - Toques? Ah, a gente: toque assim, a gente tem que cuidá pra não: num toque não dá dois toques, não tem? uma mão batê depois da outra, tem que sê as duas juntas... a gente faz três toques, daí um recebe manchete, outro levanta e outro corta, daí...

E - Tu sabes cortá também?

I - Ah, eu não: eu qua: eu não consigo: porque eu sô muito baixinha. (risos)

E - Mas tu tens: domínio de: de pulo, assim, pra cortá?

I - Tenho... Só não consigo com a linha de três metros (risos). Eu levei um tombo (risos).

E - Ah, muito bom.

Modo escrito:

Eu adoro jogar vôlei, mas prefiro jogar na escola ou no meu bairro, pois eu não me dou com as minhas colegas da aula do vôlei.

Regras: - saque (se fizer ponto saca de novo, se errar, o adversário saca e se recuperarmos a vantagem rodamos e sacamos novamente).

- Linha dos três metros (quem está atrás não pode pular depois da linha dos três metros).

- Toque (devemos tomar cuidado para não darmos dois toques, as mãos devem tocar na bola simultaneamente.)

- Quando alguém saca, todos devem estar dentro da quadra. Não sei cortar muito bem pelo fato de ser baixa.

Relato de opinião

E - E: o último já, uma opinião crítica. O que te incomoda, Lica?

I - Ah, são os meus pais.

E - Então conta pra gente como é que é isso. O que tu achas que deveria mudá?

I - Ah, eu acho que: sei lá, eles deveriam confiá mais na gente, porque a gente: a gente pede pra í num lugar, daí eles não deixam, de vez em quando é pelo fato da gente sê menina, ou: porque é muito nova pra isso, eu acho que se eles dessem uma chance pra gente, deveriam dá uma chance pra: pra gente prová que se a gente é responsável, se a gente não é, se a gente qué assim, se a gente vai. Eu, por exemplo, quando eu tô

numa festa, e: eu peço pra eles me dá horário assim, daí, o máximo é meia-noite em casa, daí eu não me divirto quase porque fico no relógio, olhando: ou então quando eles não dão horário tenho que tá: que tá esperando o meu irmão, não pode nem aproveitá a festa, e daí esse, esse meu irmão vai me chamá e não me encontra, dí a gente acaba não se divertindo muito. Meu pai também não me deixa namorá, acho que eles deveriam assim, dá uma liberdade pra gente porque eu acho que isso aí não é a gente que comanda, o sentimento, daí eu acho que: sei lá, não devia reprimi o namoro. Tá certo assim, não pegá assim a filha chegá lá, í com outro cara e ficá com ele, toda lá e ficá com outro, até que isso aí não deve. Tá, eu sô uma que sô muito chegada no pai, "pai eu tô namorando", não sei a reação do meu pai.

E - Tu tens medo dessa reação?

I - Eu tenho medo. Se bem que ele já disse que se um dia, que quando assim eu tivesse gostando de alguém eu chegá lá e falá pra ele, mas eu tenho medo da reação dele.

E - Mas tem que falá. E com a tua mãe tu não te abre nesse ponto?

I - Com a minha mãe eu falo. Com a minha mãe, e também, e também eu nem preciso assim chegá, assim, chegá em casa e falá: que eu fiquei com alguém, alguma coisa, porque: fofocas assim chegam sempre no ouvido da minha mãe, ah, e: a minha mãe sabe um por um telefonema e coisa e: sempre assim.

E - Até antes mesmo de chegares em casa, às vezes né?
(risos)

I - Aí eu acho que é fofoca do meu irmão, assim, coisa que ele faz não por mal, porque ele: ele assim não é de se apegá assim a coisas.

E - Se tu fosses descrever o pai ideal, como é que tu descreverias para gente? Não existe, mas que a gente procura.

I - O pai ideal? O pai que eu gostaria de tê é assim: uma pessoa assim: sempre disponível, que a gente pudesse pedir ajuda, ele aceitaria, ajudando a gente: sempre dando força: nunca assim chegá e í dando esporro assim, não tem? tu sai de casa e depois ele chegá lá e í dando esporro, sempre com diálogo assim, desse chance pra gente... pra gente, sei lá, pra gente prová que a gente é capaz, não querê assim defendê a gente em toda situação, sei lá um pai assim, mais um amigo do que um pai.

E - Aquele que percebesse que vocês já cresceram, seria mais ou menos isso?

I - É: pro meu pai não: pro meu pai eu ainda sô aquele nenenzinho de colo. (risos)

Modo escrito:

Não gosto da repressão dos pais. Acho que eles deveriam confiar mais nos filhos e dar uma chance para provarmos que conseguimos algo. Os pais não deveriam repreender o namoro, pois não temos controle dos nossos sentimentos.

O pai ideal, seria aquele que está sempre disponível, sempre querendo dialogar. Não bronqueasse e sim, dialogasse. Aquele que não dá hora para chegar em casa, e sim, que pedisse para não chegar tarde, confiando que o filho irá obedecer-lhe.

Informante 5 - Nana - Segundo grau.

Texto descritivo

Modo oral:

E - Nana, agora, um local que tu gostas de ficar, não só o local, como eu gostaria que tu me descrevesse como é que ele é, detalhe por detalhe.

I - Pode ser dois?

E - Pode.

I - Tá, o primeiro é o meu trabalho, né, eu sô auxiliar de bibliotecária, trabalho das seis às nove, né, e adoro, assim, eu me sinto super em paz, é um lugar calmo, assim, não é a matéria que eu gostaria se fazê no vestibular, mas eu acho que pro trabalho assim, pelo tempo que eu passo lá, são horas muito boas, que eu aprendo muita coisa, e... vivi muita coisa ali dentro assim que vai deixá marcas, assim. É, biblioteca a gente não tem muito o que falá, né, é prateleira cheia de livros, atrás da <minh> atrás da minha mesa têm as fotografias dos ex-presidentes e bastante fotografias do coral do Seis.

E o segundo lugar é o meu quarto, né, é que eu quase não tenho conversa dentro de casa, sô muito, em casa sô bem quieta, por sinal, e meu quarto é assim um pano de fuga, né, qualquer problema é direto pro meu quarto e eu durmo com a minha mãe, né, e então, é bom porque lá no quarto a gente tem, eu tenho o meu aparelho de som e a minha televisão, então, eu prefiro às vezes até tá com eles desligados, mas de vez em quando, a gente, pra sai daquela rotina do silêncio, né, então eu sempre ligo um dos dois. Eu acho que é um lugar... é bem claro, bem

ventilado, eu acho que é bem como eu gosto mesmo, eu me encontro muito lá dentro.

Modo escrito:

São dois. A biblioteca onde trabalho e principalmente meu quarto, eu acho o lugar ideal para se fugir dos problemas, é claro, arejado, a janela é na frente da casa e possui uma televisão e um aparelho de som.

Relato de procedimentos

E - Eu queria que tu me contasse, agora, uma coisa que tu gostas de fazer e como se faz, assim, como se desse uma receita de como se faz, quais são os procedimentos, dessa coisa.

I - Tem um monte de coisa que eu adoro, né, uma delas é escrevê carta, eu adoro recebê e escrevê carta, né, e, nada daquele negócio assim, bem português, né, que tem de ser certinho, né com início, meio e fim, não, eu escrevo até no envelope, se possível, contando as, as últimas novidades antes de colocá a carta no correio, é, tenho uma prima em Porto Alegre que a gente sempre se corresponde, e a outra coisa que eu adoro, além de escrevê carta, é escrevê na minha agenda, né, eu conto tudo o que aconteceu, não deixo nada, assim, é um livro, quem quisé chegá um dia, assim "eu quero lê a tua agenda", "tá aqui pode levá". É, adoro, assim, lê eu também gosto muito de lê e se for pra dá uma receita de como se escrevê uma carta, né, eu acho que a gente escrevê tudo com o coração, né, escrevê assim, aquilo que a gente tá sentindo, que a gente gostaria que a pessoa soubesse, e que a gente não pode dizê o que tá sentindo, mas eu acho que é difícil, né, a gente se expressá, mas a gente, só dizê assim "ah, eu tô com uma vontade imensa de chorá", a gente já tá demonstrando o que tá

sentindo ali, então. É, escrevê carta, lê e escrevê na minha agenda são coisas, assim, maravilhosas, não tem nada insubstituível, assim que, é escrevê carta, escrevê na agenda e lê livros.

E - Nana, voltando ao relato de procedimentos, já que tu trabalhas na biblioteca, quais são os procedimentos utilizados pra esse trabalho, poderias nos contar?

I - Quando chego lá eu tenho que botá na minha mesa as revistas da semana né, Veja, Isto é, colocar direitinho pros leitores que querem lê, assim, e os jornais, também, coloco direitinho, por data, como o dia de hoje, direitinho, tem que tá arrumadinho né. Os livros das crianças às vezes estão esculhambados, tenho que dá uma arrumadinha, e, às vezes, quando eles vão, uma coisa que eu adoro é quando eles chegam assim "ai, pelo amor de Deus, não tenho nada pra lê, me indique um livro", eu adoro quando fazem assim e quando as crianças chegam e dizem assim "ai tia, me ajuda que eu não sei, tenho que procurá isso aqui que a tia mandô e eu não sei fazê, a tia me ajuda?" E, eu até me esqueci de colocá ali, um, uma, um fato assim de dia da bibliotecária, né, dia doze de março, chegô uma menininha lá e disse que a tia do colégio tinha dito que dia doze de março era o dia da bibliotecária e teve, que era pra eles fazerem uma poesia e um desenho da bibliotecária que eles gostassem, né, e eu disse assim "ah é, Mariane? e o que que tu colocô?" "ah! eu coloquei assim, né, "a bibliotecária que eu mais gosto é a Nana" e coloquei uma poesia que o namoro na escola é uma porcaria, porque começava na sala de aula e terminava na secretaria". E eu achei lindo né, achei super bom, assim, alguém ter lembrado de mim, não tenho curso ainda né, e é bom assim, quando eles saem, uma coisa que eu sempre reparei que quando eu, quando eu vô pra Porto Alegre ou pra outro lugar que eu tenho condição de í na <bibliot>, numa biblioteca, eu vô

mesmo pra olhá, pra ver como é que é a organização, né, aí então, eu sempre reparo, assim, como é que as bibliotecárias tratam, uma coisa que eu nunca ouvi é a bibliotecária desejá, assim "ah, boa leitura", né, e eu sempre desejo, né, assim "boa leitura pro senhor, boa leitura pra senhora". e, procuro tratar todo mundo bem, assim, sempre igual e tenho que marcá, também, em termos de serviço assim, também, tem que anotá o número de registro dele, da carteirinha de associado do leitor né, e numa ficha que a gente tem, quais foram os livros, assim, a classificação literária dele, se ele é literatura brasileira ou estrangeira né, inglesa, alemã. É pra sabê quantos livros saíram no mês, quais os que têm mais procura né, quantos xerox foi usado, se a Barsa, uma enciclopédia, foi usada bastante. É esse o procedimento que a gente faz, aqui é fácil.

E - Tá ótimo. Tu debes ser uma boa bibliotecária, hein, Nana?

Modo escrito:

Adoro ler, escrever cartas para minha prima de Porto Alegre e na minha agenda. Acho que deve-se escrever tudo o que se sente apesar que sentimentos são algo que não conseguimos expor, mas deve-se ao menos tentar.

Ao chegar na biblioteca, organizo os jornais do dia e as revistas da semana. Atendo as pessoas e adoro quando me pedem para indicar algum livro e quando tem que se ajudar as crianças com os temas escolares. Quando os livros saem da biblioteca devo anotar o empréstimo na carteira do leitor e qual é a classificação literária do mesmo. Sempre desejo a eles "Boa leitura", pois acho que não se encontra bibliotecárias que desejam.

Informante 6 - Isa - Segundo grau.

Narrativa de experiência pessoal

Modo oral:

E - Isa, eu gostaria que tu me contasses alguma coisa que tu já viveste, que me fizesses uma narrativa tua, uma experiência pessoal.

I - Uma vez eu saí com: é: dois amigos meus, e o meu primo e a minha prima. Nós fomos dá uma volta no Kobrasol. Aconteceu lá que: nós: tava dentro do carro do meu amigo e: o carro dele, as portas eram bem velhas, qué dizê, o carro era todo velho. Pra gente saí, não dava porque as portas estavam trancadas, a gente tinha que saí pela janela. Aí a gente pegô e: o meu primo pulô a janela. No que ele pulô a janela, ele começô a pegá o pé, e a empurrá na: no outro lado da: da porta e batê na porta o pé pra vê se a porta abria, porque a porta não queria abri. Ele começô a brigá e a brigá com a porta, todo mundo achô engraçado. Depois disso, o carro, o carro pifô. Faltô gasolina e a gente teve que levá o carro até no posto pra botá gasolina. E nesse, nesse mesmo dia, a gente tava ainda dentro desse carro, a gente foi pra Beira-Mar, no que a gente foi pra Beira-Mar, o carro faltô gasolina de novo. A gente pegô e falô "pocha, faltô gasolina". E, depois, a gente foi pra outro lugar, depois que a gente tava indo pra casa, a gente teve que botá gasolina de novo, faltô gasolina de novo, aí todo mundo já tava maluco. Quando a gente foi abri a porta do carro, a gente usô muita força, três, pegô a porta e foi abri. No que a gente foi: fechá, a porta não fechava mais (risos), aí não dava mais pra fechá a porta. Quando a gente chegô em casa, todo mundo sentô, a gente saiu e, por causa do problema do carro ninguém

conseguia: ninguém conseguia sair, nem se diverti, qué dizê, a gente já tinha se divertido um monte com o carro. Aí a gente chegô em casa, e fez pizza, fizemo um monte de coisa e comemo ali em casa mesmo, porque o caso foi sério por causa do carro, a gente, credo, passô o maior dos sufoco. A gente chegô em casa às quatro e meia por causa do carro, isso foi no sábado, chegamo às quatro e meia por causa do carro e: a gente, qué dizê, o pessoal todo foi pras suas casas, que foi na casa da minha prima isso, foi pras suas casas às seis e meia da manhã: ô, foi uma bagunça geral.

Modo escrito:

Um dia a noite eu saí com dois amigos meus, e com a minha prima e meu primo.

Quando nós saímos, pensávamos que íamos ter uma noite ótima, não que não tenhamos tido.

Saímos então com o carro do meu amigo, um fusca todo arrombado, que quando se abria a porta ela não fechava e quando nós a fechava ela não se abria. Nós paramos no Kobrasol e lá tivemos que sair pela janela do carro, o meu primo tentava abrir a porta com ponta-pés, foi o máximo todo mundo riu o carro faltô gasolina três vezes, uma no Kobrasol, uma na Beira-mar e quando nós fomos pra casa. Quando nós chegamos em casa, isso era um sábado, nós fizemos pizza e começamos a rir da situação. E o pessoal foi se embora a 6:30 da manhã.

Relato de procedimentos

Modo oral:

E - Agora eu queria que tu me falasses a respeito de algo que tu gostas de fazer, algo que tu fazes sempre, e me digas como se faz isso.

I - Eu: gosto de desenhá. E: normalmente quando eu desenho e o meu desenho sai bem feito é quando eu tô com raiva. Aí ele sai, credo, um desenho lindo. E: o desenho a gente faz (risos) com papel, eu gosto só de usá lápis preto ou caneta preta pra desenhá, não gosto de desenho colorido... eu: já participei de concursos de desenho mas: nunca tive a oportunidade de ganhá e: tô pretendendo fazê um curso agora, qué dizê, tenho que fazê pra tê, pra melhorá a minha técnica. (silêncio) Eu crio, e eu aumento. Até: tanto que: eu faço decoração pra festa. Eu, se alguém pede pra mim fazê uma decoração eu faço, e eu, tanto eu aumento o desenho quanto eu diminuo.

E - Como é que tu fazes pra aumentar ou pra diminuir esse desenho? Tem alguma técnica especial?

I - Não, não tem técnica nenhuma, não uso técnica nenhuma. Não uso nenhuma técnica, eu só olho e: aumento ou diminuo.

E - E quando tu trabalhas pra essas festas, quando tu fazes a decoração pra essas festas, a pessoa te, te encomenda e depois tu: como é que tu trata assim com a pessoa, como é que tu combinas o motivo, o material que tu vais usar?

I - É: a pessoa assim que vai lá na minha casa porque normalmente são meus amigos, eu não cheguei a divulgá ainda, botá em jornais, montá uma firma, porque nesse caso já tem firma especificada. Eu falo com a pessoa, pra pessoa: comprá os materiais né, papel: é: papel camurça, que eu uso papel camurça, cartolina, e a canetinha hidrocor, hidrocor e: também: isopor, folha de isopor, grande. Aí a pessoa escolhe o tipo de decoração, se ela qué uma decoração do Walt Disney, se ela qué: da Mônica, turma da Mônica, se ela qué uma: assim Páscoa, coelhos, aí eu pego e faço, pego desenhos pequenos, procuro em

revistas ou em: fotos, qualquer coisa e: vô tirando o desenho, assim, e vô montando, depois eu entrego a decoração pra pessoa, eu: ultimamente eu ando fazendo só pra amigos, pra pessoas estranhas eu não faço e: não cobro. É de graça mesmo.

E - Podias ganhá um bom dinheiro, hein, com isso.

Modo escrito:

Eu gosto de desenhar.

Eu faço desenhos meus mesmos, quer dizer criados por mim, e aumento e diminuo desenhos, às vezes faço decoração para festa, as pessoas me dão os materiais e eu faço os meus desenhos, mas faço só para amigos, mas ainda pretendo montar uma firma de decoração.

Informante 7 - Lia - Terceiro grau.

Narrativa de experiência pessoal

Modo oral:

E - Lia, eu gostaria que tu me contasses uma história da tua vida, triste, alegre, engraçada, como tu quiseres.

I - Ah, bom, uma história que, que me marcou muito, não sei se é engraçada, se é triste, mas, que eu me lembro muito bem que, com sete, oito anos, mais ou menos nessa idade, eu, eu sempre gostei muito de ir à praia, tal, a gente ia muito, tinha casa de praia, tal, eu brincava muito na areia, na água, tal, e gostava muito de plantá bananeira dentro d'água. Eu chamava a atenção de todo mundo na praia pra vê eu plantando bananeira né, e fazia direitinho, tal, e só que um belo dia eu, eu não sei exatamente o que foi, eu não sei se eu caí, ahn, do lado errado, com as pernas pra trás, tal, eu sei que eu fiquei perdida, lá dentro d'água, não conseguia respirá, quase me asfixiei e, eu morri assim de medo né, e, depois disso nunca mais tentei plantá bananeira, qué dizê, acabô ali né, foi uma coisa assim que, que me marcô, e, a, sei lá, de repente era pra eu tê mais coragem agora, depois de adulta, tal, uma coisa assim, não foi uma coisa só de criança e acabô ali né, nunca mais consegui.

Modo escrito:

Sempre gostei - especialmente quando criança - de ir à praia e brincar na areia e na água. Uma das brincadeiras de que mais gostava era plantar bananeira dentro da água. De lá, gritava para todos que estavam na areia (pais, irmãos, amigos)

para que observassem a minha "proeza". De fato, eu era um pouco exibicionista...

Acontece que, um belo dia, ao tentar voltar à superfície - depois de ter permanecido de cabeça para baixo dentro da água - eu quase me afoguei. Não me lembro exatamente o que aconteceu (talvez a angústia de me sentir sem ar tenha feito eu esquecer a causa), apenas recordo que durante alguns segundos eu fiquei em completo desespero e que este fato fez com que eu nunca mais experimentasse a brincadeira de novo.

Texto descritivo

Modo oral:

E - Lia, eu queria que tu me contasse agora, descrevesse: o local que tu gostas de ficar, e como é que é esse local, assim, detalhadamente.

I - Detalhadamente (risos). Bom, eu gosto muito da minha casa, né, em particular do meu quarto. A minha mãe é que sempre diz que ela gosta muito de viajá, de passeá, mas que a melhor parte de tudo isso é chegá em casa, botá os pés no chão, no chão dela né, e é mais ou menos isso. Eu gosto muito do meu quarto, ahn, independente da situação em que eu esteja, ahn, seja pra chorá, seja pra rí, pra ouvi música, pra estudá, é lá que estão as minhas coisas né, então é, é o meu mundo, assim, eu gosto muito de estar lá. Ele não tem nada de especial, é só porque é meu mesmo, ele tem, ele tem duas janelas, ahn, é bem arejado, fica assim na parte de trás da casa, assim, é a última peça da casa, depois de um corredor bem longo, assim, e tem os meus livros, tem, tem uma estante com livros, tem o meu guarda-roupa, eu divido o quarto com a minha irmã, então, são duas camas, tem a mesinha de cabeceira, tem o meu rádio-relógio, o

meu abajur, o meu tudo, e eu gosto muito, ele é todo branco, e eu gosto muito dele. É meio a minha cara, assim.

Modo escrito:

Contente, deprimida, pensativa, não importa o estado de espírito; eu gosto de estar no meu quarto. É lá que estão as minhas coisas: minhas roupas, meus livros, minhas recordações. Ele é, por isso, parecido comigo; é um pouco o meu espelho, inclusive na bagunça que eu entendo.

Relato de procedimentos

Modo oral:

E - E eu gostaria agora que tu me, me contasse um coisa que tu gosta de fazê, e como se faz, tipo ensiná, assim, como é que se faz, quais são os procedimentos.

I - Tá, vou dá minha receita, então (risos). Ahn, eu gosto de cozinhá, de fazê doce né, porque eu gosto de doce e eu fui meio obrigada a aprendê, então, porque ninguém ia tê disposição de fazê tanto doce quanto eu tenho vontade de comê. E é uma receita bem simples, eu faço é, é um pão-de-ló né, e depois, então, dá pra fazê o que quisé, dá pra ahn, colocá uma cobertura, cada, cada um a seu gosto né, dá pra escolhê, dá pra recheá, dá pra fazê rocambole. Então, a massa base é o pão-de-ló, que eu faço batendo quatro gemas com doze colheres de água, a gente bate até ficá uma, uma espuma, bate por uns dois minutos, depois, a essa espuma a gente acrescenta ahn, duas xícaras de açúcar e bate bem, fica tipo uma gemada, assim, fica bem cremoso, é, isso com bateadeira né, e depois, à mão, então a gente bate duas xícaras de trigo e uma colher de sobremesa de fermento. Mistura, e depois coloca quatro claras em neve. A

gente tinha batido as quatro gemas, no final coloca as quatro claras batidas em neve. E assa, então, e depois, ahn, recheia como quisé né, e faz o que quisé. Eu gosto muito de colocá cobertura de chocolate, que eu sou louca por chocolate (risos).

Modo escrito:

Eu gosto muito de doces e por isso vivo na cozinha preparando algum. Gosto especialmente dos que levam chocolate. O doce que faço com mais freqüência (porque é o mais rápido também) tem como massa o pão-de-ló feito batendo-se 4 claras em neve que ao final são adicionadas à seguinte mistura: quatro claras batidas na batedeira até que se forme uma espuma (2 minutos), às quais são acrescentadas duas xícaras de açúcar batendo sempre. Então, são colocadas duas xícaras de trigo e uma colher de fermento. Finalmente, não esquecer as claras. A massa é então assada e pode ser recheada e coberta à gosto podendo, também ser enrolada para rocambole.

Relato de opinião

Modo oral:

E - Lia, eu queria que tu me contasse agora, o último já, o relato de opinião, alguma coisa que te incomoda, tá, uma opinião crítica a respeito de...

I - E, uma coisa que tem me incomodado muito ultimamente, porque tá, tá muito em voga, tá sendo muito noticiado, aparece muito, é a situação dos aposentados no Brasil, e a gente presencia todo dia, seja na televisão, no jornal, e, né, até outro dia, no programa político, eu, eles dedicaram um, um espaço a esse assunto. É justamente a situação em que os aposentados são, são tratados com tanto descaso, ahn, sofrem

agressões físicas, eu fiquei assim horrorizada de sabê que quatro, quatro pessoas morreram na fila do banco, enquanto estavam esperando recebê o dinheiro, tal. É uma coisa assim chocante né, que vem acontecendo, que mostra assim, uma negligência até com relação a isso e que, infelizmente, parece que não tem solução, porque apesar de a Previdência tê o dinheiro, parece que há um superávit, e poderia pagá, mas insiste em não, em simplesmente virá as costas pra, pra essa situação que a gente tem, tem visto né, ultimamente. Isso tem me incomodado muito.

Modo escrito:

Um fato que vem me incomodando muito ultimamente é a questão dos aposentados no Brasil. Ver cenas que vão desde a agressão física até a morte de pessoas idosas nas filas de banco é algo que me angustia. Esta semana, assistindo a um programa político na TV, constatei que a Previdência teria condições de pagar os 147% aos aposentados, mas que, simplesmente, se nega a fazê-lo, num absoluto desprezo e negligência com relação a estes cidadãos.

Informante 8 - Rose - Terceiro grau.

Narrativa de experiência pessoal

Modo oral:

E - Gostaria que tu me contasses uma história tua, de uma coisa da tua vida, uma coisa pessoal, muito triste ou muito alegre ou muito engraçada.

I - Eu tenho que pensá um pouco. Bom, sempre: o que me dá: é, muita alegria, as minhas melhores lembranças, assim, estão todas relacionadas à minha família né? É: uma coisa muito emocionante que eu fiz há pouco tempo foi fazê uma entrevista com a minha vó, em, quando, a: última vez que estive em casa, em Concórdia, então, eu tinha que testá a: as fitas e o gravador pra fazê o trabalho em Chapecó. E como há muito tempo eu já queria: <rela> a: gravá os relatos da minha vó né, que ela é alemã, veio, ahn: pro Brasil com dez anos, e eu passei a minha infância inteira ouvindo as histórias dela, como era a Alemanha, como era o Brasil quando elas chegaram, como é que foi a viagem, que eles lá ahn: tinham um bom nível de vida, o pai dela era comerciante, aquelas coisas né? e aqui, vieram pro Brasil pensando que ahn: iam tê uma fazenda e empregados pra cuidá da fazenda. E depois, o dinheiro não era suficiente pra tanto e: os filhos tiveram que fazê esse tipo de trabalho né, então na Alemanha, uma filha de classe média, no Brasil, uma lavradora né, então essas coisas assim de muita emoção né, que ela passava pra gente, então, eu queria gravá isso, aí, fui até a casa dela, com gravador, fita e tudo, marquei a entrevista com ela e aí pedi pra ela contá as coisas da Alemanha e ela contou muitas coisas novas que ainda não tinha contado pra mim e inclusive chorô, cantô em alemão, rezô em alemão, foi assim ótimo né, uma das coisas mais <emocionan> a coisa talvez mais

emocionante que eu fiz o ano passado foi fazê uma entrevista com a minha vó.

Modo escrito:

As minhas experiências mais interessantes, minhas melhores lembranças, estão relacionadas à minha família. Na última visita que fiz à minha casa, em Concórdia, eu devia testar as fitas e o gravador para dar seqüência ao trabalho do projeto VARSUL em Chapecó, então realizei uma entrevista com a minha vó. Levei fitas e o gravador à sua casa para gravar alguns dos relatos que ouvi durante toda a minha infância. Minha vó é alemã e veio para o Brasil com 10 anos. Na Alemanha, a sua família tinha um bom nível de vida, eram comerciantes, e vieram ao Brasil pensando em adquirir uma grande fazenda e ter empregados para mantê-la. Aqui, o dinheiro não deu para tanto e a família teve que trabalhar. Então ela passou de filha de classe média na Alemanha para lavradora no Brasil.

Durante a entrevista a minha vó ficou muito emocionada, até contou coisas novas, que eu ainda não sabia; chorou, lembrando da sua mãe, cantou em alemão, rezou em alemão. Essa foi, sem dúvida, uma experiência muito emocionante, talvez a mais emocionante que vivi no ano passado.

Narrativa recontada

Modo oral:

E - Isso, uma história que alguém te contou, um relato...

I - Ah! bom, então vó: contá uma história que a minha vó me contou. Que ela disse que: pode ser que seja: mentira, tá, eu acho que essa história é mentira, mas enfim, a minha vó me

contou que, quando ela era pequena, na Alemanha, ahn: uma vez ela: tinha que ir à sapataria, e aí, ahn, veio um cigano pra perto dela e, e perguntô se ela tava perdida, ela disse que não, que ela ia na sapataria. Aí ele disse que ia: ajudá-la. Deu a mão, pediu pra que ela desse a mão pra ele, e: e: disse que ia levá-la lá na sapataria. Mas: ele foi por um outro caminho, que não era da sapataria. Ela tinha oito anos na época né, e: ela não sabia muito bem por onde ela estava indo, mas ela sabia que por lá ela não ia à sapataria. Então, esse homem, que era um cigano, diz ela, ahn: foi em direção ao trem e: eles entraram no trem. Ela acha que ele ia roubá-la né, porque: os alemães têm muito preconceito, muito racismo e: pra: pra ela aquele homem era: um cigano, poderia não ser né, era um: ela era uma criança né? E aí, no trem, ela conseguiu, ela conta que ela se soltou dele, soltou da mão dele, e fugiu e, num outro vagão ela encontrou um vizinho deles, alguma coisa assim, e que, então ela contou que: o cigano tava roubando ela e: ele: ficou com ela e mais tarde colocô ela no trem de volta pra casa né, então, aí, ela conta isso com uma emoção, que ela quase foi roubada por um cigano. E isso ela contava pra gente, pros netos, justamente quando tinha ciganos na cidade né, que a gente devia tê medo dos ciganos, porque eles roubavam crianças.

E - Por isso que tu não acreditas.

I - Por isso que eu não acredito.

Modo escrito:

Minha vó me contou uma história que talvez não seja verdade. Ela contou que aos oito anos, quando ainda vivia na Alemanha, um dia foi ao sapateiro. Na rua um homem perguntô se ela estava perdida, então ela disse que não, que ia ao sapateiro. Mesmo assim, ele quis ajudá-la, tomou-a pela mão e

passou a conduzi-la por um outro caminho. Ela era pequena e não sabia bem qual era esse caminho, mas sabia que não era o da sapataria. Então esse homem, que ela diz que era um cigano, levou-a para um trem. Lá ela conseguiu soltar-se da mão dele e passou para um outro vagão. Ali ela encontrou um vizinho e contou que um cigano estava tentando roubá-la, ele então tranqüilizou-a e depois mandou-a para casa em um outro trem.

Essa história sempre era contada aos netos quando haviam ciganos na cidade, para que aprendêssemos a temê-los, já que a experiência da avó mostrava que os ciganos roubam crianças.

Acho que esta história não é verídica, porque minha vó, como o são todos os alemães, é muito preconceituosa e queria ensinar-nos a ter reserva às raças de pele escura.

Relato de opinião

Modo oral:

E - Eu gostaria que tu me falasses agora de uma coisa que te incomoda, uma opinião crítica a respeito de um: pode sê política, sociedade, marginalidade, relacionamento pai e filho, aquilo que te incomoda, que: que tu gostarias que mudasse.

I - Uma coisa, pra mim, que é: mais do que uma incomodaçãõ, assim, um certo nojo, inclusive, que eu tenho, é essa: vulgaridade masculina em relação às mulheres, sabe, um desejo incontido de olhá, de é... ah... né, de manifestá o desejo masculino em relação à mulher, que é uma coisa extremamente antiga né, e: extremamente moderna, que sempre tá em uso, você andá na praia, assim, e vê as meninas andando na calçada, aí os caras que passam de carro têm que ficá buzinando, assobiando, essas coisas eu acho muito nojento. E no, <no inclusi> eu, pra mim, eu sempre associo isso com, com o popular né, porque a: quem tem um pouco mais de instruçãõ já: a: disfarça um pouco

mais esse tipo de sentimento, assim, né, não que deixe de sentir né, mas disfarça um pouco melhor. Mas e: e: e essa coisa popular né, tá muito relacionada à situação social, à pobreza né, quanto mais pobre, a gente vê, mais promiscuidade né? E: a: eu tava lendo no jornal, nesse final de semana, que, inclusive, na Alemanha, o <jor> o jornal mais popular na Alemanha traz na capa fotos de: mulheres nuas né, então, a Europa, gente, a gente pensa que nunca vai encontrá esse tipo de situação na Europa né, o paraíso, o berço da civilização, que lá não tem essas coisas, mas, que nada. Aí, eu até concluí, revoltada, que essa, essa promiscuidade assim, esse: desejo incontido de sexo e sexo está na própria essência do: ser humano. Agora eu tô procurando assim, vou vê se eu encontro situações que amenizem um pouco né, essa conclusão, porque eu estou muito decepcionada, assim, em relação a isso, os homens olhando sempre as mulheres, <a mu> as mulheres mostrando cada vez mais né, o corpo, o, os degotes descendo, a saia subindo e tudo estreitando, e os homens, ahn: baixando e subindo a cabeça e olhando, virando a cabeça pra vê, aí! eu acho muita idiotice (risos).

E - Tá ótimo.

Modo escrito:

Não apenas me incomoda, mas também me causa nojo é a promiscuidade masculina em relação à mulher, a necessidade incontida de manifestar o desejo sexual pela mulher, ou melhor por todas as mulheres.

Sempre associo essa promiscuidade às classes sociais, já que as pessoas mais esclarecidas tendem a disfarçar esse sentimento. Não que não o sintam.

Li no jornal de domingo que na Alemanha o jornal mais popular apresenta fotos de mulheres nuas na capa. Fiquei

estarecida: até na Europa! No berço da civilização, no paraíso do desenvolvimento e da cultura está presente o irrefreável apelo sexual? Cheguei a conclusão de que isso deve estar presente na essência do ser humano e não ser apenas uma característica de algumas classes sociais.

Procuro agora outros argumentos para poder esclarecer melhor, pelo menos para mim, este fenômeno do comportamento humano.

Informante 9 - Toni - Terceiro grau.

Narrativa recontada

Modo oral:

E - Toni, agora eu gostaria que tu me contasse assim uma história que alguém te contou, tá?

I - É, foi um relato de um amigo meu né, que, oficial da Marinha, que esteve lá né, um período aqui em casa, na minha casa, e lá ele me relatô alguns aspectos da viagem que ele fez na formatura, porque o oficial da Marinha quando se forma na, na Escola Naval, ele tem uma viagem de instrução durante seis meses, é: corre basicamente da América até é: a União Soviética, é: por todos os países da Europa, basicamente, por todos os portos, isso é feito através de um, de um navio-escola né, e: para instrução do pessoal, última recompensa pela, por esses quatro anos de estudo, é: também: de certa forma, como ele me explicô, é: de fazer um pouco de propaganda né, do Brasil, no exterior né. E o relato que ele me fez foi quando eles chegaram à União Soviética. A cada porto que eles chegavam eles ofereciam pras autoridades locais uma recepção no próprio navio né, e era servido uma série de, de coisas né. É, assim que, que, como eu ia falá né ele, fazê uma propaganda, mostrá um pouco do que é o Brasil, dos oficiais né, e da ordem, e da, da organização de todo o sistema da Marinha Naval, é: do Brasil né, e aquele coquetel assim, muito bem <elabora>, bem típicos os pratos né, os pratos típicos, bebidas também típicas né. E ele me contô que observô as, as esposas dos oficiais né, que durante a recepção, elas iam até a mesa né, e colocavam os alimentos dentro dos bolsos, eram oficiais de alto escalão né, só que impressionou muito ele, como é que pode né. E pra, uma

surpresa maior ainda pra eles foi ao final da, da recepção, um oficial de alto escalão que eles tavam conversando, ele tava falando que eles falam um inglês muito ruim, mas dava para se comunicá, e, ao final, esse oficial pediu pra que ele o acompanhasse até o carro dele né, aí, chegando no carro o oficial entrô e começô a tirá toda a farda dele e virô pra ele e disse assim "por favor, compre a farda de mim, five dolars", cinco dólares. Esse amigo meu, <des> não esperando aquele fato né, e o desespero do, do oficial que implorava pra ele comprá a farda, é: após insistentemente o oficial é: pedir, ele acabô cedendo e dando os cinco dólares né, e levando a farda. E, isso <engra> interessante que foi comentado pelos outros, outros colegas dele né, que foi oferecido pros outros oficiais também. Diante desse aspecto ele, ele ficô muito curioso em saber qual era a condição de um: de um profissional na União Soviética né, e pra surpresa dele, ele foi constatar que um médico bem sucedido na União Soviética ganha, por mês, em torno de vinte dólares, bem sucedido né. Era isso que eu queria dizer.

Modo escrito:

Foi contada por um grande amigo meu que é oficial da Marinha. Quando ele esteve em viagem de instrução após sua formatura, percorreu da América até URSS praticamente mais de quinze países durante um período de 6 meses. O fato ocorreu na URSS, pois quando o navio chega a um país estrangeiro oferece para as autoridades locais uma cerimônia (coquetel), com o intuito de dar boa impressão do Brasil. Durante a cerimônia, ele comentou que as esposas dos oficiais russos colocavam dentro de suas bolsas alimentos ali servidos, isso impressionou muito. Ao final da recepção um oficial do alto escalão da marinha russa pediu para que ele o acompanhasse até seu carro. Chegando lá o oficial retirou toda sua farda e implorou para que ele comprasse por cinco dólares. Diante da insistência do

oficial ele acabou cedendo e comprando. Após este fato ele ficou muito curioso por saber das condições de vida de um profissional russo, e não foi surpresa saber que um médico bem sucedido na URSS ganha por mês nada mais do que vinte dólares.

Relato de procedimentos:

Modo oral:

E - Agora, eu queria que tu me relatasse é, algo que tu gostas de fazer e como tu fazes isso, quais são os passos.

I - Uma das práticas desde cedo é, que eu faço, é, atividades de mergulho né, como eu já havia falado, o mar sempre me atrai, me atrai muito quando, principalmente quando o mistério, o mistério que envolve o mar né, é: os seres humanos sabem muito pouco e então buscam, é: novas é: novas formas e novos lugares pra descobrir novas sensações, novas emoções né. E eu vejo que pra mim, o mar, ele transmite essa paz que a gente busca né, e todo esse mistério que a gente procura de uma forma, desvendár né? Muitas histórias foram contadas sobre muitas lendas e a gente procura comprovar lá embaixo né, todo esse, esse mecanismo. E uma outra, aspecto que eu também busco lá é a forma de vida dos seres, é a cadeia alimentar, como é que funciona, é, como se, como convivem as espécies marinhas e todos esses aspectos né. A prática do mergulho é essencial ao esporte, ela é muito perigosa né, então, de certa forma, se ela for encaminhada por um ser sem instrução, ela pode se tornar, é, fatal. Então é aconselhável que, as pessoas que praticam esse esporte é, realizar um curso no qual será de certa forma transmitida as técnicas né, pra se tornar esse esporte algo saudável, algo seguro né. A prática de mergulho vai necessitar de uma série de, de acessórios, pois o ser humano, ele não foi, não é, não foi é: constituído pra

viver num meio aquático né, mas sim num meio terrestre. Então, como o ser humano é: desejou né esse novo mundo, ele teve que criar uma série de acessórios para que ele pudesse é, penetrar nesse novo mundo né. Então, eu vejo, as embarcações são as primeiras né, onde o mergulhador se desloca do meio terrestre até o local onde ele vai praticar o mergulho e os acessórios que estão acoplados em seu corpo para, de certa forma, é: possibilitar né, é: não: diminuir essas restrições que têm em nosso corpo com relação à vida aquática né, então o uso da máscara onde no qual a gente é: cria um meio entre os nossos olhos e a própria superfície da água através da máscara a fim de que a gente possa ver esses objetos de uma forma, a: nítida, já que o nosso globo ocular ele é: ele é côncavo e não possibilitaria, em contato diretamente com a água, de ter uma visão clara do que a gente tá querendo ver. É, já os peixes, a função já é diferente, então há necessidade da máscara pelos seres humanos. É, o: a roupa de borracha também é utilizada pelo mergulhador, já que o ser humano, ele é considerado um animal chamado de sangue quente né, os peixes não, são frios, de forma que há os problemas de circulação e, no qual, quando, quando baixa muito a temperatura da água, a circulação, ela sai da periferia do corpo e se armazena mais nos: na: nos órgãos vitais, dando aquela sensação de frio, de calafrios né, tremores que faz com que a permanência debaixo d'água diminua. Então a gente utiliza a roupa para evitar a: esse aspecto e prolongar mais o mergulho nessa atividade. Outro tipo também utilizado são os pés de pato: né, já que o homem não é dotado de nadadeiras, então há necessidade da utilização de pés de pato para o deslocamento debaixo d'água sem o menor esforço e um maior deslocamento. Utilizamos também é: o caso daquele autônomo é: o aparelho de respiração autônoma, onde no qual o mergulhador ele tem uma autonomia dependendo da profundidade que faz é: ele mergulha, aí a quantidade de gás, de gás não, de ar comprimido que tem dentro do tubo. Utilizamos também é:

luvas né, para evitar cortes na mão, nas mãos, facas para problemas de, de redes de pescadores, normalmente os mergulhadores têm problemas com isso, se enrola e tem que se livrar e, toda essa prática né, em outras palavras, envolvida em uma série de técnicas.

Modo escrito:

Uma das atividades que mais gosto de praticar é o mergulho. A prática do mergulho sempre me atraiu muito, pois o mar se traduz em um grande mistério para o homem, lá encontramos uma liberdade e uma paz tão grande, que ao tomar contato com tudo isso dificilmente deixamos de nos apaixonar. Como em sua constituição física não foi feito para viver no meio aquático, o ser humano necessita de alguns acessórios para se manter nesse ambiente, como por exemplo: máscara, pé de pato, roupa de mergulho, snorkel (cano), aparelho de respiração autônoma, luvas, faca e etc...

Sendo o mergulho autônomo (com garrafa) um esporte muito perigoso é necessário que realizemos cursos, onde no qual será nos transmitido todas as técnicas para que pratiquemos esse esporte de uma forma segura e saudável.